



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Programa de Pós-Graduação em Literatura

Ana Luiza Nascimento Alves

NOS BECOS DA MEMÓRIA:
LUGAR, NAÇÃO E PERTENCIMENTO

Brasília-DF

2025



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de Teoria Literária e Literaturas Programa
de Pós-Graduação em Literatura.

Ana Luiza Nascimento Alves

NOS BECOS DA MEMÓRIA:
LUGAR, NAÇÃO E PERTENCIMENTO

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial para o título de mestra em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Petronilio Correia
Linha de Pesquisa: Representação da Literatura Contemporânea

Brasília-DF

2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

NA474b	Nascimento Alves, Ana Luiza Nos Becos da Memória: Lugar, Nação e Pertencimento / Ana Luiza Nascimento Alves; orientador Paulo Petronilio Correia. Brasília, 2025. 86 p. Dissertação(Mestrado em Literatura) Universidade de Brasília, 2025. 1. Becos da Memória. 2. Conceição Evaristo. 3. Lugar. 4. Nação. 5. Pertencimento. I. Petronilio Correia, Paulo, orient. II. Título.
--------	--



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de Teoria Literária e Literaturas Programa
de Pós-Graduação em Literatura.

Ana Luiza Nascimento Alves

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Petronilio Correia (POSLIT/UNB)
Orientador e Presidente da Banca

Prof^a. Dra. Mirian Cristina dos Santos
(FALED/UNIFESSPA)
Membro Externo

Prof. Dr. Paulo César Thomaz (UNB) Membro interno

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me permitir chegar até aqui, por permanecer ao meu lado nos momentos mais difíceis e por me mostrar, continuamente, que tudo é possível.

Expresso minha profunda gratidão à minha mãe, cuja força, dedicação e amor incondicional constituem minha maior inspiração. Agradeço por cada noite mal dormida, pelo esforço diário para garantir o sustento da nossa família e pela confiança depositada em mim e em meus irmãos — confiança essa que sempre teve na educação o caminho para transformarmos nossas vidas. Obrigada, mãe, pelos sacrifícios, pelas orações e por ser meu alicerce.

Agradeço aos meus irmãos, Ícaro e Gabriel. Se cheguei até aqui, é porque vocês caminharam comigo. Muito obrigada por acreditarem em mim mesmo quando eu duvidava, por cada palavra de incentivo e por, muitas vezes sem perceber, serem meu amparo durante este período tão intenso. Registro também meu agradecimento ao meu pai, pelo carinho e pelo apoio constante ao longo da minha trajetória. E, de modo especial, agradeço ao meu esposo, um dos meus maiores incentivadores. Obrigada pela compreensão, pela parceria e pelos sacrifícios que me ajudaram a alcançar este momento.

Estendo minha gratidão aos amigos que construí ao longo desta jornada na UnB. Obrigada pela troca, pelos conhecimentos compartilhados e por ampliarem minha visão de mundo. Agradeço por não permitirem que eu desistisse nos momentos em que me senti sobrecarregada pela pressão acadêmica. Um agradecimento especial à Adelaide, à Nilza, Luciano e Lucas, pela generosidade, pelo carinho e por comporem minha rede de apoio em tantos momentos. Às amigas Nathielen e Alice, minha gratidão pela parceria, pelas conversas e alegrias compartilhadas. A vocês, minha profunda admiração.

Agradeço ao meu orientador, professor Paulo. Nossa trajetória seguiu caminhos que eu não previa, e justamente por isso foi tão significativa. Obrigada pela sensibilidade, pela paciência e por me ensinar a desenvolver estratégias de resistência quando eu acreditava não ter mais forças para continuar. Sou profundamente grata pela sua orientação e pela sua humanidade. Levarei comigo, para sempre, o aprendizado construído ao seu lado.

Agradeço também à banca examinadora, por aceitarem o convite e dedicarem seu tempo à leitura e avaliação deste trabalho. Este momento representa não apenas uma conquista pessoal, mas um marco para minha família, já que sou a primeira a ingressar e concluir uma etapa acadêmica na UnB. Por isso, mesmo reconhecendo as imperfeições que possam existir no presente texto, celebro este instante com imensa alegria.

Por fim, manifesto meu agradecimento à escritora Conceição Evaristo. Embora ela não saiba, o encontro que tivemos na ABRALIC, em 2019, na UnB, foi decisivo para minha escolha de seguir na vida acadêmica. Naquele momento, eu ainda não era professora formada, mas sabia

que aquele encontro transformaria minha trajetória. Obrigada, Conceição, por ser, para mim, um exemplo de força, de ancestralidade e de resistência — e por inspirar direta e indiretamente a realização deste trabalho.

Durante os quatro séculos de escravidão nós vamos ver a atuação do negro brasileiro como um homem participante de uma sociedade, embora negando as vezes ele mesmo, a sua origem racial. Quando cheguei na universidade a coisa que mais me chocava era o eterno estudo sobre o escravo. Como se nós só tivéssemos existido **dentro da nação** como mão de obra escrava, como mão de obra para fazenda e para a mineração. Beatriz Nascimento, 2018, p.328-grifos meus).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tornando-me Negra	3
1.2 Metodologia: Uma perspectiva interseccional.	5
1.3 O meu Lugar.....	9
1.4 O lugar da Crítica	12

2. DESLOCAMENTOS E ESCRIVIVÊNCIAS

2.1 Literatura negro-brasileira.	17
2.2. Literatura negro-feminina-brasileira.....	22
2.3 Escrivivência como aquilombamento.	26

3. NOS BECOS DA MEMÓRIA

3.1 O lugar	34
3.2 O pertencimento.	43
3.3 A Nação.	53
3.4 Lá estava Maria-Nova, de olhos, ouvidos e coração bem abertos: a memória espiralar como lugar de acolhimento	62

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
---------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73
---------------------------------	----

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo central analisar a obra *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, e, a partir dessa análise, propor reflexões acerca de como as noções de lugar, nação e pertencimento são representadas na narrativa. Publicada em 2006, a obra retrata o cotidiano de uma favela sob o olhar de Maria-Nova, que, por meio de suas vivências e memórias, busca atribuir significados à vida, mesmo diante das complexidades e dos desamparos do ambiente em que vive. Embora não se trate de uma obra biográfica, como afirma a autora, a narrativa é construída a partir de fragmentos de sua memória, o que permite compreender mais profundamente as vozes reais que podem ecoar em narrativas de caráter subjetivo. Partindo do pressuposto de que há uma reprodução estereotipada de personagens negras na literatura brasileira e, consequentemente, um apagamento de suas identidades, as análises aqui propostas também buscam refletir sobre como a memória constitui um importante recurso de criação para Evaristo — uma ferramenta que influencia a maneira como a autora constrói a narrativa a partir de sua condição de mulher negra, criando, assim, espaços que oferecem à nação afro-brasileira sentimento de pertença e possibilidade. Dessa forma, sua escrita rompe com o racismo e o sexismo intrinsecamente enraizados nos processos de não pertencimento, erigidos sob o signo da branquitude imperial. A partir da interseccionalidade como procedimento analítico e crítico, proponho esta reflexão com o intuito de ampliar as discussões apresentadas, tendo como base o pensamento de feministas negras como Lélia Gonzalez (2018), Beatriz Nascimento (2018; 2019), bell hooks (2019; 2022), Angela Davis (2016), Audre Lorde (2020), Patrícia Hill Collins (2016), Grada Kilomba (2019), Djamila Ribeiro (2019), Sueli Carneiro (2019), entre outras, cujas contribuições foram incorporadas à análise para pensar as escrevivências evaristianas.

Palavras-chave: Becos da memória. Conceição Evaristo. Lugar. Nação. Pertencimento. Memória.

ABSTRACT:

The main objective of this paper is to analyze the work *Becos da Memória* by author Conceição Evaristo and, based on the analysis, propose reflections on how the notions of Place, Nation and Belonging are represented in the narrative. The work to be analyzed, published in 2006, narrates the daily life of a favela from the perspective of Maria Nova who, through her experiences and memories, tries to give meaning to life, even amidst the complexities and helplessness of the environment in which she lives. Although it is not a biographical work, as the author states, the narrative was woven from fragments of her memory, which allows us to understand more deeply the real voices that can echo from narratives of a subjective nature. Assuming that there is a stereotypical reproduction of black characters in Brazilian literature, and that, in this way, their identity is erased, the investigations proposed here also seek to reflect on how memory is an important creative resource for Evaristo, a tool that contributes to the way in which the author constructs the narrative, based on her condition as a black woman, thus constructing places that provide the Afro-Brazilian nation with a sense of belonging and possibility, breaking with the racism and sexism that are intrinsically rooted in the process and feeling of non-belonging, which arises under the sign of imperial whiteness. Thus, based on intersectionality as an analytical and critical procedure, I propose this conversation in order to expand the analyses proposed here, focusing on the thinking of black feminists such as Lélia Gonzales (2018), Beatriz Nascimento (2018;2019), bell hooks (2019;2022), Angela Davis (2016), Audre Lorde (2020), Patrícia Hill Collins (2016), Grada Kilomba (2019), Djamila Ribeiro (2019), Sueli Carneiro (2019), among others, who were incorporated into the reflections to think about Evaristian writings.

Keywords: Alleys of memory. Conceição Evaristo. Place. Belonging. Nation. Memory.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tornando-me Negra

As inquietações que motivam este trabalho surgem de experiências e sentimentos pessoais. Desde muito jovem, sempre fui observadora; percebia as pessoas, os movimentos e o meio social em que estava inserida. Aos poucos, minha inocência infantil deu lugar a inseguranças, sobretudo relacionadas ao corpo: não aceitava meu cabelo, minha pele ou minha forma.

Bianca Santana, em *Quando me Descobri Negra*, relata que, apesar de ter trinta anos, só se reconheceu negra dez anos antes. Esse processo, embora pareça estranho, é comum, pois a sociedade tende a associar as palavras “negra” ou “preta” a características negativas. Assim como Santana, passei por esse processo de “branqueamento”: não me via negra e até sentia vergonha de assumir essa identidade. Para mim, era suficiente me considerar morena.

A rejeição dos meus cachos e da minha pele refletia os efeitos de uma sociedade que busca tornar a nação branca. Santana observa que “o branqueamento apaga as nossas memórias, as conquistas que nós, pessoas negras, temos tido ao longo da história do Brasil, conquistas individuais e coletivas” (2023, p. 15). Meu processo de reconhecimento da negritude foi dificultado, inclusive por mim mesma.

As inseguranças se intensificaram ao perceber que os espaços de poder eram ocupados por pessoas com as quais não conseguia me identificar, por questões de gênero e raça. Perguntava-me se algum dia conseguiria ocupar aqueles lugares. Esse questionamento não se devia a sentimentos de incapacidade, mas à sensação de que tudo ao meu redor dizia “não”.

Esses nós se relacionavam às minhas origens e à minha família, que por muito tempo não teve acesso à educação de qualidade, e à dificuldade de enxergar outras pessoas negras alcançando sucesso profissional e pessoal. Esse pensamento, agora visível, estava carregado de violência contra mim mesma, minhas origens e minha própria existência. Neusa Santos Souza, em *Tornar-se Negro*, explica: “A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior” (SOUZA, 2021, p.19).

Minha visão negativa sobre mim mesma refletia uma realidade socialmente construída. A impressão de sempre ver pessoas pretas nos mesmos lugares não era apenas subjetiva, mas fruto de uma sociedade que, por anos, não criou condições para nossa existência e marginalizou nossas narrativas.

Na faculdade, ainda me sentia estranha. Eu, prestes a tornar-me professora, percebia que as desigualdades permaneciam e que meu alcance para transformá-las era limitado. Entendi que

minha emancipação, por meio dos estudos, era urgente. Essa emancipação não era apenas financeira, mas também pessoal: eu, mulher negra, precisava construir um discurso sobre mim mesma. Como Souza afirma, “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade” (2021, p. 45).

A literatura tornou-se aliada nesse processo, funcionando como recurso de autoreconhecimento e de reivindicação de voz. O contato com as escrituras de Conceição Evaristo despertou em mim o desejo de estudar suas produções de forma mais profunda. Assim, as discussões deste trabalho refletem tanto minhas experiências acadêmicas quanto o desejo de “erguer a minha voz” (hooks, 2019), estabelecendo em mim o sentimento de pertencimento e protagonismo. Esse sentimento já fora destacado por Abdias do Nascimento:

Não posso e não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria experiência e situação no grupo étnico-cultural a que pertenço, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define. Situação que me envolve qual um cinturão histórico de onde não posso escapar conscientemente sem praticar a mentira, a traição ou a distorção da minha personalidade” (NASCIMENTO, 2017, p. 47-grifos meus).

Construir um discurso sobre mim mesma exigiu romper com o “discurso mítico” sobre quem sou, questionando as condições a mim dadas como mulher e negra. Por isso, este trabalho não se limita à análise da obra de Evaristo; a literatura da autora também visa “criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e reafirme uma dignidade” (SOUZA, 2021), rompendo com o “mito negro” e ressignificando a nossa história.

Escrever e erguer a voz são ações que caminham juntas no desejo de afirmar minha existência no mundo. Bell hooks, em *Erguer a Voz: Pensar como Feminista, Pensar como Negra* (2019), afirma que “escrever foi uma maneira de capturar, agarrar a fala e mantê-la por perto”. Para hooks, essa necessidade surge em um contexto cultural que não permite a emissão da voz sem convite. Assim, “naquela época, falar sem ser convidado era um ato de coragem — um ato de risco e ousadia” (hooks, 2019).

Essas reflexões ajudam a compreender a realidade da literatura brasileira e a importância da autoria de mulheres negras. Conceição Evaristo ergue-se como uma voz insurgente, que, ao não aceitar os silenciamentos impostos, se apropria da palavra para dar voz a uma nação, preenchendo lacunas históricas por meio da ficção (EVARISTO, YouTube, 2020).

Neste trabalho, pretendo erguer minha voz pela escrita, instrumento essencial para desmistificar visões negativas sobre pessoas pretas. O ato de escrever é revolucionário, especialmente para mulheres negras, e a escrita de Evaristo compensa lacunas deixadas pela realidade. Glória Anzaldúa, em *Falando em Línguas: Uma Carta para Mulheres Escritoras do Terceiro Mundo*, justifica seu processo criativo:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você” (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Escrever este trabalho é, portanto, registrar a importância das narrativas de mulheres, sobretudo negras, e valorizar a escrita de Evaristo, uma grande voz da literatura brasileira. Faço isso a partir do meu lugar de enunciação de mulher negra, consciente da força da literatura para colocar ordem no mundo.

Escrever, para mulheres negras, vai além do prestígio social ou intelectual; é um compromisso com o corpo, com a pele, que sofre diariamente a violência do racismo. Escrevo para mobilizar a mim mesma e a sociedade, pois “quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (DAVIS, 2017). Este movimento se realiza pelo ato de escrever, produzindo saberes que valorizam movimentos que nos antecederam e que sofreram para que pudéssemos ocupar este lugar.

Por fim, a escrita é uma tentativa de “transformar o silêncio em linguagem e em ação”, como propôs Audre Lorde, rompendo com a tradição de silêncio:

O que é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida. A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências. O meu silêncio não vai me proteger. Se eu não erguer a minha voz, o peso desse silêncio nos sufocará” (LORDE, 2019, p. 51).

Acredito ainda, inspirada em Audre Lorde e outras feministas negras que nos encorajaram a falar, que “o meu silêncio não vai me proteger”. Por isso tenho a consciência de que devo ter o compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. E se eu não erguer a minha voz e falar “o peso desse silêncio nos sufocará” (LORDE, 2019, p. 51).

1.2 Metodologia: Uma perspectiva interseccional

A presente pesquisa inscreve-se no âmbito da literatura brasileira; portanto, a análise não pode prescindir dos procedimentos próprios do método de crítica literária. Assim, e mesmo pela perspectiva da hibridização, unem-se teorias e textos literários numa dinâmica constante de choques e intersecções. Para a realização dessa atividade, será feita uma revisão teórica e da narrativa, a fim de iniciar os trabalhos.

A abordagem metodológica desta pesquisa é qualitativa, com ênfase na análise crítica do discurso. Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda e detalhada da representação negra e das categorias lugar, nação e pertencimento na obra *Becos da Memória*.

Todas as análises realizadas foram conduzidas pela perspectiva da interseccionalidade, uma ferramenta de análise que reconhece que as categorias de raça, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária são construções mútuas que formam diversos fenômenos e problemas sociais.

Kimberlé Williams Crenshaw, jurista e professora norte-americana, é reconhecida como a principal formuladora do conceito de interseccionalidade, apresentado pela primeira vez no final da década de 1980. Sua proposta teórica emergiu da análise crítica das lacunas existentes no feminismo hegemônico e nas políticas antirracistas, que frequentemente tratavam raça e gênero como categorias isoladas. Ao estudar casos de discriminação envolvendo mulheres negras, Crenshaw demonstrou que a experiência social desses sujeitos não pode ser compreendida apenas pela soma de fatores, mas por sua articulação simultânea, que produz formas específicas de opressão invisibilizadas pelos modelos tradicionais de análise.

A interseccionalidade, portanto, nasce como uma ferramenta teórico-metodológica essencial para compreender como sistemas de poder — como racismo, sexismo e classismo — operam de maneira integrada. A partir desse aporte, Crenshaw argumenta que políticas públicas, pesquisas acadêmicas e práticas jurídicas precisam considerar essas múltiplas camadas de desigualdade para serem efetivas. Seu trabalho influenciou profundamente os estudos feministas, a teoria crítica da raça (Critical Race Theory) e os debates contemporâneos sobre justiça social, consolidando-a como uma das intelectuais mais importantes no campo dos direitos civis e das teorias sociais.

Patricia Hill Collins, socióloga e teórica feminista negra estadunidense, refletiu sobre o conceito de interseccionalidade em sua obra *Pensamento Feminista Negro*, publicada em 1990. Para ela, o conceito faz referência à ideia de que as diferentes formas de opressão não agem de forma isolada, mas se intersectam e se influenciam mutuamente.

Reconhecendo que a interseccionalidade é um conceito em contínuo processo de construção, Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, em *Interseccionalidade*, buscam refletir e responder a questões recorrentes quando se aborda o tema, como: seria a interseccionalidade um método de pesquisa, uma ferramenta de análise ou uma vertente do feminismo? Entre tantas reflexões, as autoras compreendem o conceito como investigação e práxis crítica. Para elas, a interseccionalidade como práxis crítica necessita do conhecimento adquirido por meio da prática “para orientar ações subsequentes na vida cotidiana” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 81).

Desse modo, o fazer e o agir, a teoria e a ação são inseparáveis e um molda o outro, o que significa que a práxis rejeita concepções que supervalorizam as teorias e a estrutura acadêmica e ignoram “a prática das pessoas que aplicam essas ideias em contextos da vida real ou a problemas da vida real” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 81).

No contexto brasileiro, algumas importantes estudiosas das relações entre raça e gênero refletiram sobre como essas categorias influenciam a vida de pessoas racializadas, sobretudo das

mulheres. Sueli Carneiro discute como a identidade da população negra no Brasil é profundamente marcada pela interligação entre racismo e machismo. O principal argumento da autora é que, especialmente as mulheres negras, enfrentam formas específicas de opressão que podem ser compreendidas a partir dessas duas categorias. Lélia Gonzalez também propôs reflexões sobre como o racismo e o sexismo produzem dolorosos efeitos, afirmando que:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós, o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (GONZALEZ, 2020, p. 67-68).

Em *Mulheres, raça e classe*, publicado em 1981, a filósofa e ativista Angela Davis formula várias reflexões acerca das intersecções que atravessam a vida de pessoas negras. No referido trabalho, Davis discute os trabalhos domésticos e as opressões de raça, classe e gênero enfrentadas pelas mulheres, além de argumentar sobre como essas opressões — exceto a de gênero — também atravessam a vida de homens negros. Sobre a interseccionalidade e seus desdobramentos, Djamila Ribeiro, no prefácio da referida obra, afirma:

Davis traz inquietações necessárias para que o conformismo não nos derrote. Pensa as diferenças como fagulhas criativas que podem nos permitir interligar nossas lutas e nos coloca o desafio de conceber ações capazes de desatrelar valores capitalistas. Essa é sua grande utopia. [...] *Mulheres, raça e classe* é a tradução do conceito de interseccionalidade” (RIBEIRO, 2016, p. 13).

O uso da interseccionalidade como categoria analítica possibilita uma chave de leitura que faz dessa ferramenta metodológica, como acredita Lélia Gonzalez, um horizonte de luta capaz de expor as especificidades da vida de pessoas negras e demonstrar a necessidade de um diálogo mais profundo sobre raça, classe e gênero.

Por esse motivo, ao analisar *Becos da Memória* sob a lente interseccional, pode-se perceber como diferentes formas de opressão atravessam o cotidiano de pessoas racializadas, por meio das histórias que emergem nos becos e nas lacunas da memória de Maria-Nova. Contudo, ainda que os sofrimentos causados por essas opressões sejam latentes, há uma saída — que se encontra, principalmente, na criação e na escrita de Conceição Evaristo. Pois, como afirma a autora:

Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, inscreve-se no movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita como direito, assim como se toma o lugar da vida” (EVARISTO, 2005, p. 54).

Nessa perspectiva, a escrevivência pode se tornar uma saída das armadilhas que tentam moldar as configurações sociais nas quais homens e mulheres negros vivem diariamente. Sobre isso, Carla Akotirene ressalta que “a proposta metodológica da interseccionalidade funciona como

um localizador da experiência do racismo, associado a outras estruturas presentes...” (AKOTIRENE, 2018, p. 58). Ou seja, não se trata de cair nas armadilhas racistas e ressaltar apenas o lado negativo — a exclusão e as desigualdades sociais vigentes —, mas de combater as inúmeras opressões interligadas que são responsáveis pelas mazelas das vivências de pessoas negras. A perspectiva interseccional, desse modo, é, tal como afirma Patricia Hill Collins, “um projeto de conhecimento”.

Antes de apresentar os pontos centrais, apresento brevemente *O meu lugar*: meu pertencimento, interesses e motivações epistemológicas, bem como o lugar que a crítica ocupa na pesquisa. A partir desses cruzamentos, esta dissertação se organiza em dois momentos que se relacionam.

O primeiro momento intitula-se “**Deslocamentos e escrevivências**”, no qual articulo movimentos que envolvem reflexões sobre as nomenclaturas “literatura afro-brasileira”, “literatura negro-brasileira” e “literatura negro-feminina brasileira”. Ainda nessa primeira parte, para propor uma melhor compreensão da literatura evaristiana, estabeleço um diálogo a partir da noção de “escrevivência como aquilombamento”.

A segunda parte do trabalho intitula-se “**Nos becos da memória**”, na qual apresento a trilogia central desta dissertação: **lugar, pertencimento e nação**, seguida de reflexões acerca do que chamo de “memória espiralar”.

Para tanto, no primeiro momento, em “Deslocamentos e escrevivências”, proponho-me a estudar o conceito de literatura negro-brasileira, principalmente a partir da visão da própria Conceição Evaristo, que, desde o início de sua trajetória intelectual, já se preocupava com a escolha dos termos que nomeavam a produção literária de pessoas engajadas com a realidade social dos negros na sociedade brasileira. Além de trazer os marcos iniciais e os movimentos que possibilitaram o fortalecimento da produção intelectual negra, insiro, nas discussões desse primeiro cruzamento, as diferenciações de nomenclaturas entre literatura afro-brasileira e literatura negro-brasileira, conforme defendido por Cuti (2010). Por fim, com o intuito de propor um estudo mais profundo da escrevivência evaristiana, entrecruzo o conceito de escrevivência e a noção de quilombo, de Beatriz Nascimento.

No segundo momento desta dissertação, proponho-me a realizar a análise crítica e literária da obra *Becos da Memória* e, a partir das análises realizadas, discuto a tríade **lugar, pertencimento e nação**. A proposta é investigar como cada conceito é representado na narrativa. Desse modo, analiso o **lugar** a partir das reflexões do geógrafo brasileiro Milton Santos, parte fundamental da pesquisa, visto que um dos elementos mais importantes do enredo é o espaço da favela, onde se desenrolam os acontecimentos. O estudo do conceito de **nação** é relevante, pois a construção da narrativa permite perceber que a miséria em que vivem os personagens é gerada por um projeto de nação pensado para a população negro-brasileira. Ainda sobre esse tema, proponho

refletir sobre como a escrita de Evaristo é capaz de **reescrever essa nação**, trazendo para o centro do imaginário popular os negros.

Por fim, abordo a questão do **pertencimento**, a partir das reflexões de bell hooks, com o objetivo de investigar o sentimento de pertença e de não pertença do negro na sociedade. Para isso, apresento pontos importantes da narrativa que contribuem para essa análise, sobretudo o processo de desfavelamento que permeia a história do início ao fim. Assim, unindo os três tópicos desse momento da pesquisa, trato, em último lugar, da **memória**.

Para a construção deste tópico, concepções decoloniais de memória, tempo e ancestralidade serão levadas em consideração, a fim de promover o deslocamento deste estudo para o âmbito da literatura negro-brasileira. Neste momento da pesquisa, intitulo a memória como um **instrumento espiralar**, que alonga, dilata e compacta as experiências individuais e coletivas. O objetivo é pensar a memória e o tempo para além das noções cronológicas já conhecidas e refletir sobre a importância dessa memória e da ancestralidade para a composição de uma literatura que busca agir contra as narrativas hegemônicas.

1.3 Meu Lugar

Sempre que reflito sobre a palavra *capacidade*, logo penso em quantas vezes me senti muito incapaz de realizar determinadas tarefas. Eu, como mulher negra, possuo muitas crenças limitantes que, muitas vezes, tentaram restringir as minhas capacidades. Início esta discussão com essa reflexão, pois, a partir do estudo de mulheres negras, como Gonzalez, percebo que muitas crenças que me limitam como pesquisadora, pessoa e profissional estão completamente enraizadas na impossibilidade de fala, nas violências simbólicas presentes na academia, no mercado de trabalho e nas relações interpessoais às quais estamos expostas em nossa vivência cotidiana. Ora, assumir aqui o meu lugar enquanto mulher negra remete-me a uma tradição de mulheres negras, como Lélia Gonzalez, que nos colocaram na história e, ao nos convocar a trazer a nossa agência e assumirmos o nosso risco, afirma que:

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar, com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.” (GONZALEZ, 2020, p. 225)

Diante disso, temos o ofício de não mais sermos infantilizadas, uma vez que assumimos o ato de falar. Não menciono esses pensamentos de inferioridade, muitas vezes ocultos, para causar vitimização; pelo contrário, refiro-me a eles porque são esses pensamentos que me permitiram chegar até aqui, como autora deste trabalho. Então, será que o lixo pode falar? Eu prefiro acreditar que sim — e, junto a Lélia e a tantas outras mulheres negras que me antecederam, consigo ver

que o nosso trabalho, “erguendo-nos enquanto subimos”, tal qual Angela Davis evocava há tempos, transforma-se em um forte dispositivo de resistência. Assim, de início, sem pedir licença, tomo o meu lugar de fala.

Em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984), Gonzalez, ao pensar na violência que mulheres negras sofrem na sociedade brasileira, conclui que os nossos maiores inimigos, nesse cenário, são o racismo e o sexismo. Esses dois dispositivos de violência resultam em consequências inquestionavelmente negativas para nós. A naturalização do racismo criou um péssimo hábito de silenciamento — é como se houvesse apenas um destino para nós, um único lugar: o da subalternização. Para romper com essa naturalização da violência, faz-se necessário o reconhecimento do lugar de fala.

A intelectual, filósofa e escritora negra Djamila Ribeiro, a esse respeito, pontua que “pensar lugar de fala é uma postura ética, pois saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, racismo e sexismo” (RIBEIRO, 2019, p. 83).

Voltamos aqui à questão da tomada de consciência, tão fundamental para a produção intelectual realizada por nós. O lugar de fala, nesse sentido, consiste basicamente em entender a sua posição social no mundo, com suas vantagens e desvantagens, e, dessa maneira, por meios discursivos, fazer-se ouvir. No prefácio de *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo reconhece a seriedade da escrita de mulheres, sobretudo negras, valorizando a nossa luta para conquistar novos espaços nas configurações sociais:

Se, para algumas mulheres, o ato de escrever está imbuído de um sentido político, enquanto afirmação de autoria diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo das publicações literárias, para outras, esse sentido é redobrado. O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas e os entraves a serem vencidos não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social.” (EVARISTO, 2017, p. 8-9)

Dessa forma, quando uma mulher negra assume o seu lugar de fala, há uma quebra de padrões socialmente pré-estabelecidos, no âmbito da produção acadêmica e, principalmente, além do ato político, vão se criando oportunidades de superação e luta. Portanto, é sob essa perspectiva que me proponho a colocar-me em meu lugar de fala, para que esta dissertação seja a minha forma de colocar-me no mundo, por meio das palavras, como sujeita da minha própria história. Faço isso, principalmente, reconhecendo a importância das “vozes-mulheres” que me antecederam — e não falo apenas das intelectuais negras, mas também das mulheres do cotidiano: minha mãe, tias, avós, amigas, todas.

Retornando à grande inspiração para a realização deste trabalho, Conceição Evaristo, creio ser pertinente falar também sobre o processo de escrita para ela. A autora passou, assim como

grande parte da população negra do Brasil, por uma infância marcada pela violência e pelos traumas que uma sociedade racista deixa como herança. Desde muito nova, percebeu a sua “sensibilidade de enfrentamento com o mundo” (EVARISTO, 2011, p. 103).

Fugindo da realidade que se esperava para ela, como mulher preta da favela, Evaristo conseguiu, com êxito, concluir seus estudos, fazer a graduação e tornar-se doutora em literatura. Em entrevista concedida a Eduardo de Assis Duarte (2011), transcrita em *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, a escritora conta que seus primeiros contatos com a literatura aconteceram em seu seio familiar, por meio da oralidade. Cresceu ouvindo as narrativas contadas por sua mãe, tias e tios e, logo após, teve contato direto com a literatura escrita.

Sua vida autoral começou bem depois, e suas primeiras publicações ocorreram nos anos 1990. É importante ratificar que a autora demorou muito tempo até conseguir as primeiras publicações, que aconteceram em *Cadernos Negros 13*, organizado pelo grupo Quilombhoje. Atravessada pela condição de mulher negra na sociedade brasileira, Conceição Evaristo busca produzir poemas e enredos com a plena consciência de que sua condição étnica e de gênero difere da experiência do homem branco, o qual deteve, desde o início dos tempos, o poder de construir e criar as narrativas da humanidade.

Por essa razão, a literatura negro-brasileira de Conceição Evaristo constitui um dispositivo fundamental para denunciar os mitos construídos sobre a população negra no Brasil e, sobretudo, “despertar a casa-grande de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020). Ao se apropriar da palavra, Evaristo “escreve sangrando”, a partir de dentro, a partir da experiência de uma posição subalterna.

A escrita da autora será analisada, nesta pesquisa, por meio da obra *Becos da Memória*, que narra o desamparo e o abandono presentes na vida da população residente em uma favela prestes a passar por um doloroso processo de desfavelamento. A narrativa se desenrola a partir do olhar da menina Maria-Nova, que acompanha todo esse processo escutando as histórias e acompanhando o cotidiano daquela população. Maria-Nova é uma voz feminina importantíssima para o desenrolar da narrativa, pois, ao ouvir as histórias de seus familiares e de outros moradores da favela, demonstra o desejo de, um dia, “contar as histórias dela e dos outros” (EVARISTO, 2017, p. 31).

Estabelecendo um paralelo entre a ficção e a realidade, a situação da população negra é retratada por Evaristo de modo a demonstrar como o regime escravocrata deixou sequelas profundas. É possível perceber que a narrativa de Conceição vai contra as narrativas oficializadas que pretendem sustentar o mito da democracia racial. Reforçando esse pensamento, Evaristo (2006) afirmou que lugar algum no Brasil — assim como na África — pode ser pensado como paraíso para os povos africanos. Esse argumento é importante, pois o principal objetivo deste

trabalho é entender como estão representados, na obra literária, os conceitos de *lugar* e *pertencimento* e, a partir deles, refletir sobre o conceito de *nação*. Mais adiante, detalharei como esses conceitos serão utilizados para as análises aqui propostas.

De modo geral, os principais argumentos sobre *pertencimento* a serem utilizados foram os pensados por bell hooks (2022). Para pensar as dimensões de *espaço* e *lugar*, também serão empregados alguns conceitos formulados pelo geógrafo brasileiro Milton Santos, que propõe, em *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, a reflexão de que “ser cidadão num lugar é ser cidadão no mundo”, e que “a possibilidade de existência de um cidadão no mundo é condicionada pelas realidades nacionais” (SANTOS, 2022).

Desse modo, no contexto brasileiro, ser “cidadão de um país” é um grande desafio, principalmente quando se é uma pessoa negra, visto que “a realização da cidadania reclama, nas condições atuais, uma revalorização dos lugares e uma adequação de seu estatuto político” (SANTOS, 2022). Assim, a percepção dos espaços e ambiências da favela retratada na narrativa será realizada de modo a analisar as condições do “cidadão no lugar”.

Para pensar a nação — especificamente sobre a constituição da nação negro-feminina — serão tensionados e utilizados os conceitos de nação formulados por Hall (2019), Bhabha (1998) e Benedict Anderson, que servirão como pontes para auxiliar-nos a pensar, posteriormente, de que maneira as mulheres podem reescrever a nação.

1.3 O lugar da crítica

Ora, como sabemos, enegrecer a crítica é uma atividade necessária para descolonizar o pensamento, principalmente essa crítica hegemônica, branca, masculina e autorizada pelo cânone. Ao tomar emprestada a expressão *enegrecer* da filósofa negra Sueli Carneiro, Paulo Petronílio nos mostra a importância de enegrecer a crítica e amplia os olhares e os lugares de pensamento para desaprender o cânone. Segundo ele: “enegrecer a crítica implica em abrir-nos para fluxos e experiências do fora, isto é, para múltiplas desterritorializações e deslocamentos. Fora do centro, fora do cânone” (2023, p. 2).

Estar fora, para Paulo Petronílio, significa a possibilidade de dialogar permanentemente com as questões invisibilizadas pela crítica tradicional. Enegrecer a crítica, desse modo, é político; é necessário para que ela seja humanizada, e “enegrecer o fora na experiência literária significa trazermos a força da crítica negra vista por ela mesma” (PETRONÍLIO, 2023, p. 3). E assim, fora do centro, pretendemos, neste trabalho, reunir, valorizar e cruzar os conhecimentos produzidos pela crítica negra e investigar o estado da arte, a fim de promover as análises pretendidas na obra *Becos da Memória*.

A obra *Becos da Memória*, publicada pela primeira vez no ano de 2006, é hoje uma das principais obras de Conceição Evaristo, o que contribuiu sobremaneira para o crescimento de sua

fortuna crítica. Entendendo a importância de reconhecer trabalhos acadêmicos que trataram de fazer estudos sobre a obra e sobre a voz autoral de Evaristo, em diferentes perspectivas e enfoques, a proposta deste tópico da pesquisa é apresentar uma revisão de literatura e estabelecer diálogos possíveis entre o que já foi feito e o que me proponho a fazer.

Para tanto, a fim de promover um diálogo mais assertivo entre tantos trabalhos produzidos sobre a autora, propus-me a analisar, brevemente, cinco produções acadêmicas que tratam diretamente de análises de *Becos da Memória*. A princípio, foi possível observar que a maioria das discussões se concentrou em refletir sobre o perfil identitário e as representações das personagens femininas ao longo da narrativa. Tal preterimento temático pode ser justificado por causa do compromisso assumido pela autora de representar, por meio de suas escrevivências, vozes e perfis outrora considerados marginais, de pessoas negras.

Nesse viés, Machado (2021), em sua pesquisa *Pelos Becos da Memória: Uma análise da autorrepresentação negro-feminina em Conceição Evaristo*, teceu uma análise e uma reflexão de como a literatura negro-feminina, por meio das escreviventes grafias de Evaristo, reivindica uma narrativa protagonizada pela mulher preta, para torná-la sujeito de sua própria história. Desse modo, *Becos da Memória*, para Machado (2021), é um catalisador da representação da mulher preta na literatura. Para forjar suas análises, a pesquisadora tenciona suas reflexões a partir de teorias feministas, que buscam, por essência, a emancipação das mulheres em todos os lugares sociais.

Encontrar meios para romper com o peso do silêncio é fulcral para desenvolver uma análise crítica a respeito da relevância de Evaristo no cenário atual da literatura afro-brasileira. Um argumento fundamental para a defesa das questões da dissertação da pesquisadora é a “transformação do silêncio em linguagem e ação” (AUDRE LORDE, 2020). Nesse sentido, “Evaristo encontra uma maneira de rompimento linguístico, que vem cheia de sua escrevivência, a ponto de (con)fundir personagens com sua própria história: o afeto” (MACHADO, 2021).

Outra temática consonante entre os trabalhos analisados foi a percepção da memória como recurso de inscrição e reconstrução da imagem de indivíduos afro-brasileiros no âmbito da literatura. Nesse sentido, Serpa (2014) versa, em sua dissertação intitulada *Cartografias da memória: a percepção dos lugares e de identidades afrodescendentes nos romances Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo*, sobre a relação das categorias conceituais de memória, identidade e lugar. O objetivo proposto pela autora foi o de traçar o mapa identitário a partir da percepção de lugares e de como tais lugares e mesmo a própria identidade estão ligados à ideia de memória.

Nesse diálogo, o elemento memorial é preponderante, uma vez que presente e passado se reconciliam de tal maneira que o passado passa a habitar o presente, da mesma forma que o presente habita o passado. Dessa relação entre o que é e o que foi é que o futuro pode ser vislumbrado.

Através de uma espécie de eterno retorno e eterno devir, as memórias ancestrais dos negros se sedimentam e conseguem se perpetuar enquanto identidade. Pode-se dizer que o elemento memorial é imprescindível no processo de criação da ficção de Conceição Evaristo, pois a memória vivida se faz presente na recriação literária através da “escrevivência” da autora (SERPA, 2014, p. 11).

Nessa perspectiva, a categoria memória, para Serpa (2014), é um fator essencial para estabelecer ligações entre o passado — aqui entendido como o passado de um povo marcado pelas relações coloniais — e o presente, que recria as realidades e tem esperança em um futuro melhor. Esse futuro é esperado, criado por meio das linhas narrativas de Evaristo. As relações memoriais se entrecruzam com as percepções de espaços e lugares que, na obra em questão, são descritos de forma a despertar, no imaginário do público leitor, as noções de fragmentação e não pertencimento que os afro-brasileiros enfrentam.

O conceito de não-lugares e lugares antropológicos de Marc Augé (2011), utilizado por Serpa (2014), será de grande valia para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que a narrativa de *Becos da Memória* acontece em um ambiente periférico que passa por um processo de desfavorecimento, o que causa, nos personagens, uma sensação de angústia, visto que, ainda que o local em que vivem seja miserável, é o único lugar que consideram como porto seguro.

O medo do invisível se apoderou de nós. Não tínhamos certeza de mais nada. Começaram a surgir, então, as assombrações vistas e vindas do fundo do nosso outro medo. Pessoas nossas queridas que tinham falecido havia tanto tempo, ou mais recentemente, serviam para extravasar nossos temores. Era um medo que talvez viesse de situações mais concretas, como a mudança de um local que, de certa forma, amávamos e criamos como nosso (EVARISTO, 2017, p. 166).

Neste trecho da obra, é possível perceber que, em meio ao processo de desocupação da favela, instaurou-se nos personagens um sentimento de medo, justamente por não saberem o que esperar do futuro e por perderem o único lugar que reconheciam como lar, por mais precário que fosse. Nesse cenário, o estudo do ambiente da favela na constituição da narrativa é de suma importância para a compreensão das noções de lugar e pertencimento a que a população negra está envolvida.

Souza (2023), em sua dissertação intitulada *A favela em perspectiva comparada: A expressão do espaço nas obras Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus e Becos da Memória de Conceição Evaristo*, com o objetivo de analisar a representação do espaço da favela nas duas referidas obras, constata que a favela é apresentada ao leitor como um lugar de sofrimento e desigualdades sociais e como um espaço reservado apenas aos marginalizados, pobres e pretos. Desse modo, a autora discorre sobre a divisão espacial do espaço, que se fundamenta na estrutura racista e segregacionista da sociedade.

Transpassando as dimensões de espaço físico, Queiroz (2017), em sua tese *Geo-grafias insurgentes: Corpo e espaço nos romances Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo*, amplia as noções de espaço e propõe reflexões acerca das relações entre as inscrições espaciais e suas intersecções com o corpo, gênero e raça, a partir da escrita-pele de Evaristo. Desse modo, ao fazer uma análise da trajetória socioespacial da autora, demonstra, sob a perspectiva da autorrepresentação e da escrevivência, a escrita de corpos considerados subalternos, que passam, por meio da palavra, a se positivarem com suas possibilidades e impossibilidades. Assim, “essa literatura pode romper, portanto, com os silenciamentos em torno de questões como discriminação racial, de gênero e, também, espacial, pois se trata de um discurso que se constrói a partir de si e para si” (QUEIROZ, 2017, p. 22).

A dimensão corporal é considerada, nesse viés, uma importante forma de centralizar esses corpos — corpos negros — por meio da escrita, que, por meio de suas grafias, podem se circunscrever como corpos relevantes e potentes, desconstruindo o discurso de submissão a que foram impostos.

Estabelecendo o diálogo e ampliando as análises de Queiroz (2017), nesta pesquisa, as dimensões de espaço serão exploradas a partir do entendimento do geógrafo negro brasileiro Milton Santos, que, em *A esquizofrenia do espaço*, afirma que: “Como sabemos, o mundo, como um conjunto de essências e de possibilidades, não existe para ele próprio, e apenas o faz para os outros. É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado” (SANTOS, 2022, p. 129).

Para Milton Santos, os lugares são o mundo que eles produzem de modos específicos, individuais e diversos. Nesse sentido, é preciso considerar que o ambiente da favela será, sim, analisado aqui, mas a partir do entendimento de que este lugar, descrito ao longo da narrativa como um espaço de impossibilidade de proporcionar o pertencimento à população que nele reside, é um lugar que se demonstra como uma possibilidade distante de vida, que traduz, ao sair da narrativa, a realidade-mundo de sujeitos negros. Para tanto, para Santos (1968), a existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo, uma vez que este espaço vivido permite reavaliar o presente e o futuro.

A reflexão acerca do espaço, para Queiroz (2017), é realizada de forma a considerar o corpo como um possível caminho para a compreensão da espacialidade e, por meio da relação entre corpo e espaço, considera que é possível constituir uma análise marcada pela diferença. A conclusão a que chega é que os espaços são marcadores de diferença entre gênero e raça. “Distintos sujeitos constituem seus espaços de acordo com a diferença, que muitas vezes está demarcada em suas corporeidades, como a população negra e, mais especificamente, as mulheres negras” (QUEIROZ, 2017).

A questão da diferença, nesta pesquisa, busca, à luz de Milton Santos, incorporar às reflexões aqui propostas uma visão crítica, de modo a propor uma análise tanto da condição periférica — no sentido literal e espacial — dos personagens de *Becos da Memória* quanto do lugar ocupado pela escrevivência de Conceição Evaristo. A ideia, então, é a realização de uma tomada de consciência que produza “a pedagogia da existência” (SANTOS, 1968).

Ainda pensando no espaço da favela, e em como este ambiente é propício para a narrativa de *Becos da Memória*, Oliveira (2022), em sua dissertação *A Reconstrução Ficcional da Favela em Becos da Memória*, apresenta uma leitura do romance a partir dos espaços onde se desenvolvem as narrativas. Dessa forma, é feita uma análise de como são narradas as memórias e vivências cotidianas dos personagens.

A memória, nesse sentido, é um importante recurso para a literatura afro-brasileira, pois “permite a transmissão de conhecimento do passado e presente como ponto de partida para a continuidade do tempo (período/época) e espaço (lugar)” (OLIVEIRA, 2022). Com o objetivo de refletir sobre a relação entre as noções de memória e o espaço narrativo, a autora se apropria da memória, segundo o pensamento de Pollak (1992), e afirma que os lugares individuais de cada pessoa têm a possibilidade de se tornar uma memória coletiva.

A partir dessa premissa, a proposta da pesquisadora materializa-se por meio da análise de cada personagem, sobretudo de Maria-Nova, a protagonista, que, ao ouvir as histórias dos outros moradores da favela, consegue enxergar a si mesma, ainda que o fato vivido não tenha ocorrido necessariamente com ela. Ainda nas reflexões de Oliveira (2022), no terceiro capítulo de sua pesquisa *Memória como um Lugar de Pertencimento*, a pesquisadora afirma que “elementos como paixão, medo, resiliência e conforto são alguns sentimentos que provocam emoções que levam a pessoa ao pertencimento” (p. 37).

As abordagens a respeito de pertencimento que farei nesta pesquisa são dissonantes da abordagem realizada por Oliveira (2022). Aqui, com o objetivo de promover um diálogo cada vez mais estreito com a produção de saberes de mulheres negras, a noção de pertencimento que será utilizada é a proposta pela autora e teórica feminista bell hooks, que afirma que a ideia de lugar — ao qual pertencemos — é um assunto recorrente para muitos de nós. Queremos saber se é possível viver em paz em algum lugar do mundo. É possível tolerar a vida? Nessa perspectiva, a ideia de pertencimento não tem necessariamente a ver com emoções, e sim com a possibilidade de vida que um lugar, físico ou não, pode nos proporcionar.

Ao analisar as cinco produções acadêmicas, a maioria muito recente, pode-se considerar que os estudos sobre a autoria de Conceição Evaristo são muito necessários e urgentes. Ainda que as abordagens sejam bem parecidas, cada uma, em sua particularidade, contribui para o aumento da fortuna crítica da autora e para a quebra da “história única”, que, para Chimamanda Adichie,

em sua palestra no evento *Technology, Entertainment and Design* (TED Global), “rouba a dignidade das pessoas, dificulta o reconhecimento da nossa humanidade compartilhada, enfatiza o quão diferentes somos em detrimento de quão iguais somos” (ADICHIE, 2009).

Portanto, romper com a tradição de escuta e crença em narrativas que contam várias versões de uma única história faz-se necessário, sobretudo no âmbito da literatura brasileira, que historicamente negou e não quis ver a ascensão de vozes negras, “vozes-mulheres”, vozes que trazem consigo a multiplicidade de existências e modos de vida. Nessa perspectiva, a fim de enriquecer as discussões propostas neste trabalho e para fortalecer esse diálogo, as contribuições de Mirian Cristina dos Santos, uma importante estudiosa de intelectuais negras da prosa brasileira, serão essenciais, principalmente, para a análise literária da obra *Becos da Memória*.

Além das questões sociais que permeiam a vida dos personagens da narrativa, existe uma preocupação de Evaristo com a denúncia da realidade nua e crua da população negra no interior de espaços periféricos. Essa denúncia se dá a partir das linhas narrativas que demonstram como Maria-Nova recorria, por necessidade, às diversas histórias contadas por pessoas mais velhas, pelas pessoas com mais experiência de vida. Pela escuta, a menina guardava, nos becos de sua memória, experiências individuais e coletivas daquele lugar. A esse respeito, Mirian Santos afirma que:

Mediante exemplos e ensinamentos dos velhos da favela, Maria-Nova atenta para as necessidades de seu povo, como também para a preservação de suas memórias. Nesse sentido, seguindo o conselho de Tio Tatão, ouvir e observar as experiências dos próximos, sobretudo dos mais velhos, são fatores essenciais para a sua formação. Para melhor recordar, a personagem-narradora recorre aos fatos narrados, às imagens, aos moradores, aos becos da favela, tecendo e mantendo a memória coletiva da comunidade (SANTOS, 2018, p. 78).

Assim, a composição da personagem principal é muito pertinente para a compreensão do caráter social e dos deslocamentos que a literatura negra produzida por mulheres é capaz de realizar. Desse modo, como não pensar na literatura negro-brasileira como esse lugar que localiza o sujeito negro no centro do discurso? Isso veremos nos próximos capítulos desta conversa.

2. DESLOCAMENTOS E ESCRIVIVÊNCIAS

2.1 Literatura negro-brasileira

Pensar o conceito de literatura afro-brasileira já é, por si só, autoexplicativo, quando se observam as discussões centrais desta pesquisa; portanto, é imprescindível trazer, de início, os principais argumentos acerca deste tema. Conceição Evaristo, nesse sentido, será valorizada aqui tanto como escritora quanto como pensadora e intelectual, visto que, em 1996, em sua dissertação

de mestrado intitulada *Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afro-brasilidade*, forja o início de um pensamento potente acerca do que é, de fato, a literatura negra.

Evaristo inicia o seu pensamento afirmando que a abordagem realizada em seu trabalho pretende pensar a literatura negra “como um possível espaço, mantenedor e difusor de uma memória étnica, assim como um espaço revelador de uma poética de nossa afro-brasilidade” (EVARISTO, 1996, p. 2). Em outras palavras, pensar em uma literatura negra é pensar em uma narrativa que seja capaz de, graficamente, valorizar a memória de um povo por meio de um discurso próprio. A autoria desse discurso, de acordo com a autora, é realizada pelas “culturas representativas” que expressam o que se convencionou chamar de minorias sociais.

Ao falarmos de literatura negra, não nos baseamos somente numa referência racial, mas pensamos, antes de tudo, na maneira como o escritor vai tratar, vai lidar com esse dado étnico que ele traz de si. Falamos de uma literatura cujos criadores buscam, conscientes e politicamente, a construção de um discurso que dê voz ao negro como sujeito que auto se apresenta em sua escritura (EVARISTO, 1996, p. 2).

Dar voz ao negro, por meio da literatura, nessa perspectiva, é uma estratégia que busca valorizar narrativas conscientes, a partir do entendimento de que as narrativas reconhecidas como “oficiais” não inserem “mundos diversos” e não estão nem um pouco preocupadas em ouvir vozes que não se assemelham a elas. O brasileiro, por si só, tem dificuldade de se reconhecer racista e privilegiado — isso diz muito sobre o esforço de sempre manter o *status quo* em todos os setores sociais.

Este argumento é fundamentado na “difícil digestão” que os brasileiros têm quando se trata de discutir questões raciais, o que Cuti (2010) reconheceu ao afirmar que os primeiros a darem início ao questionamento envolvendo os africanos, sua descendência e a literatura brasileira foram os estrangeiros. A violência, a negação de complexidade, a comiseração e o preconceito existentes na retratação do negro na literatura eram formas de negar suas capacidades e a sua importância para a formação da sociedade brasileira.

A escravidão havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura, como reflexo e reforço das relações sociais e de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade, portanto, humanidade. Após a abolição, fica evidenciada a discriminação antinegra pela ausência de projeto oficial de integração da massa escravizada que sai do campo e emigra para a área urbana, ou lá continua, enfrentando situações semelhantes ao regime que se extinguiu formalmente (CUTI, 2010, p. 16).

O retrato histórico descrito por Cuti é a prova evidente de que o projeto de nação brasileira não incluiu as pessoas negras. Isto é, não as inserindo em termos sociais e econômicos, tampouco em termos culturais e narrativos. Esse pensamento é oriundo da reflexão sobre a exclusão a que a população negra foi sujeita durante séculos, pois, ainda que legalmente estivessem livres, na prática, a realidade denunciava a falta de um projeto que acolhesse e inserisse os negros na sociedade

de forma digna e igualitária. Nota-se que foi negada a possibilidade de uma vida digna, de uma existência minimamente visível aos olhos da classe dominante e, entendendo a literatura como esse campo de criação e reinvenção da realidade, mas também como campo de possibilidade de retratação do mundo real, percebe-se que, na literatura tradicional brasileira, há essa tendência de negação, exclusão e estereotipização da pessoa negra. Por esse motivo, pensar em uma literatura cuja produção está nas mãos de pessoas negras é fundamental para recriar um novo cenário nacional, considerando-se, aqui, o poder vital que a literatura assume na formação de uma sociedade.

Constatada a necessidade da produção de narrativas que surgem a partir das margens da sociedade, é necessário pensar no teor ideológico que a literatura, cujos sujeitos de enunciação são pessoas negras, assume, pois tem como principal função inserir o negro na sociedade por meios discursivos. Sem desconsiderar os precursores da literatura afro-brasileira, Evaristo (1996) ratifica que os caminhos percorridos pela literatura não podem ser desvinculados das produções ideológicas do Movimento Negro, que, na década de setenta, começou um processo que buscava construir uma identidade negra: a africanização.

Nesse contexto, a partir das produções intelectuais e literárias que surgiram com o Movimento, formou-se um número significativo de pessoas negras conscientes de sua condição étnica. O Movimento Negro “vai ser então a mola propulsora, o espaço ideológico onde se vai formar e/ou alimentar a conscientização desse discurso e, ao mesmo tempo, um dos lugares — o maior — de recepção dessa escrita” (EVARISTO, 1996, p. 15).

Pensar o processo de tomada de consciência foi fundamental para Evaristo delimitar o conceito de literatura negra. Neste trabalho, igualmente, esse processo será levado em consideração, principalmente porque a literatura, nesta pesquisa, será considerada um forte instrumento de denúncia e um elemento fundamental que reescreverá as narrativas nacionais.

A palavra poética surge, então, transgredindo o sentido da história oficial, apresentando fatos e interpretações novas que contestam o discurso histórico do colonizador, buscando imprimir uma autoria negra a uma história onde se lê apenas a marca, a presença do dominador (EVARISTO, 1996, p. 110).

A palavra poética, então, é a linha que une o presente e o passado para “sonhar o futuro”. Outro argumento defendido por Evaristo para definir a literatura negra é a sua capacidade de registrar uma memória social conjunta — memória essa encarada como elemento fundamental para inserir o indivíduo dentro de um espaço significativo.

Por se tratar de um trabalho que valoriza a escrita de mulheres pretas, para pensar nos desdobramentos epistemológicos acerca da literatura negra, a proposta é pensar a partir de Conceição Evaristo, tendo-a como a espinha dorsal deste conceito. Para estabelecer um diálogo com a autora, serão aqui também inseridas as reflexões de Cuti (2010) para pensar amplamente em todo o contexto histórico que envolve a produção de pessoas negras, sobretudo de mulheres.

Caminhando contra o pensamento da crítica tradicional e de muitos escritores que acreditam ser um mero exagero denominar uma literatura como negro-brasileira, Conceição Evaristo, já em sua dissertação, ratifica que um dos pontos centrais para a valorização da literatura produzida por pessoas negras, conscientes de seu papel de representação étnica, é a compreensão de que “uma proposta estética universalizante não abarca mundos diversos”, portanto, pensar na produção de outras narrativas é, sobretudo, ouvir a voz do outro.

Para Evaristo, se pensar no outro sob o signo da diferença é colocá-lo no lugar do “desvio da norma, do modelo universal”, em vão é o esforço e o trabalho de toda uma intelectualidade negra. Nessa perspectiva, pensar no outro, para a autora, é pensar em outras existências possíveis, no pluralismo de ideias e narrativas, na diversidade. Desse modo, na prática, observa-se que a produção literária da autora inscreve-se no âmbito dessa literatura que, por seu teor ideológico, por sua composição narrativa engajada com a trajetória de pessoas negras e sua relação com uma sociedade racista, destaca-se pelo teor poético, atento e crítico de uma realidade que tende a descartar determinados modos de existência.

Não é possível pensar na valorização da literatura negro-brasileira sem mencionar o momento histórico que representou o início de uma nova fase para os pensadores brasileiros. No Brasil, com todas as movimentações realizadas pelo Movimento Negro, o momento mais decisivo para a consolidação e ascensão de intelectuais negros foi por volta da década de 1980, com a fundação do grupo Quilombhoje, iniciado por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, com o objetivo de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura. O grupo tinha como objetivo central incentivar a leitura e promover a difusão de conhecimentos e informações, bem como desenvolver e incentivar estudos e pesquisas sobre literatura e cultura negra.

Ainda que o fortalecimento de grupos impulsionados por movimentos que valorizavam a cultura negra tenha se consolidado no Brasil na década de 1980, a literatura produzida por escritores e escritoras negras já era anteriormente autonominada como Literatura Negra. Aqui, cabe analisar brevemente as diferentes nomenclaturas que essa produção recebeu ao longo do tempo em solo brasileiro.

Em *BrasilAfro Autorrevelado*, a escritora, poeta, ativista e assistente social Miriam Alves, ao propor uma discussão e fazer um estudo acerca do surgimento da manifestação literária contemporânea afrodescendente no Brasil, explica que a expressão “Literatura Negra” começou a ser utilizada no país com frequência a partir da década de 1970, por escritores brasileiros que queriam, de alguma forma, denunciar a falácia da democracia racial. Além disso, esses escritores, segundo a autora, passaram a questionar a “seleção excludente” que determinava quais autores deveriam ser lidos e quais conteúdos deveriam fazer parte do currículo escolar.

Um marco importante para isso se deu no final da década de 1970 do século XX, mais precisamente no ano de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo; surgia o Movimento Negro Unificado contra Discriminação Racial, cuja sigla logo passou de MNCDR para tão somente MNU – Movimento Negro Unificado. Esse evento histórico dinamizou as entidades. No bojo de toda essa movimentação social que gerou, no mesmo ano, ocorre o lançamento da série *Cadernos Negros* (CUTI, 2010, p. 28).

De certo, Cuti percebe que o surgimento do Movimento Negro no Brasil foi um importante marco para o firmamento da literatura produzida por pessoas negras. Voltando à questão da nomenclatura, para o autor, a classificação de *afro* ou *negro* “não tanto faz” — isso o escritor defende de maneira evidente no capítulo homônimo da obra *Literatura Negro-Brasileira* (2010).

Os argumentos utilizados para defender a tese são que, em primeiro lugar, por razões enraizadas no pensamento racista, há uma eliminação sistemática da personagem negra na literatura. Cuti observa que ou a personagem morre ou tem a sua descendência clareada, ou seja, na visão do autor, a existência do negro na narrativa só pode ocorrer no sentido de este tornar-se branco, pois, de acordo com ele, “a afro-brasilidade pode sobreviver sem o negro, uma vez que um afro-brasileiro pode ser um não negro”. Complementa o autor:

Daí tal terminologia corresponder às ideias do antropólogo Gilberto Freyre, relativas à noção de uma hierarquia cultural, em que as manifestações de origem africana seriam consideradas estágios inferiores e o cruzamento biológico no Brasil apontaria para o que chamou de ‘metarraça’, ou seja, um futuro de população morena que apagaria toda e qualquer tensão racial (CUTI, 2010, p. 33).

Logo, Cuti defende que a denominação *afro* para a produção da literatura negro-brasileira é projetar a literatura à sua dimensão continental, deixando à margem a literatura brasileira. Nessa perspectiva, na visão do autor, “afro-brasileiro e afrodescendente são expressões que induzem a um discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana” (CUTI, 2010).

O cerne do argumento do escritor é, então, a conclusão de que relacionar a literatura negro-brasileira com a literatura africana produz o efeito do não questionamento da realidade brasileira: “a literatura africana não combate o racismo brasileiro” (CUTI, 2010).

O campo semântico de tais termos, nesse sentido, dá força às reivindicações desejadas pelos escritores engajados na luta antirracista. O pensamento de Cuti parece defender a ideia de que a utilização do termo “negro”, quando se fala de literatura, é expor uma realidade que há muito é silenciada e escondida — a realidade do Brasil racista. Portanto, por trás da preocupação com a escolha do termo, para o autor, há uma gama de preocupações com relação à identidade nacional.

Por outro lado, em *Literatura Afro-brasileira* (2006), organização de Florentina Souza e Maria Nazaré Lima, defende-se a ideia de que, enquanto a expressão *literatura negra* foi pensada

para dar sentido à identidade de sujeitos negros em uma sociedade que não foi pensada para acolher essas existências, o termo *literatura afro-brasileira* assume a liberdade criativa que o próprio conceito de literatura indica e relaciona esse ato criativo com a África.

Essa relação entre a literatura e a África traduz a realidade diaspórica das “matrizes culturais”, que são o fio condutor da construção narrativa de escritores brasileiros que assumem o compromisso de, por meios discursivos, reconstruir a imagem do negro na literatura, valorizando sua luta e cultura, e considerando a pluralidade como elemento fundamental da cultura brasileira.

2.2 Literatura negro-feminina-brasileira

Desse modo, levando em consideração todos os estudos acerca dos termos *literatura negra* e *literatura afro-brasileira*, neste trabalho, a produção literária de Conceição Evaristo será denominada **negro-feminina-brasileira**, pois, assim como afirmou a autora ao discorrer sobre a origem do termo *escrevivência*, em *Escrevivência: a escrita de nós*:

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos como com a diáspora africana (EVARISTO, 2020, p. 30).

Ao refletir sobre a escrita de pessoas negras e sobre a relevância deste trabalho, é necessário reconhecer que não há como separar a condição de ser negro, na sociedade atual, do passado colonial, das condições de violência e exploração às quais as pessoas escravizadas foram submetidas e das heranças que esses mais de três séculos de escravização deixaram, seja na perceptível desigualdade social, que tem como base, no Brasil, o racismo, seja nas diferentes formas de narrar uma mesma e única história sobre esses povos e seus descendentes. Nesse sentido, Conceição Evaristo coloca-se nesse lugar de ser a voz que “celebra” sua ancestralidade, ao passo que dá voz, sobretudo, às mulheres — coluna dorsal de sua produção.

De fato, é perceptível que trazer a figura de mulheres negras para a literatura é uma das contribuições de pensadoras alinhadas aos pensamentos feministas, sobretudo das feministas negras. Lélia Gonzalez, em *Racismo e sexismo* (1984), discorre que há papéis específicos reservados às mulheres negras na sociedade — desde o lugar da sexualização até o lugar do descarte e dos serviços subalternos. Pensar, nesse sentido, na mulher negra como produtora de saberes é um grande desafio para a intelectualidade hegemônica, que acredita que a reafirmação dos discursos pautados na visão colonial, os quais privilegiam apenas determinados indivíduos, é, de acordo com Grada Kilomba (2019, p. 65), uma “ótima maneira de colonizar, isto é, ensinar colonizadas/os a falar e escrever a partir da perspectiva do colonizador”.

Ao observar o histórico de exploração e violência sofridas por mulheres negras ao longo dos séculos, nota-se que, antes de tudo, essas tiveram sua humanidade negada, sobretudo por meio

do silenciamento. Esse silenciamento foi, por muito tempo, instrumento de poder que buscou, antes de mais nada, objetificar e negar a complexidade e a capacidade discursiva dessas mulheres. Conceição Evaristo, dessa forma, estabelece-se como uma forte representante dessas “vozes-mulheres”: narrativas de mulheres negras que buscam reconstruir, no imaginário da sociedade, sua identidade, relevância e potência.

Ao discorrer sobre seu processo de escrita, Evaristo, em *Escrevivência: a escrita de nós*, reflete sobre algumas indagações que lhe vêm à mente quando pensa no ato corajoso que leva mulheres como ela a se engajarem nos caminhos da vida autoral. Desse modo, pensamentos como: “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita?” invadem os pensamentos da escritora. Para ela, certamente, essas mulheres perceberam que a leitura é capaz de desenvolver uma habilidade de “apreensão do mundo”; por outro lado, a escrita pressupõe um “dinamismo próprio do sujeito da escrita”, dando a esse sujeito a oportunidade de inscrever-se no mundo.

Nessa direção, a escrita de mulheres negras possibilita não só que essas mulheres tenham uma nova percepção da vida, como também que, a partir de suas experiências, narrem histórias e, pelo próprio processo criativo que a literatura pressupõe, alcancem outras vozes que combatam as armas discursivas que buscaram, sobretudo apoiadas na lógica colonial, deslegitimar essas vozes. Anzaldúa, em um texto dirigido às escritoras do terceiro mundo, ao justificar o motivo pelo qual insiste no ato da escrita, afirma:

Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. a. [...] Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

As narrativas produzidas por mulheres negras fazem parte de um grande movimento que deseja, acima de tudo, desconstruir todas as imagens falsas criadas sobre nós, construir pontes entre o passado e o presente a fim de resgatar o olhar afetivo, perdido ao longo dos anos, sobre as nossas experiências. É uma escrita de nós para nós: é autorreconhecimento, é audácia, é consciência de ser mulher negra neste mundo que não parece estar preparado para nos ver em outros papéis e lugares na sociedade — lugares que, a partir das margens, desestabilizam o cânone e atribuem novos sentidos à Literatura Brasileira.

Ao propor um estudo sobre a literatura negro-brasileira produzida por mulheres negras, a professora, mestre e doutora em Letras Míriam Santos observou qual seria o papel da escritora negra enquanto intelectual no mundo contemporâneo — mulher que “vem à esfera pública procurando construir um espaço de intervenção na realidade social” (SANTOS, 2018). A palavra *construção* é muito pertinente quando se fala de literatura produzida por mulheres negras, pois

elementos da realidade entrelaçam-se com elementos ficcionais, criando, assim, um lugar de refúgio, reivindicação, escuta e diálogo.

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, coletânea de contos de Conceição Evaristo publicada em 2016, a autora narra como acontece esse espaço de construção de narrativas:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2016, p. 7).

A partir da escrita da autora, percebe-se que, para além do comprometimento político, a construção narrativa de Conceição Evaristo a coloca em um lugar não esperado para mulheres negras: o lugar da criação e reinvenção transgressora da escrita. A (con)fusão entre o vivido e o não vivido traz à tona discussões que anteriormente eram completamente apagadas e esquecidas pelas literaturas canônicas. Nessa perspectiva, o papel da escrita de Evaristo revela-se fundamental para o fortalecimento da identidade de mulheres negras que, em outras narrativas, não tinham a possibilidade de se enxergar.

Em *Mulheres, raça e classe*, a professora, escritora e ativista política Angela Davis observa a importância do surgimento de contranarrativas capazes de desfazer os “mal-entendidos” históricos que as narrativas oficiais construíram ao longo do tempo, disfarçados de verdades absolutas sobre a experiência de mulheres negras, sobretudo as escravizadas:

Se, e quando, alguém conseguir acabar, do ponto de vista histórico, com os mal entendidos sobre as experiências das mulheres negras escravizadas, ela (ou ele) terá prestado um serviço inestimável. Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a era escravista trarão esclarecimento sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres em busca da emancipação (DAVIS, 2016, p. 17).

Nessa busca pela emancipação, é necessário compreender bem o lugar em que as mulheres negras se enquadravam historicamente, para que se promova um deslocamento da exploração — ou seja, do cenário em que essas vidas eram vistas apenas como propriedade de trabalho — para o momento atual, em que mulheres, por meios discursivos, buscam não só ascender socialmente, mas também ocupar um lugar ativo de voz na sociedade.

Na mesma direção, Miriam Alves (2010), ao refletir sobre as condições de “ser mulher escritora no Brasil”, conclui que a experiência de escrita dessas mulheres está diretamente relacionada à quebra do silêncio e à transposição dos lugares que definem “procederes e funções pre-estabelecidas”. Ser mulher escritora, no Brasil, “é também dispensar a mediação da fala do desejo delegada e exercida em última instância pelo homem investido do poder falocrático” (ALVES, 2010, p. 183).

No plano da ficção, por meio da voz ativa, mulheres negras conseguem caminhar e percorrer espaços que, em outras narrativas, nunca puderam alcançar. É “... num aperto de espaço definido, ou predefinido, onde está incrustada, que a mulher escreve, inscreve, reescreve, enunciando, denunciando e, a partir da palavra, tenta romper, desbloquear, deslocar ou deslocar-se” (ALVES, 2010, p. 183). A quebra do silêncio de anos proporcionou grandes avanços no que se refere aos direitos das mulheres e à luta pelo empoderamento.

Em *Mulheres reescrevem a nação*, Rita Terezinha Schmidt observa, à luz de Mary Louise Pratt em *Mulher, literatura e irmandade nacional*, que, desde sempre, as mulheres foram destituídas da condição de sujeitos históricos, políticos e culturais: “... jamais foram imaginadas e sequer convidadas a se imaginarem como parte da irmandade horizontal da nação e, tendo seu valor atrelado à sua capacidade reprodutora, permaneceram precariamente outras para a nação” (SCHMIDT, 2000, p. 86). Por isso, no que se refere às mulheres negras, percebe-se que há algo de poderoso que pode surgir de nossas narrativas: podemos, nessa perspectiva, sempre reinventar novas possibilidades de pertencer por meio da escrita.

“Erguer-nos enquanto subimos”: eis a frase poderosa que Davis formulou ao concluir que é necessário que nós, mulheres negras, ascendamos e que tenhamos a garantia de que as “nossas irmãs” estão vindo conosco — ou seja, é um movimento conjunto. A autora acreditava que a busca pela igualdade racial e de gênero só poderia ser efetivada a partir dessa premissa: ou sobem todas, ou a luta será em vão.

A raiz do termo “erguer-nos enquanto subimos” surgiu em um contexto no qual Davis refletia sobre a realidade de mulheres afro-americanas do século XIX. No entanto, apropriando-me do termo, incorporo-o à realidade brasileira, especificamente no âmbito da literatura produzida por mulheres negras, no sentido de acreditar que a nossa escrita é capaz de mudar o estado das coisas: a realidade na qual vivemos, a mentalidade retrógrada que nos paralisa e nos caracteriza como uma coisa só, e que constrói desigualdades.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.
A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas

virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.
(EVARISTO, 2008, p. 21)

Neste poema, Evaristo traduz com precisão como o lugar de autoria se demonstra uma forte ferramenta e expressão de resistência e empoderamento milenar, que passa de geração em geração. Dessa forma, a escrita de mulheres comprometidas com os laços da coletividade, que buscam, por meio da memória, representar múltiplas formas de existência, constitui um processo que se dá pelo coletivo — por uma ancestralidade que se revela como matéria-prima para a produção dessas narrativas.

Ao falar sobre alguns elementos que fazem parte do processo criativo, Conceição Evaristo afirma que esse processo está completamente envolvido pela observação e pela intuição. O esforço de aproximar o texto da fala oral é um dos elementos que compõem o projeto estético da autora. Daí vem também o desejo de sempre manter traços de sua subjetividade em todas as suas obras e de assumir procedimentos estéticos e literários capazes de fazer viver tudo o que foi apagado e silenciado pela história oficial.

Desde que utilizou o termo *escrevivência* pela primeira vez, a autora revela sua intenção de estabelecer uma íntima relação entre a produção literária e a realidade vivenciada por negros e negras ao longo da história brasileira — intenção que recolhe todas as suas lembranças de vida e as mescla com a observância das demais. No fundo, a *escrevivência* é a máxima expressão das vozes que querem compor uma nova forma de literatura: uma expressão de resistência, de luta, uma expressão de aquilombamento.

2.3 Escrevivência como aquilombamento

Se houvesse um monumento à memória negra, deveria ser construído no fundo do mar, em homenagem àqueles que se perderam na travessia. Na impossibilidade de levantar tal monumento, me dedico a construir uma obra literária sobre o tema. Conceição Evaristo (FOLHA DE SÃO PAULO, 4 mai 2017).

A autora Conceição Evaristo pensou, pela primeira vez, no termo **escrevivência** em sua dissertação de mestrado, intitulada *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Nesse trabalho, Evaristo buscou fazer uma análise crítica sobre o conceito de literatura negra, como forma de apresentar ao mundo uma maneira única de escrita — um fazer literário que se diferencia dos outros pela forma de representar minorias, apresentando o negro como sujeito central de seu próprio discurso.

Antes de mais nada, é preciso dizer que, até o “sujeito-corpo-autor” de Conceição ser reconhecido como uma das principais vozes da literatura afro-brasileira, a autora percorreu um longo caminho de rejeições no meio editorial — certamente por não considerarem sua literatura digna de reconhecimento. Ironia do destino, ou não, a autora lançou pela primeira vez seus poemas no grupo **Quilombhoje**, que nasceu do desejo de fazer a literatura afro-brasileira ganhar mais visibilidade no cenário nacional.

Eduardo de Assis Duarte, em seu artigo *Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica*, publicado pela organização do Itaú Social, com o objetivo de trazer diferentes olhares sobre a escrevivência de Conceição Evaristo, ratifica a postura coletiva que os integrantes do Quilombhoje tinham, com o propósito de criar, de fato, um verdadeiro “quilombo literário”:

Diferentemente do “quarto de despejo” — metáfora carolineana da favela como reencarnação da senzala, e tão presente na metrópole conservadora, apesar de cosmopolita —, o quilombo literário de agora resiste tendo nas mãos o livro: utopia da palavra poética como instrumento de identificação, a inquietar mentes e corações no processo de construção de si mesmos enquanto negros. (DUARTE, 2020, p. 80).

A partir desse momento, já é possível considerar que a **escrevivência** é a materialização poética do quilombo. Desse modo, o “sujeito-corpo-autor”, envolvido no processo de escrever, tem a possibilidade de se inscrever em sua escritura, não como uma forma superficial de falar sobre uma realidade estereotipada e fantasiosa — quase mitológica —, na qual os sujeitos negros vinham sendo representados há muito na literatura brasileira, mas como um modo de denunciar uma série de violências às quais estão expostos todos os dias — violências essas que apenas reafirmam a sociedade racista em que vivemos.

Nesse sentido, pode-se perceber que a escrevivência, de certa forma, quebra uma série de falsas expectativas sobre a construção não só identitária, mas também de saberes de pessoas negras. Sabe-se que, ao longo da história, os negros foram privados de muitos direitos básicos por simplesmente terem sua humanidade negada. Tal pensamento colonial e violento, que há tanto tempo massacrou vozes e existências, lançou às margens da sociedade toda uma nação. Nessa perspectiva, Fanon, em sua obra *Os Condenados da Terra*, afirma que “a zona habitada pelos colonizados não é complementar da zona habitada pelos colonos”, ou seja, o mundo colonial é

dividido em dois e não há forma de conciliação entre essas realidades. Para Fanon, a cidade dos colonos é:

Uma cidade iluminada, asfaltada, onde caixotes de lixo regurgitam sobras desconhecidas, jamais vistas, nem mesmo sondadas; uma cidade saciada, enquanto a cidade do colonizado é um lugar de má fama, povoada de homens mal-afamados; é um mundo sem intervalos, onde homens estão uns sobre os outros, em casas umas sobre as outras. (FANON, 1968, p. 26).

Nessa compartimentação de dois mundos diferentes, é possível perceber que há uma **desumanização** do sujeito negro, evidenciada pelo descarte de seus corpos como corpos quaisquer, como nada — lugar em que, segundo Fanon, “se nasce não importa aonde, não importa como; morre-se não importa onde, não importa de quê”. Desse modo, a escrevivência busca **resignificar** esses lugares, essa cidade, essa nação que, do ponto de vista colonial, não chega a ser uma nação.

Aqui, na escrevivência, onde nascemos importa — não somente o lugar, mas também de quem. A nossa ancestralidade importa; as nossas mães, avós, tias e sobrinhas importam! O nosso corpo-pele é lugar de memória de toda uma nação. Os nossos saberes e modos de vida são inspiradores de resistência. A violência surge como denúncia de uma sociedade marcada pelo pensamento colonial e imperialista, que não permite que nossa voz e nossa vida tenham o mínimo de dignidade.

No terceiro capítulo de sua dissertação, intitulado *Escrever inscrevendo-se pela memória da pele*, Conceição Evaristo afirma que “o corpo é o primeiro sinal visível do corpo negro enquanto negro” e que a exposição desse corpo encontra uma delimitação de espaço no mundo por causa de um pensamento de diferença étnica, o qual reafirma a supremacia branca que quer ser o parâmetro de tudo o que existe.

A literatura negra é um instrumento que busca trazer novos e positivos olhares ao sujeito negro — não apenas no âmbito da literatura, mas também de forma pessoal. O orgulho será o propulsor de “cantos de louvor e orgulho étnico, que se chocarão com os olhares negativos e com a estereotipia que é feita sobre o mundo e as coisas negras”. Nesse lugar que a escrevivência ocupa, como operadora de erguimento de uma nação, pode-se verificar um aprofundamento do perfil e das descrições do negro, o que a torna também um espaço de resistência. **Reexistir é preciso**, diante das realidades que nos massacram, que trazem um olhar de pauperização, marginalização e violência sobre nós.

Inscriver-se pela memória da pele é, também, um sinal de liberdade — uma alforria da prisão de nossos corpos e saberes, que, através da palavra poética, segundo Evaristo, “procura dar outras lembranças às cicatrizes e às marcas dos chicotes”. Agora, por meio da palavra, esse chicote se voltará para o colono, para a sociedade que não compreendeu — e ainda não compreende — a legibilidade de nossas vivências, oralidades e tradições. Esse chicote, essa cicatriz, estará eternamente marcada no seio da humanidade: uma cicatriz que, agora, se torna um sinal de vida, de sobrevivência, que busca se recuperar das tentativas genocidas de nos exterminar.

A palavra — aqui, o fazer poético — é a performance de uma vivência que quer se inscrever positivamente na sociedade. **Basta! Chega!** É tempo de positivar os nossos saberes. Não há mais tempo para lamentos: a nossa pele quer falar; nossas lembranças e memórias querem se fazer conhecidas — não para que a “branquitude”, por conveniência, tente dar crédito à nossa voz (pois não precisamos), mas para que reconheça o seu lugar privilegiado.

Pensando nisso, a escrita da pele, marcada por vivências que nos colocam em um lugar não de vergonha ou constrangimento — talvez de revolta e indignação —, é capaz de revelar as potencialidades, talvez adormecidas, do negro. Evaristo, em sua vida autoral, deixa claro que existe uma preocupação específica, de sua parte, em erguer as figuras femininas ao centro da narrativa, demonstrando uma profunda valorização da ancestralidade negra, que tem, em seu cerne, a mulher.

A voz de minha bisavó ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó ecoou. obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheiasdebaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo
caminho empoeirado rumo à favela
A minha voz ainda ecoa versos perplexos
com rimas de sangue e fome.
A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filharecolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade
(EVARISTO, 1990, p. 32-33)

No poema *Vozes-Mulheres*, de Evaristo, percebe-se que, ao retomar a ancestralidade a partir das mulheres — que, sim, são as nossas bisavós, avós, mães e filhas — há uma ressonância de uma voz que quer ser ouvida, que ecoará nos quatro cantos do mundo esse canto de liberdade. A escrevivência, nesse sentido, busca libertar um coletivo, um grupo social que não foi ouvido, que foi descartado.

Inscriver-nos por essa memória ancestral nos traz um toque — um grande toque — de esperança, pois, se as mulheres que vieram antes de nós não puderam falar, “ecoaram baixinho a revolta”, desta vez nossa voz, voz do presente, buscará, sem romantismo ou estereotipia, fazer barulho, fazer-se ouvir, com perspectivas melhores, uma visão ampla e atualizada de nós mesmas. Nesse sentido, há um movimento corporificado e poético que busca refazer os nossos caminhos e se estabelecer dentro de uma poética nossa, de nossa afro-brasilidade — uma poética do quilombo.

A intelectual, professora e historiadora Beatriz Nascimento, nessa perspectiva, refletiu em

seu ensaio *Quilombos: Mudanças Sociais ou Conservantismo?* acerca de sua proposição de escrever uma história do negro, justamente por encontrar dificuldade diante de tantos conceitos desenvolvidos pela ideologia oficial e dominante, que só reforçam o racismo e a discriminação existentes. Nesse sentido, a autora busca ratificar seu pensamento de que é preciso haver uma profunda análise crítica, revisionária e fiel à história do Brasil.

Só o levantamento histórico da vivência dos negros no Brasil levado a efeito pelos seus descendentes, isto é, pelos que atualmente vivenciam na prática a sua herança existencial (vívida), poderá erradicar o complexo existente entre eles, assim como o preconceito racial por parte dos brancos (NASCIMENTO, 2018, p. 67).

A partir do entendimento da importância de conhecer e se reconhecer na história — não a oficializada pela classe dominante, mas a verdadeira e fiel —, Nascimento buscou realizar estudos sobre os assentamentos sociais conhecidos como quilombos, que serviam de refúgio para os escravizados que conseguiam se livrar dos dominadores. Neste breve ensaio, o conceito de quilombo, forjado pela intelectual, será de grande valia, pois, a partir dele, pensaremos a escrivência como uma poética do quilombo. Antes de mais nada, é importante ressaltar que Nascimento faz questão de trazer algumas reflexões sobre os conceitos encontrados em reconhecidos dicionários acerca do termo *quilombo*, que representam, segundo a autora, uma visão carregada de estereótipos do que foi — ou ainda é — um quilombo.

Substantivo masculino. Brasileiro. Valhacouto de escravos fugidos. Lugar de aspiração de liberdade, entre tantos conceitos encontrados pela autora, o quilombo, para ela, será considerado, sobretudo, “como um embrião de mudança social... uma atitude dos negros para se conservarem no sentido histórico e de sobrevivência grupal”. Isto é, a noção de quilombo transcende a realidade geográfica e passa a ser entendida como uma estrutura social e ideológica de resistência às opressões.

Queremos dizer que oficialmente o quilombo termina com a abolição. Mas que permanece enquanto recurso de resistência e enfrentamento da sociedade oficial que se instaura, embora não mais com aquele nome nem sofrendo o mesmo tipo de repressão [...]. Uma das provas que talvez tenhamos para esse argumento é a de que, no Rio de Janeiro, áreas geográficas de antigos quilombos, como os do Catumbi (um dos maiores), Leblon, Corcovado e outros, transformaram-se em favelas e sobrevivem, embora transmutados fisicamente, até os nossos dias (NASCIMENTO, 2018, P. 78 -79).

Quando pensamos na realidade da população afro-brasileira atualmente, percebemos que as heranças históricas da colonização são muito marcantes e que, mesmo passados tantos anos, o pensamento colonial não se desfez do corpo social. Nesse sentido, Nascimento, ao traçar uma linha histórica sobre os quilombos brasileiros, busca ilustrar que, a partir do século XX, o conceito de quilombo é um forte instrumento ideológico de resistência contra tudo o que nega a nossa existência como algo, de fato, relevante.

Ora, se grande parte das localidades geográficas dos quilombos antigos hoje são áreas que se transformaram em favelas, nota-se que há um projeto malicioso de exclusão dos negros, que

simplesmente não permite — ou não quer permitir — a movimentação desses corpos em lugares e espaços que lhes são de direito. Ou seja, “ex-escravos, assim como indivíduos de outros grupos raciais, de alguma forma, ficaram fora da nova reestruturação da economia dominante” (NASCI-MENTO, 2018).

Essa discussão não se delimita apenas a pensar em espaços urbanos; aqui, pensamos também nos lugares de construção de saberes — lugares que não são especificamente físicos, mas que se encontram na formação do imaginário dos afro-brasileiros por meio do discurso.

Neste momento, encontram-se dois conceitos que, juntos, serão dispositivos de resistência: **escrevivência** e **quilombo**. Pensar a escrevivência como uma poética do quilombo é um passo ousado e necessário. Aqui, o conceito de quilombo tem também o sentido de preservação de uma identidade estética e cultural. Abandonemos, aqui, a noção de quilombo associada apenas a negros fugitivos e, a partir de agora, pensemos, à luz de Nascimento, em um lugar ideológico de tomada de consciência: “um agrupamento para a resistência cultural e racial dos negros”.

Da mesma forma, a escrevivência, para Evaristo, assume um compromisso epidérmico — de uma autoria comprometida com a pele — que, em outras palavras, ultrapassando as noções fenotípicas, tem a responsabilidade de transmitir suas vivências de modo a traduzir, com lucidez e consciência, as potências que brotam de nossos saberes e experiências. Diferentemente do que se observa nas bases da literatura canônica, a escrevivência busca traduzir, pela arte da palavra, uma noção de pertencimento que, embora não signifique pertencer a um lugar propriamente físico, nos faz pertencer a um lugar cultural e ancestral que ninguém nos poderá tirar.

Escrever o corpo negro, no âmbito da literatura, é fator primordial para o aquilombamento de autores que, como Evaristo, buscam reconstruir uma nação pela memória da pele — que se traduz em palavras e não se limita a elas. Nessa perspectiva, o aquilombamento é necessário para que essas vozes não ouvidas pela sociedade colonial se levantem juntas, para que, das margens, ecoem para o centro ensimesmado do pensamento branco.

A palavra poética surge, então, transgredindo o sentido da história oficial, apresentando fatos e interpretações novas que contestam o discurso histórico do colonizador buscando imprimir uma autoria negra a uma história onde se lê apenas a marca, a presença opressora do dominador (EVARISTO, 1996, p. 110).

A literatura de autoria negra assume, nesse movimento, um papel de reconstrução de um discurso nosso, que não está preocupado em reproduzir a visão única do colonizador, mas se preocupa em trazer um novo olhar ao discurso literário, construindo novas pontes e formas de esperança, prospecções futuras, que destroem a visão superficial, luxuriosa e negativa do sujeito negro, centralizando-o no discurso.

Embora Evaristo não tenha, necessariamente, produzido um material epistemológico único que nos apresente o conceito completo e acabado de *escrevivência*, por meio de sua literatura, performativamente, pode-se perceber que esse conceito recebe grande relevância, não por se

tratar apenas de relatos que, segundo a autora, não são precisamente autobiográficos, mas sim porque, por meio da memória da pele, percebe-se o desejo de reexistir.

Nesse sentido, as mulheres negras tornam-se o centro das narrativas — mas não de forma estereotipada, e sim de maneira a representarem, no imaginário social, um forte pilar de construção da sociedade. Toda a violência à qual estão expostas é uma verdadeira denúncia das senzalas contemporâneas, que demonstram que, de fato, esses corpos não são importantes para os que detêm o poder. Assim, Evaristo, de fato, **aquilomba** o seu fazer literário, a partir da tomada de consciência do papel fulcral do negro — sobretudo das mulheres negras — para a história da nação brasileira.

Na transcrição da conferência *Historiografia do Quilombo*, proferida pela autora Maria Beatriz Nascimento na Quinzena do Negro na USP, em 1977, a pensadora explica que o quilombo, hoje, precisa ser entendido muito mais como uma consciência de que nós, indivíduos negros, somos seres com potencialidades, pensantes, capazes de viver e ser aceitos dentro da sociedade.

Sendo assim, a *escrivivência* é, de fato, uma poética de nossas capacidades, que por muito tempo foram escondidas — talvez não de nós mesmos, mas da sociedade como um todo. O grande triunfo de reconhecimento da *escrivivência*, como instrumento fundamental para a autoria negra, dá-se pelo fato de que essas vivências inscritas têm o poder de dar voz a toda uma coletividade.

Ainda em busca de explicitar uma definição clara a respeito do conceito atual de quilombo, Nascimento afirma que é possível compreender o quilombo como uma forma de fortalecimento negro — não qualquer forma de fortalecimento, mas um fortalecimento, sobretudo, psíquico.

Desse modo, a intelectual afirma que um grande problema enfrentado pelo negro é não trazer para fora aquilo que está em seu inconsciente, isto é, estabelecer uma comunicação com a classe dominante e com os seus iguais: “a falta de uma linguagem que a gente possa botar para fora e, ao mesmo tempo, que procure ter os ganhos sociais dentro dessa sociedade”.

De forma complementar, a *escrivivência* busca refazer a autoimagem das pessoas negras, pois, por meio da linguagem, é possível perceber o processo de luta — em primeiro lugar, contra nós mesmos, contra o nosso pensamento marcado por uma baixa autoestima — que não nos permite enxergar a nossa humanidade.

A ideia de que tudo o que é produzido por mãos negras é ruim não perpassa somente a mentalidade do branco, mas também a de grande parte dos indivíduos negros. Neuza Santos, psiquiatra, psicanalista e escritora brasileira, em sua obra *Tornar-se Negro*, afirma que “o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente”.

Ainda seguindo essa linha reflexiva, de acordo com a autora, existe uma série de expectativas e exigências que buscam definir o lugar ocupado e vivido pelo negro: o *Mito Negro*. Em outras palavras, há uma estrutura que busca colocar os negros em uma caixa, como se fossem uma

coisa só, sem personalidade própria, que buscam, de certa forma, não necessariamente ser a cópia do branco, mas sim ter o poder do branco.

A partir disso, verifica-se que a *escrevivência*, como uma poética do quilombo — que busca fortalecer também a psique do negro —, é um dispositivo fundamental para a desmistificação do *Mito Negro*, em primeiro lugar, para nós mesmos. Ou seja, inscrever-se pela memória da pele rompe com o pensamento de que os negros não são adequados à sociedade ou de que devem corresponder à expectativa de serem primitivos, irracionais, “ruins, feios, sensíveis, estranhos” e incapazes de se adequar aos moldes tradicionais da sociedade.

Em um depoimento virtual realizado em 2020, posteriormente transcrito para a organização do Itaú Social, intitulado *Escrevivência: a escrita de nós — reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, a autora comentou sobre a concepção inicial do termo e afirmou que tal concepção se relaciona com a memória da Mãe Preta — mulher escravizada que tinha, entre tantas funções, a atribuição de “contar histórias para adormecer a casa-grande”, isto é, a prole dos colonizadores, que eram, por consequência, futuros colonizadores que não abririam mão de seus privilégios, heranças e domínio. Nesse viés, a autora ratifica que:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (EVARISTO, 2020, p. 30).

Com efeito, o ato de **escreviver** passa, para Evaristo, por um processo que envolve tomar posse do que nos é de direito. Nós, como mulheres pretas, devemos desfazer, manchar a imagem negativa que foi feita sobre nós. A escrita nos pertence! A letra é nossa, as palavras são nossas — há uma potência em nossas narrativas que já se faz perceber e que deseja quebrar e desmistificar todo discurso negativo sobre nós.

Que as nossas subjetividades não sejam apagadas, desconsideradas ou julgadas pelo olhar canônico. A *escrevivência*, desse modo, emerge da potência de mulheres pretas, de nossas ancestrais, que, não tendo o domínio da palavra escrita, buscavam transmitir, por meio da oralidade, histórias, culturas e tradições nossas. Em muitas obras de Evaristo, é possível observar o desejo da autora de exprimir tantas experiências e sentimentos seus em suas personagens.

Em *Becos da Memória*, a personagem Maria-Nova, uma criança de aproximadamente treze anos, ao conversar com pessoas mais experientes e mais vividas, demonstra um apreço especial pela escuta de histórias; gostava de ouvir as diferentes narrativas da favela onde morava, fossem boas ou ruins.

O ato de escutar tantas histórias trazia um sentimento estranho ao seu peito, como demonstra o seguinte trecho: “Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como.”

Maria-Nova certamente percebe que há um compromisso em seu interior, que tem estreita relação não só com a sua história, mas também com as histórias de toda uma comunidade na qual está inserida. Ainda que grande parte das histórias ouvidas por ela sejam tristes, a personagem percebe, ao longo da narrativa, que também existe uma grande força no ato de contar a sua história — as histórias dos outros, que eram dela também.

Desse modo, a postura de Maria-Nova é uma postura outra, diferente da dos filhos dos colonizadores, que, ouvindo as histórias das Mães Pretas, permaneciam inertes, não dispostos a abrir mão de seus privilégios. A *escrevivência*, assim, tem um compromisso com uma história coletiva, que ultrapassa a individualidade da autoria e deseja narrar conscientemente, de forma pensada, as lutas e glórias de nossa afro-brasilidade.

Pensar a *escrevivência* como uma poética e estética do quilombo é pensar, no âmbito da literatura, em uma forma de dedicação, compromisso e fidelidade à nossa história. De forma ilustrativa, é possível pensar em uma linha do tempo que une o passado e o presente por meio da arte da palavra. O passado buscará sempre, sem constrangimento de suas dores, fazer memória das nossas heranças culturais e de nossa história; e, por sua vez, o presente será um lugar de coragem e resistência — coragem para denunciar realidades cruéis e de extermínio, e resistência para construir, sobretudo no imaginário do indivíduo negro, cânticos de orgulho por ser quem se é.

De nossas potentes vozes — que, ao contrário do que muitos pensam, não foram silenciadas —, afirmamos: nós falamos, escrevemos, choramos, lamentamos, nos alegramos, gritamos. Só não nos ouviram.

A literatura afro-brasileira, nesse sentido, vem, por meio da *escrevivência* — não só pela autoria, mas também pela questão temática —, enunciando positivamente os nossos saberes, capacidades e existências.

3. NOS BECOS DA MEMÓRIA

3.1 O Lugar

Cada lugar é, à sua maneira, o mundo.
Milton santos

Para pensar esse tópico, a análise da obra literária, neste trabalho, será realizada de modo a refletir sobre como as personagens se relacionam com o lugar em que vivem e, da mesma maneira, sobre como os indivíduos da narrativa parecem ser deslocados forçadamente para espaços que lhes causam a sensação de não pertencerem a nenhum lugar — em outras palavras, deixando-

os em uma perene sensação de não pertencimento. Desse modo, estudos acerca dos conceitos de espaço e lugar serão de extrema importância, pois o fio condutor de toda a obra literária se dá por meio do ambiente de uma favela que está sendo desocupada.

Becos da Memória é uma obra literária repleta de descrições de lugares, pessoas, becos e histórias. Considero que, embora a narradora da história, Maria-Nova, tenha uma grande contribuição para o desenrolar da narrativa, a verdadeira personagem principal é a própria favela, composta por becos, torneiras públicas — que possibilitam o acesso da população à água potável — e as casas dos moradores. Cada lugar, em sua particularidade, revela um pouco do mundo daquela população. Maria-Nova, de início, aponta aos leitores que, em frente à casa de Vó Rita, ficava uma torneira pública, a “torneira de cima”, lugar que, de acordo com a menina, era melhor, pois tinha mais água e era onde se podia buscar ou lavar roupas todos os dias.

Em contraponto, a menina afirma que havia também a “torneira de baixo”, mais próxima de sua casa, onde estavam sempre as crianças amigas, os pés de amora e o botequim da Cema, onde ela recebia o que sobrava dos doces. O primeiro lugar de destaque na narrativa são, portanto, as torneiras — e, em cada uma delas, é possível observar que Maria-Nova tem reações diferentes: “Quando estava para a brincadeira”, preferia a torneira de baixo; “quando estava para sofrer, para o mistério”, buscava a torneira de cima. A percepção da menina diante das duas torneiras muda, possivelmente porque a torneira de cima, por ter mais água e permitir realizar o serviço mais rapidamente, era o local escolhido pelas lavadeiras da favela para madrugarem lavando e estendendo as roupas das patroas. Ali, se podia ouvir histórias — as roupas das patroas, em contraponto aos “molambos” dos moradores, que, segundo a menina, eram lavados com os restos do sabão das patroas.

As manchas de sangue nas roupas das patroas — sangue cuja origem a inocência da menina não compreendia — revelam, simbolicamente, a violência e a desigualdade: “E nem entendia nem sabia que sangue era aquele” (EVARISTO, 2017, p. 16). Nas torneiras, a inocência de Maria-Nova já percebia as diferenças do mundo. O sofrimento que ela sentia toda vez que ia à torneira de cima era fruto da percepção de dois mundos tão distintos.

Nesse primeiro momento da narrativa, percebe-se que os lugares descritos possuem um significado singular, sobretudo para Maria-Nova. Nesse contexto, o geógrafo brasileiro Milton Santos (2022) destaca que, no mundo globalizado, a noção de espaço geográfico adquire novas características e elevada importância, uma vez que a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a sua localização.

Nessa perspectiva, os locais em que as ações acontecem devem ser analisados como espaços que estabelecem relações de poder e exclusão, pois “os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros” (SANTOS, 2022, p. 30). Tal

constatação nos permite perceber que, de fato, uma parcela da população não possui direito pleno aos espaços urbanos, restando-lhe como opção o resto — o que sobra, o pior.

No desenrolar dos acontecimentos, Maria-Nova parece demonstrar a consciência de que o lugar reservado para ela, sua família e seus amigos era o pior. Um lugar onde a miséria se expunha, revelando que os residentes da favela não eram considerados atores sociais tão importantes quanto as “madames” e as patroas — constatação perceptível no seguinte pensamento da menina: “Hoje, a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e tudo era complicado” (EVARISTO, 2016, p. 17).

Evaristo faz questão, ao longo da narrativa, de não romantizar o ambiente marginal em que vive Maria-Nova e seus familiares. Fica nítido para o leitor tratar-se de um lugar de miséria, pobreza extrema e abandono: “E gerações inteiras nasciam e cumpriam tempo de vida acostumadas à miséria...” (EVARISTO, 2017, p. 141).

Essa percepção do território como espaço que não é neutro nem passivo é fulcral em Santos, que, ao forjar o conceito de “esquizofrenia do espaço e do lugar”, afirma que tal esquizofrenia tem papel fundamental na formação da consciência: “Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante, mas também permitem outras formas de vida” (SANTOS, 2022, p. 96).

Na narrativa, é possível observar a materialização dessa esquizofrenia na formação da consciência de Maria-Nova, que, ao refletir sobre as condições a que ela e a população da favela estão submetidas, diante da restrição de direitos básicos e fundamentais, estabelece uma relação direta entre a senzala — entendida aqui como o alojamento destinado à moradia dos escravizados — e a favela: “Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida” (EVARISTO, 2017, p. 150).

Mais adiante, por meio da fala do Negro Alírio, percebe-se a inconformidade com a situação miserável daquele ambiente e, novamente, a tomada de consciência acerca do projeto que a “racionalidade dominante” deseja impor aos marginalizados.

Negro Alírio, contudo, teimava em dizer que aquilo não era vida. Que os grandes, os fortes, os que estavam do lado de lá, queriam que todos os do lado de cá fossem realmente fracos, bêbados e famintos. E o pior, eles queriam dirigir o nosso ódio contra nós mesmos, queriam que fôssemos inimigos (EVARISTO, 2017, p. 141).

Nessa perspectiva, à luz de Milton Santos, refletiremos sobre essa esquizofrenia do território e do lugar, diretamente relacionada à acolhida dos vetores da globalização como produtores acelerados de pobres, excluídos e marginalizados. Contudo, é importante ressaltar que, para Santos, o lugar é determinante, pois:

Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (SANTOS, 2022, p. 131).

Logo, as análises e os estudos acerca do conceito de lugar, a partir de Milton Santos, serão importantes para pensar tanto na relação que os personagens de *Becos da Memória* têm com o lugar, representado na narrativa pela favela, quanto para perceber que, por meio da escrita de Evaristo, surge um modo de “insurreição” que revela que “a despeito de sermos o que somos, podemos também desejar e ser outra coisa” (SANTOS, 2022, p. 131). Esse movimento de desejo de deslocamento de um lugar social a outro é incorporado em Maria-Nova, personagem fundamental para a construção da narrativa e que, mesmo compreendendo as condições precárias de vida daquele local, sonha com algo melhor para o futuro. Nesse sentido, o não contentamento com a realidade é um recurso de sobrevivência implementado/enraizado nas ações da menina.

Conhecidas como assentamentos informais caracterizados pela precarização dos direitos básicos constitucionalmente previstos, as favelas demonstram-se como a grande representação das desigualdades sociais sustentadas pela estrutura racista, que são responsáveis pela produção da pobreza em larga escala. Isso é importante para a compreensão de que a escolha do lugar em que se desenrola a narrativa é fundamental para, a partir de um deslocamento, percebermos que o “espaço vivido” predominantemente por negros faz parte de um projeto, de uma escolha: a da exclusão social.

Nesse sentido, Milton Santos (2022), a partir do entendimento de que há uma “disseminação planetária” e uma “produção globalizada” de pobreza, tece três conceitos acerca do termo. Em primeiro lugar, Santos fala da chamada, por ele, “pobreza incluída”, que, de acordo com o autor, é uma pobreza acidental, residual, que se produzia em um lugar e não se comunicava a outro. Assim, em um mundo em que o consumo ainda não era amplamente difundido e o poder aquisitivo não era um pré-requisito social obrigatório, a pobreza, para o autor, era menos excludente.

O segundo tipo de pobreza descrito pelo autor é identificado como sendo uma doença da civilização, cuja “produção acompanha o próprio processo econômico”. Nesse modelo de pobreza, o autor pontua que o consumo é imposto como a fundamental explicação das diferenças. O crescimento exagerado do consumo ganha, desse modo, “condições materiais e psicológicas” suficientes, dando à pobreza novos rumos. Para o geógrafo, nesse cenário, além de uma “pobreza absoluta”, cria-se a “pobreza relativa”, baseada na classificação dos indivíduos pela capacidade de consumo. Nesse segundo momento, os pobres são chamados de marginais e a pobreza, por conseguinte, de marginalidade.

O último tipo de pobreza identificado por Santos é a pobreza estrutural globalizada. Ao observar a alta taxa de desemprego, a precarização das condições de trabalho e a sistemática negligência governamental em relação à proteção social, Santos constatou que tais fatores contri-

buem sobremaneira para a produção científica, globalizada e voluntária da pobreza. Nesse processo, há a naturalização da pobreza, isto é, a admissão de tal fenômeno como algo inevitável. Essa forma de pobreza, que o autor reconhece como sendo a atual, é, de acordo com ele, “politicamente produzida pelos atores globais com a colaboração consciente dos governos nacionais e, contrariamente às situações precedentes, com a conivência dos intelectuais contratados, ou apenas contratados...” (SANTOS, 2022, p. 84).

Não há como separar a noção de lugar da noção de pobreza, na análise aqui proposta, especificamente da pobreza estrutural globalizada, que, de acordo com Milton Santos, é aquela na qual os pobres não são incluídos nem marginais: são excluídos por esse processo racional de descarte dessas vidas. Isso porque a favela, nesse contexto, é a mais pura representação da exclusão social dessa população, majoritariamente negra. Na narrativa, é possível perceber a estruturação da pobreza globalizada a partir da expulsão gradativa dos moradores da favela habitada por Maria-Nova e os demais moradores.

A exclusão dos personagens torna-se mais dramática com a notícia do desfavelamento. Tio Totó estava inconformado com a vida, com aquela situação; mais uma vez, ele e sua família estavam sendo excluídos, expulsos, impedidos de criar raízes em um lugar.

Tio Totó não se conformava com o acontecido. Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer e multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? Se a gente sai por aí, por este mundode déu em déu e não volta, o que vale o respeito, a fé toda quando se está distante, no que para trás ficou? Para que a crença na volta ao lugar onde se enterra o umbigo? Verdade fosse!... (EVARISTO, 2017, p. 18).

Tio Totó, personagem singular na narrativa, já estava inconsolável, pois, em idade avançada, o pensamento de que deveria se mudar de novo, justamente em um momento em que sua idade prenunciava sua partida deste mundo, lhe dava mais certeza de que não sairia da favela; aquele haveria de ser o seu lugar derradeiro. Representante de uma ancestralidade afro-diaspórica, Tio Totó, filho de pessoas ex-escravizadas, mostrava um mundo um tanto quanto amargo para a pequena menina. Relembrando fatos passados de sua vida, o velho recordara que nascera na “Lei do Ventre Livre”, mas chegava à conclusão de que aquilo não fazia diferença, já que a vida de seus pais se repetia na dele. “A vida passou e passou trazendo dores” (EVARISTO, 2016, p. 20).

Para Tio Totó, as relações com os lugares pelos quais passou ao longo da vida eram difíceis; em cada lugar, a pobreza, a miséria e a morte estavam presentes. Para Santos, a partir da relação com o lugar, é possível ter a consciência do mundo, ou melhor, de acordo com o geógrafo: “Hoje certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar” (SANTOS, 1996, p. 37). As dores do passado, as lembranças do tio de Maria-Nova, faziam-no ter uma compreensão, em determinados momentos, de um mundo que lhe pesava demais.

Por outro lado, Bondade, um morador da favela que, de acordo com a menina, “fazia jus ao apelido”, embora estivesse sofrendo muito com o processo de desfavelamento, demonstrava muita esperança e indagava o porquê de um pouso certo. Por meio da metáfora entre o homem e um passarinho, Bondade acreditava que os indivíduos deveriam ter asas para voar. Talvez, por sua experiência anterior com os antigos lugares nos quais morou, tivesse essa percepção de mundo. Pelo olhar de Maria-Nova, Bondade vivia intensamente cada lugar em que chegava, cada lar, cada casa, cada privação e cada fartura a seu tempo certo, no seu momento exato. Ainda que o ambiente no qual vivia fosse propício à desesperança, Bondade demonstra-se uma figura fundamental nas relações interpessoais dos moradores da comunidade.

Nessa perspectiva, Milton Santos, ao refletir sobre o lugar e a sua redefinição frente ao mundo, afirma que o lugar é a oportunidade do evento e que o evento, ou seja, o acontecimento, é sempre deformante ou deformado. Santos ratifica que “por isso, fala-se na imprevisibilidade do evento, a que Ricoeur (1986) chama de autonomia, a possibilidade, no lugar, de construir uma história das ações que seja diferente do projeto dos atores hegemônicos” (SANTOS, 1996, p. 39).

Para tanto, Bondade, mesmo em meio à pobreza e tristeza extrema, é capaz de dar novos rumos à sua história, promovendo uma quebra de expectativa do que seria convencionalmente aceito: o murmúrio, a lamentação. Logo, a relação de Bondade com o lugar em que vive é uma quebra de expectativa do que se espera de um “favelado”.

Em contrapartida, Maria-Nova expõe, em certos momentos da história, a sua preocupação com o lugar social que ela e seus familiares e amigos ocupam, sobretudo por causa do desfavelamento, que está cada vez mais colocando-os na situação angustiante de inquilinos prestes a serem despejados.

Os tratores da firma construtora estavam cavando, arando a ponta norte da favela. Ali, a poeira se tornava maior e as angústias também. Algumas famílias já estavam com ordem de saída e isto precipitava a dor de todos nós. Cada família que saía, era uma confirmação de que chegaria a nossa vez. [...] Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? Havia famílias que moravam ali havia anos, meio século até, ou mais. O que seria a lei usucapião? Eram estes pensamentos que agitavam a cabeça de Maria-Nova, enquanto olhava o movimento de tratores para lá e para cá (EVARISTO, 2017, p. 71).

A insegurança sentida pela menina começa a atenuar-se, tendo em vista que a concretização da destruição do lugar que ela conhece como lar se inicia com a derrubada de barraco por barraco. Considerando as reflexões de Santos acerca do conceito de lugar — segundo o autor, o lugar é o espaço onde identidades e senso de pertencimento se constroem —, é possível notar que os personagens da narrativa, sobretudo Maria-Nova, percebem a realidade e a vida que têm se desfazendo. Junto dessa realidade, o cenário da favela vai passando pelo processo de gentrificação.

A gentrificação é um processo intrinsecamente relacionado às noções de espaço e lugar. Santos reconhece que ambos os conceitos se articulam entre si; contudo, pontua a diferença entre eles. De acordo com o geógrafo, o espaço pode ser considerado “uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida” (SANTOS, 1985, p. 8). Em outras palavras, o espaço é um conjunto dinâmico de elementos de diferentes tempos, que compreende a evolução da sociedade e explica os fenômenos sociais da atualidade: é a consequência da ação humana sobre a Terra.

Por outro lado, o lugar é menor do que o espaço e possui características físicas, culturais, históricas e sociais concretas. Por esse motivo, o lugar, diferentemente do espaço, é perceptível ao ser humano, podendo ser visto, sentido e vivido.

O espaço e o lugar estão em constante interação e, de acordo com Santos, o espaço age sobre os lugares e vice-versa. O espaço é formado por um conjunto de lugares, que, por sua vez, contribuem para a configuração e organização do espaço como um todo. Desse modo, quando transformações sociais, políticas e, principalmente, econômicas ocorrem no espaço, automaticamente se produzem mudanças consideráveis nos lugares — como, por exemplo, a gentrificação.

Esse processo ocorre quando há a transformação de áreas urbanas, totalmente baseada na lógica capitalista do aumento do custo de vida. Trata-se de uma espécie de higienização dos lugares, que produz a seleção do perfil social considerado adequado para habitar determinado espaço. O grande objetivo da gentrificação é, justamente, a supervalorização mercadológica desse lugar, o que acaba gerando a expulsão dos antigos moradores.

Esse quadro corresponde exatamente ao que acontece com os moradores daquela favela: um grande descarte de vidas negras, pautado pela lógica do lucro. O interessante é que a narrativa permite perceber que os responsáveis por implementar o processo de gentrificação não se preocupam com o destino daquelas pessoas e apenas fingem oferecer um “pequeno suporte” a fim de facilitar a desocupação da favela, como se observa no seguinte trecho:

Ofereciam duas opções ao morador: um pouco de material, tábuas e alguns tijolos para que ele construísse outro barracão num lugar qualquer, ou uma indenização simbólica, um pouco de dinheiro. A última opção era pior. Quem optasse pelo dinheiro recebia uma quantia tão irrisória, que acabava sendo gasta ali mesmo (EVARISTO, 2017, p. 71).

Em *Sociedade Desigual* (2022), Mário Theodoro reflete amplamente acerca da condição de subalternidade à qual os negros, no Brasil, estão submetidos. Para o autor, fatores como a dificuldade de ascensão profissional dos negros, a falta de atenção às crianças negras dentro e fora das escolas e o descaso com a saúde pública são reflexos do preconceito racial presente na sociedade. Tal preconceito, de acordo com Theodoro, é um “fenômeno menos manifesto, e mais implícito, que se associa à introjeção, pelos indivíduos, dos valores racistas que dão sentido a práticas e leituras cotidianas em torno das diferenças raciais” (THEODORO, 2022, p. 70).

Desse modo, percebe-se que, na narrativa, quando se oferece aos moradores da favela algumas “migalhas” em troca do lugar em que vivem — que reconhecem como lar —, pratica-se uma forma velada, disfarçada de preocupação, de preconceito: uma diferenciação entre vidas que importam e vidas que não importam. Maria-Nova observa ainda que muitos preferiam a quantia em dinheiro, o que era muito mais prejudicial, pois, diante das necessidades e da miséria do ambiente, era quase impossível evitar o gasto rápido e total do valor recebido.

Há, de fato, uma falta de compromisso com essas vidas, perceptível no fato de que, em vez de se pensar na vida humana, na dignidade dessas pessoas e no sofrimento psicológico que o desfavelamento lhes causaria, valorizou-se apenas o lucro financeiro e a supervalorização mercadológica da área urbana em questão.

Cida Bento, mulher negra, doutora em Psicologia e ativista brasileira, em *O Pacto da Branquitude*, faz uma reflexão acerca da exclusão moral do negro, que se manifesta por meio do descompromisso político com o sofrimento do outro. Para a autora, há uma espécie de “autorização” da violência que ocorre principalmente “por um distanciamento psicológico e uma ausência de compromisso moral em relação aos que estão sendo expropriados ou excluídos” (BENTO, 2022, p. 42). Esse distanciamento psicológico gera, como resultado, a dimensão moral da exclusão, a qual permite a desconsideração do valor e da dignidade dos excluídos, tornando-os sempre vulneráveis e passíveis de serem prejudicados.

O prejuízo causado pela gentrificação da favela vai ganhando novos contornos e nós, como leitores, vamos, por meio de Maria-Nova, entendendo que a exclusão ocorre em todas as dimensões possíveis — sobretudo a moral. Percebe-se que parece não haver lugar no mundo para aquelas pessoas: seu lugar de nascimento, crescimento, alegrias e tristezas fragmenta-se pouco a pouco e, junto dele, sua identidade torna-se confusa. Aquilo que acreditavam ser já não são mais; aquilo que pensavam possuir já não possuem.

O plano de desfavelamento também aborrecia e confundia a todos. Havia um ano que a coisa estava acontecendo. A favela era grande e haveria de durar muito mais. Dava a impressão de que nem eles sabiam direito por que estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez. As famílias estavam mudando havia um ano, mas, tempo antes, já havia a ameaça de tudo que iria acontecer. De tempos em tempos, apareciam por lá engenheiros para medir a área. Não se sabia se os pretensos donos seriam de uma companhia particular ou se gente do governo. Vinha o medo. E quando o plano de desfavelamento aconteceu na prática é que fomos descobrir que os pretensos donos éramos nós. Eles, sim, é que eram os donos verdadeiros ou se portavam como tais. Nós, cada qual ajuntava seus trapos e, mesmo estando com o coração cheio de dor, mesmo estando com o coração cheio de rancor, partíamos (EVARISTO, 2017, p. 116).

A falta de perspectiva a respeito de onde vinham as ordens de desocupação da favela deixava a situação dos moradores ainda mais crítica. Aqui, mais uma vez a exclusão moral se expõe, pois, uma vez que não se sabe de onde vem tais ordens, não se pode fazer muita coisa, não há, nesse contexto, a possibilidade de luta. Essa impossibilidade invisibiliza, mais uma vez, a existência dessas pessoas. Nessa perspectiva, Theodoro, alinhado aos pensamentos de Cida Bento,

afirma que a branquitude expressa constantemente estratégias de distinções e vantagens.

A branquitude ¹ quer estar sempre um passo a frente, é possível perceber isso também no momento em que os moradores da ficção tentam tomar alguma atitude de protesto contra toda a situação, mas, permanecem sem respostas, tendo em vista essa confusão de quais são os atores realmente envolvidos na ordem de despejo: “um dia, um grupo decidiu ir ao escritório da firma construtora responsável pelo desfavelamento (...). A comissão não foi sequer atendida, retornando em estado total de desamparo e desespero” (EVARISTO, 2017, p. 153).

Tal cenário dialoga bem como a visão de Santos, em sua obra *O Espaço do Cidadão*, na qual reflete sobre como os lugares têm a capacidade de determinar o quanto valem como indivíduos, ou seja, quanto melhor for o lugar em que se vive, mais visível se é para a sociedade.

...a distância geográfica é duplicada pela distância política. Esta se manifesta em dois sentidos complementares. Estar na periferia significa dispor de menos meios efetivos para atingir as fontes e os agentes do poder, dos quais se está mal ou insuficientemente informado (SANTOS, 2007, p. 118).

Estar na periferia, desse modo, parece aumentar a distância entre quem precisa falar e quem precisa ouvir. A vulnerabilidade social à qual os personagens da narrativa estão expostos revela também a impossibilidade de luta e questionamento, pois, em consonância com o pensamento de Milton Santos, nota-se que, em um lugar onde a maioria dos direitos básicos está sendo negligenciada, onde a maioria da população não tem acesso à formação na educação básica, ainda que se tenha lugar de fala, não se consegue ser ouvido.

Aos poucos, no desenrolar da narrativa, vamos percebendo que sobreviver e resistir em meio ao desfavelamento tornava-se quase impossível. Maria-Nova relata que, em determinado momento, a retirada dos moradores da favela foi feita de forma progressiva, de modo que, aos poucos, ia se tornando inviável subsistir às investidas que os interessados na desocupação realizavam, como, por exemplo, a retirada das principais torneiras públicas que abasteciam a favela. Desse modo, “[as três únicas] que ainda existiam passaram a jorrar pouca água durante poucas horas do dia. As lavadeiras começaram a perder a freguesia. Os que resistiam não sabiam como e por quê” (EVARISTO, 2017, p. 152).

Sueli Carneiro, em sua tese de doutorado, observa que o conceito de biopoder, desenvolvido por Foucault, é fundamental para a compreensão do funcionamento do racismo. A noção de biopoder, baseada no pensamento de “deixar viver e deixar morrer”, está associada também à capacidade do Estado de promover o bem-estar social à população — ou não. Desse modo, quando

¹ O conceito de branquitude utilizado neste trabalho é a elaboração realizada por Cida Bento, no ano de 2002, em sua tese de doutorado, quando reflete acerca do pacto narcísico da branquitude que, em suas palavras, significa dizer que esse pacto tem a ver com um instinto de autopreservação que “expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo” (BENTO, 2022, p. 25).

a água, elemento fundamental para a existência humana, é retirada do ambiente da favela, há uma escolha muito bem pensada dos interessados em literalmente “deixar morrer” aquelas vidas — vidas majoritariamente negras.

Outro momento em que é possível perceber o efeito de tais medidas para a desocupação da favela, do lugar, ocorre quando chega a vez de a família de Maria-Nova ir embora. Ao partir, eles deixam seus trabalhos, a escola, a vida que conheciam para trás. Ainda que tenham conseguido um lugar novo para morar, ainda enfrentarão muitas consequências que são resultado da ganância e da ambição de tornar o local da favela supervalorizado economicamente. Sobre isso, Cida Bento observa que:

Em sociedades desfiguradas pela herança do racismo, a preferência de um mesmo perfil de pessoas para os lugares de comando e decisão nas instituições financeiras, de educação, saúde, segurança etc., precariza a condição de vida da população negra, gerando desemprego e subemprego, a sobre-representação da população negra em situação de pobreza, os altos índices de evasão escolar e mal desempenho do alunado negro e os elevados percentuais de vítimas negras da violência policial (BENTO, 2022, p. 43).

A precarização da vida de Maria-Nova e sua família é percebida logo após a chegada da família na nova moradia. A desigualdade social, a exclusão e o descarte dessas vidas faz com que essa família sofra graves consequências, criando assim um ciclo que vicioso de falta de oportunidade, pobreza, miséria e a ausência, mais uma vez de direitos básicos a todo e qualquer cidadão.

A família de Maria-Nova já tinha para onde ir. Logo que começou o desfavelamento, Maria-Velha e Joana começaram a comprar um lote lá onde Deus tinha pensado iniciar o mundo. Era um lugar de mato e bichos, bem calmo. Era longe. A primeira dificuldade seria vir trabalhar, ganhar a vida. Havia também a escola que era muito distante. Maria-Nova e os irmãos iriam parar de estudar (EVARISTO, 2017, p. 172).

A ação do Estado, nesse sentido, reforça a ausência da implementação de políticas públicas necessárias para incluir a população mais vulnerável e periférica na lista de prioridades. Mario Theodoro, a esse respeito, conclui que a negação de ações que amparem a população negra brasileira é um resumo da ação do Estado colonial europeu no continente africano e que produzem muitas situações de conflito as quais os pobres e negros estão sujeitos. Portanto, observando as relações que os personagens têm com os lugares descritos na narrativa, nota-se uma dificuldade do senso de pertencimento dessas pessoas à nação. Contudo, por meio da escrita de Evaristo, novas saídas podem ser vistas, a escrita, desse modo, pode ser esse lugar de pertencimento.

3.2 O Pertencimento

A questão do pertencimento é fundamental: não apenas se pode perguntar a quem pertence o hino nacional, mas também a quem pertencem, ou pertenciam, as terras onde hoje se situa o Brasil. (Judith Butler)

Um dos grandes diferenciais da escrita de Conceição Evaristo, sem dúvidas, é a capacidade de olhar para a ancestralidade como um importante recurso de recuperação da identidade e do sentimento de pertencimento. Em seu lugar de criação, a autora revela características marcantes, muito próprias, que estão atravessadas pelo lugar social a que pertence — um lugar de pessoa racializada neste mundo — e escreve tanto como forma de denúncia de uma realidade dura, triste e muitas vezes miserável, quanto como forma de reexistir e pertencer. Desse modo, a proposta deste capítulo é analisar como as personagens de *Becos da Memória* percebem o sentimento de pertença, a partir de uma cultura do lugar marcada pelo senso de coletividade e pela ancestralidade, mesmo em meio ao caos da destruição da favela em que vivem.

Antônio João da Silva, tio Totó, estava inconformado com a ideia de, em sua avançada idade, ter que partir para outro lugar. O personagem, que “era tio de seus sobrinhos e dos sobrinhos dos outros” (EVARISTO, 2017, p. 19), ao longo da narrativa se revela uma pessoa experiente e que, apesar das amarguras que a vida lhe trouxe, transmitia certa confiança para as gerações posteriores. O tempo psicológico da trama, marcado por pensamentos das personagens e por *flash-backs*, revela que um dos maiores desapontamentos do velho era compreender o motivo de tantas mudanças forçadas, por que não se podia “nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar?” (EVARISTO, 2017, p. 18).

Retomando os objetivos desta Dissertação, os estudos acerca do conceito de pertencimento serão fundamentais, pois, ao considerar a sensação de não pertencimento das personagens da obra, subentende-se que existe um projeto de nação que não inclui todas as pessoas e que, especificamente, qualifica as pessoas pretas como “sem-estado”.

Compreende-se, então, que levantar um corpus teórico de produções decoloniais, a fim de enegrecer o pensamento e a construção de saberes para refletir sobre as noções de pertencimento, será essencial, juntamente com as reflexões da intelectual bell hooks (2022), em *Pertencimento: uma cultura do lugar*. Já no prefácio da edição brasileira, Halina Leal, doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), afirma que hooks tenta nos mostrar que “pertencer envolve reconhecer o valor da vida, respeitando a diversidade de ecossistemas e experimentando a conexão com o mundo natural e a liberdade advinda daí”.

Nesse caminho, pertencer, para fins das análises aqui propostas, será reconhecer “se é possível viver em paz em algum lugar do mundo” (hooks, 2022). Para estabelecer diálogos com hooks, o conceito de pertencimento será aprofundado em *Quem canta o Estado-nação?*, diálogo entre Butler (2018) e Spivak (2018), que, a partir de alguns questionamentos, tecem importantes considerações a respeito da situação dos “sem-estado”, forma como são retratados os indivíduos forçados a deixar sua terra de origem. Esses não cidadãos são assim chamados porque, ao perderem a noção de pertencimento, têm seus direitos desconsiderados.

Nessa direção, esse diálogo será de grande importância para as análises propostas sobre a obra *Becos da Memória*. O livro retrata a história cotidiana de uma favela prestes a passar por um processo de desfavelamento. Nessa perspectiva, a condução da narrativa é realizada por uma menina, Maria-Nova, que se apresenta como a grande porta-voz dos relatos dos moradores.

A pequena menina de 13 anos sente-se, em determinados momentos da narrativa, uma sem-estado, pois vive em condições precárias e assiste ao que reconhece como lar se esvaindo: “Maria-Nova andava pelos terrenos recentemente desocupados com poeira-tristeza-lágrimas nos olhos. No local onde estavam os barracos dos que tinham ido pela manhã, agora só restava um grande vazio” (EVARISTO, 2006, p. 87). Nesse momento, Maria-Nova certamente foi forçada a se acostumar com a ideia de que não pertence a nenhum lugar. Tal situação, confundida com as memórias de Evaristo, ilustra a condição subalterna a que a população negra é cotidianamente submetida.

Assim, a questão do pertencimento será importante para pensar qual é o projeto de nação destinado à população afro-brasileira. Será que todas as pessoas podem ter uma vida satisfatória, independentemente do lugar que reconhecem como lar? É possível pensar um projeto de nação que envolva e contemple a todos? A sensação de pertencer é direito de apenas alguns? De que maneira a literatura de Evaristo, em certa medida, desloca esses não cidadãos de um não lugar para um lugar significativo na sociedade? Foram esses questionamentos acerca do pertencimento que a pensadora feminista negra Grada Kilomba aborda ao denunciar o colonialismo-racismo, afirmando que:

No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “*fora do lugar*” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem (KILOMBA, 2020, p. 56).

Pertencer ou não pertencer está completamente interligado às questões de raça e gênero, e isso pode ser percebido nas configurações e estruturas sociais do Brasil. Majoritariamente, a branquitude lidera e ocupa os melhores lugares da sociedade. Em contrapartida, os corpos negros, em sua maioria, estão lançados à sorte, às margens, ao esquecimento e ao apagamento. A partir da metáfora da rainha, Kilomba cria a metáfora do poder; para a autora, a imagem das rainhas traduz o mais alto grau de poder — o poder do conhecimento, da realeza —, ao contrário da plebe, que está muito distante dos aposentos reais.

Os corpos negros, nessa metaforização da imagem da rainha, são a plebe, que parece impossibilitada de alcançar novos espaços e pertencer a algum lugar; e as rainhas representam a branquitude. Contudo, é possível notar que, na literatura negra produzida por mulheres, há a possibilidade de deslocamento e mudança desses signos.

bell hooks, ao refletir sobre como o senso de lugar é fundamental para o fortalecimento da personalidade, afirma que essa noção de caos, de crise, de desgraça iminente, pode ser oriunda da

ausência do sentimento de pertencimento. Para a escritora, existe uma angústia “que molda os hábitos daqueles que estão perdidos, vagando por aí, procurando por algo” (hooks, 2022, p. 21). Para tio Totó, essa angústia o atingira cedo demais. Ainda menino, observava o pai no serviço pesado da roça, que sempre lhe dizia sentir uma dor estranha, que surgia nos dias de muito sol e lhe apertava o peito. Uma dor que, segundo ele, “era eterna como Deus e como o sofrimento” (EVARISTO, 2017, p. 19). Assim como o pai, o menino Antônio sentia, vez ou outra, uma punhalada no peito. A dor do velho Totó era uma dor que, mais à frente na narrativa, é nomeada “dor de banzo”.

Originada do quimbundo *mbanza*, a palavra *banzo* significa aldeia. O termo era utilizado para descrever o sentimento de nostalgia e de saudade da terra natal que os negros africanos escravizados sentiam no Brasil. Essa dor — dor da saudade — atingia todas as gerações da família de tio Totó, uma dor que se originava da crença de que deveria existir um lugar para ele e para os seus, um lugar onde fosse possível se sentir seguro e tão pertencente a ponto de se acreditar “na volta ao lugar onde se enterra o umbigo”. Mas a realidade era dura; refletia que um ciclo que não começara ontem e não terminaria amanhã persistiria e, mais uma vez, ele deveria se mudar.

Pertencer, então, está ligado à ideia de “encontrar um lugar no mundo” (hooks, 2022, p. 22). Tio Totó não havia encontrado o seu lugar; pelo contrário, parecia sentir saudade de um lugar que nunca havia visto, de um lugar que nunca tinha vivido. Nessa perspectiva, em busca de um lugar de pertencimento, bell hooks elaborou uma lista do que era necessário para fixar raízes em um lugar. O primeiro item era a possibilidade de caminhar. Para a escritora, os deslocamentos cotidianos — desde ir ao trabalho até ir a um lugar onde pudesse sentar para tomar um chá e socializar — significavam demarcar a sua presença como alguém que reivindica terra, “criando uma sensação de pertencimento, uma cultura do lugar” (hooks, 2022, p. 22). Para a autora, pertencer é um sentimento intimamente ligado à reivindicação de uma terra que possa ser transformada em lar.

A fim de dialogar com as noções de pertencimento de hooks, nas reflexões aqui propostas, observaremos, da mesma forma, como o pertencimento é uma cultura não apenas do lugar, mas também do afeto, da troca e do senso de coletividade.

Bondade, personagem afetuoso no enredo da história, aos olhos de Maria-Nova, conhecia intimamente a maioria dos moradores da favela. Ele entendia que muitos daquelas pessoas, que não possuíam poder aquisitivo, eram capazes de dividir o pouco que tinham, mas também percebia que há muitos pobres que são mais mesquinhos do que os ricos. Ao longo das narrações da menina, nós, leitores, percebemos que Bondade tinha, de fato, um coração afetuoso e cheio de solidariedade.

Ele conhecia cada barraco, cada habitante daquele lugar. Sua capacidade acolhedora fazia com que as pessoas se sentissem tão à vontade em sua presença que, quando percebiam, já haviam

partilhado fatos de suas vidas com ele. Bondade chegou à favela sem demonstrar grandes posses, carregando um saco de estopa nas costas; “tinha os olhos aflitos e a boca seca de sede e de fome” (EVARISTO, 2017, p. 36). A primeira casa que visitou, ao chegar à favela, foi a de Vó Rita. Depois disso, vivia de casa em casa e, por mais incrível que pareça, Bondade tinha um lugarzinho em cada canto a que chegava. Maria-Nova via nele um grande contador de histórias, que narrava histórias tristes e alegres para a menina, que era uma grande colecionadora de histórias.

Ao nos depararmos com a descrição de Bondade, é possível perceber que, mesmo sem um lugar fixo, sem moradia, sem bens materiais, ele se sentia parte daquela comunidade; sentia-se pertencente à casa de cada um, ao coração de cada um — ali o homem encontrava o seu lugar. É interessante perceber como Conceição Evaristo conseguiu, com tanta sensibilidade, tecer uma narrativa com um enredo tão duro e, ao mesmo tempo, criar personagens afetuosos que, no desespero da “ordem de despejo”, conseguem estabelecer laços e até criar raízes em um ambiente tão miserável.

Ao relatar os motivos pelos quais sentiu o desejo de retornar à sua terra natal, bell hooks tece uma reflexão bastante pertinente sobre sua escolha. Kentucky, estado da região sudeste dos Estados Unidos, embora não represente um mundo ideal, era um lugar onde ela podia experimentar um pouco do senso de pertencimento:

Minha decisão de voltar a morar no Kentucky não surgiu da suposição sentimental de que encontraria na minha terra natal um mundo intacto, idealizado. Mas eu sabia que lá estariam os remanescentes de tudo o que tinha sido maravilhoso na minha criação. No tempo em que estive fora, eu voltava para o Kentucky e experimentava o senso de pertencimento que nunca encontrara em outro lugar, sentia os laços inquebráveis com a terra, com as pessoas, com o nosso modo de falar. Embora em tenha vivido muitos anos longe do meu povo, tive a sorte de ter pessoas à minha espera e um lugar onde era bem-vinda (hooks, 2022, p. 53).

O fato de que a ideia de pertencer a algum lugar está relacionada aos laços, às raízes que se criam em uma dimensão espacial — a um território — é uma das principais convicções de hooks ao retornar à terra em que nasceu e reencontrar um lugar onde era bem-quista.

Grada Kilomba constrói reflexões acerca das noções de pertencimento ao apresentar a história de uma mulher afro-alemã que vivia na Alemanha e que, em todos os momentos em que transitava por espaços públicos, era questionada sobre sua origem. Os questionamentos sobre “de onde ela vinha” constituem, segundo Kilomba, uma das formas mais racistas que a sociedade utiliza para escancarar que aquela mulher pertence a uma raça que não pode pertencer. Kilomba aprofunda seu pensamento sobre as relações entre raça, nacionalidade e pertencimento ao afirmar que “trata-se de uma construção na qual a ‘raça’ é imaginada dentro de fronteiras nacionais específicas e nacionalidade em termos de raça” (KILOMBA, 2019, p. 111).

O senso de pertencimento, para o sujeito negro, parece distante — um sentimento difícil de ser plenamente vivido — porque, a todo tempo, há uma marcação da “diferença” entre ele e o

outro. Desse modo, relações culturais, religiosas e de classe tornam-se marcadores dessa diferença imposta pelo pensamento colonial.

Em *Becos da Memória*, Maria-Nova observava a ilusão dos moradores que “acreditavam que estavam sendo felizes” (EVARISTO, 2017, p. 72) ao desfrutarem das festas que Sô Landislau proporcionava. A música, o som, a felicidade eram tantos que “abriam a boca tão escancaradamente que se viam as falhas de dentes e os já apodrecidos” (EVARISTO, 2017, p. 72). A cena da festa — da ilusão da felicidade — não iludia a menina, que se perdia em pensamentos que iam longe.

Um misto de ideias vinha à cabeça de Maria, especialmente duas realidades cujas imagens próximas faziam seu peito doer. Numa época em que já havia iniciado os estudos, ouvira falar, nas aulas de História, sobre a casa-grande. Sentia vontade de compartilhar com a professora seus pensamentos sobre como percebia que, na realidade, as casas-grandes não haviam acabado; para ela, o bairro nobre vizinho era o exemplo da casa-grande, e a favela onde vivia era a senzala. Ao procurar alguém com quem compartilhar suas ideias, percebeu que sua única colega de classe negra estava muito alheia aos assuntos sobre escravidão. Então, “fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava: ‘senzala-favela, senzala-favela’” (EVARISTO, 2017, p. 73). Maria-Nova conseguia perceber as diferenças que faziam com que ela, sua comunidade e os seus não pertencessem à nação.

O sentimento de não pertencimento faz parte de um projeto enraizado no racismo e em suas múltiplas facetas. Kilomba observa que as antigas formas de racismo, baseadas no apelo às “raças biológicas” e às ideias de superioridade e exclusão das supostas raças inferiores, caíram por terra. Atualmente, porém, tais formas foram substituídas por discursos de incompatibilidade com a cultura nacional. A autora afirma que “aqueles e aquelas que são diferentes permanecem perpetuamente incompatíveis com a nação; eles nunca podem pertencer de fato...” (KILOMBA, 2019, p. 113).

Ao construir Maria-Nova com um nível de consciência de classe tão acentuado, capaz de perceber as construções das diferenças impostas pela sociedade racista, Evaristo certamente denuncia uma realidade social profundamente conhecida por ela.

Afirmo que nada que eu escrevo é inocente. É muito bem pensado. Há pouco falei que “não usaria a palavra domínio”. É uma literatura em que a escolha semântica está profundamente relacionada com a minha situação social ou com a experiência social que já vivi. Penso que a Literatura Brasileira está precisando de obras que provoquem a academia para rever até o próprio conceito do que seria literatura. Talvez, a minha obra dê para pensar isso também. (EVARISTO, 2020, pág. 40)

Pensando estrategicamente em expor e denunciar as diversas realidades às quais os negros são submetidos, e considerando a escolha de como cada personagem vai reagir em meio a tantas tragédias e às desassistências do poder público, Conceição Evaristo, em determinado momento

da narrativa, demonstra como o sentimento de não pertencimento e de negligência mexe com as emoções dos moradores, que dificilmente mudarão de vida ou de classe social. Com as ameaças do desfavelamento, um sentimento de desesperança tomava conta de todos os moradores daquela favela.

Maria-Nova, particularmente, sentia-se confusa e, ainda que tentasse manter-se firme em meio a tantos acontecimentos, não deixava de se preocupar com a situação. Embora tivesse as figuras de Vó Rita e de Negro Alírio como uma faísca de esperança, a menina não sabia como ela e sua comunidade sairiam daquela circunstância. Sem dúvidas, mesmo reconhecendo que a vida na favela não era o “paraíso”, ela ainda podia sentir que aquele era o seu lar; os afetos e os laços que construiu ao longo dos anos em que viveu ali faziam-na sentir-se em casa. Agora, porém, forçada a sair dali, não só a menina, mas todos os moradores sentiam o vazio e o desespero de não saber o que fazer nem para onde ir.

Percebendo a íntima relação entre a favela e a senzala e experimentando a pobreza e a miséria todos os dias, o que mais entristecia a menina era ver que, no lugar em que nasceu e viveu a maior parte de sua infância, vivia-se pouco o amor e muito o ódio. Um dos maiores efeitos do desfavelamento e do sentimento de não ter um lar foi, literalmente, o ódio e a violência: a violência do homem que agredia a sua mulher por ela exigir alguns trocados para as compras; as mães que, tomadas pela raiva, batiam nos filhos; o ódio das crianças que, vendo a casa sem comida, chegavam ao ponto de roubar as feiras da região. Enfim, inúmeros casos que, como consequência da miséria e do desespero, ocorriam agora com mais frequência na favela. Esses personagens viviam os efeitos de estar em “um lugar marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela invisibilidade do Não ser, sendo” (PIEDADE, 2017, p. 17).

Ainda que esse cenário de não pertencimento possa ser observado ao longo da história ficcional, a escrita de Evaristo surge como esse lugar de pertencimento que busca dar voz às vivências não só de mulheres negras, mas de uma comunidade, de uma coletividade negra. Acerca disso, Eduardo de Assis Duarte, em seu trabalho intitulado *Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica*, reflete sobre a escrita evaristiana e como seus textos são marcados por uma discursividade específica, afirmando esse lugar da escrita que:

Mas fala, sobretudo, de um sujeito gendrado, tocado pela condição de ser mulher e negra num país que faz dela um “segundo sexo” específico, pois vítima de comportamentos nascidos do passado escravista. A escrevivência evaristiana é afro-gendrada, seja pela presença esmagadora de dramas e personagens femininos, seja pela explicitação das “vozes- -mulheres” como lugar de pertencimento a construir a representação, mesmo em se tratando de figuras do sexo oposto, meninos ou adultos (DUARTE, 2020, p. 84).

Nesse sentido, a voz de Maria-Nova surge como esse lugar de pertencimento, pois constrói, ao longo da narrativa, a representação de um espaço em que sempre poderá habitar e pertencer, ainda que com lacunas: o lugar da esperança, que podia se manter vivo em sua história e memória. Isso pode ser observado nos períodos de grandes chuvas na favela, momentos tristes

que angustiavam todos os moradores por causa da grande quantidade de água entrando nos barracos, das goteiras que deixavam as roupas manchadas; todos tinham que ficar dentro de casa. As chuvas eram tão assustadoras porque muitos barracos de madeira se desfaziam e “o pior era o desespero de não ter para onde ir, não ter mais o barraco para morar” (EVARISTO, 2017, p. 140).

Contudo, por meio da voz da menina, percebe-se que, ainda que as grandes chuvas criassem muitos transtornos aos moradores, uma faísca de esperança surgia, pois não era possível seguir com o plano do desfavelamento. E, mesmo que a chuva deixasse tudo nublado e sem vida, “... dentro de muitos, de Tio Totó, de Maria-Nova, de Bondade e principalmente das crianças, um sonho ingênuo brincava no coração deles. Uma réstia de luz, um sol esperançoso” (EVARISTO, 2017, p. 140), de que o lugar em que estava enraizada a vida de todos os moradores poderia ser sempre deles.

bell hooks reflete sobre como as noções de pertencimento estão ligadas à terra à qual se pertence, a uma relação afetiva com os animais, com as pessoas, à generosidade, ao igualitarismo, à mutualidade, à inclusão e à resolução de conflitos. Afirmo, ainda, que todas essas formas de pertencimento lhe foram ensinadas na primeira infância; contudo, pelas circunstâncias da vida, todos os repertórios que havia recebido foram se perdendo. A experiência de viver longe da terra natal mudou sua perspectiva e sua percepção sobre o próprio lugar e, quando tinha a oportunidade de regressar, sentia que, a cada visita à família, realizava um rito de passagem para garantir que ainda pertencia àquele espaço, pois constatava não ter mudado tanto a ponto de não poder mais voltar.

No caso de Maria-Nova, ela jamais poderia retornar ao mesmo lugar no qual criou suas raízes, onde cresceu e viveu parte da infância. Não voltaria não por falta de desejo, mas porque era impossível: a favela seria destruída em pouco tempo. Contudo, ela sempre poderia regressar aos seus pensamentos, às suas memórias, à sua escrita, ao seio de Vó Rita — a algum lugar inventado, imaterial — ao qual poderia pertencer. As marcas de uma narrativa que revela a visão afetiva de uma menina que resgata suas lembranças, e que, mesmo rememorando fatos de tristeza, miséria ou até mesmo de felicidade e amor, demonstra o desejo de reinvenção da vida por meio da escrita, lugar ao qual sempre poderia se apegar.

“A vida não podia se gastar em miséria e na miséria. Pensou, buscou lá dentro de si o que poderia fazer. Seu coração arfava mais e mais, comprimido lá dentro do peito [...] um dia ela iria tudo escrever” (EVARISTO, 2017, p. 160). Maria-Nova buscava novos sentidos de pertencimento na esperança de que um dia todas aquelas circunstâncias de uma vida dura e sofrida passariam e de que ela haveria de expor isso aos seus, sobretudo a Vó Rita, que tinha um coração maternal tão imenso e bondoso, que não se deixava abater por qualquer coisa — nem pela desigualdade social, nem pela violência, nem pela miséria.

Momentos antes de deixar a favela, Maria levantou cedo e, como de costume, foi visitar Vó Rita. Em um momento em que os tratores já estavam prontos para o trabalho que destruiria de vez o buracão e aplainaria a área onde os últimos barracos estavam localizados, ela, após realizar as últimas provas e se despedir de seus colegas e de seus mestres, deitou-se, dormiu, “e foi Vó Rita que veio no seu último sono-sonho ali na favela” (EVARISTO, 2017, p. 183).

Vó Rita entrou devagarinho no quarto. De repente. Calada. Ela que não tinha a voz calada nunca, pois, se não estava falando, cantando estava; que nunca chegava de repente, pois se sabia de longe que Vó Rita estava chegando. E eis que ela chegou pé ante pé. Grandona, gorda, desajeitada. Abriu a blusa e através do negro lúcido e transparente de sua pele, via-se lá dentro um coração enorme. E cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens. Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor de rosa, descoloridos... Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira (EVARISTO, 2017, pág. 184)

Ao se despedir de Vó Rita e receber sua bênção, Maria-Nova está pronta para iniciar uma nova etapa em sua vida — etapa que começa com o rompimento da fase em que viveu a maior parte de sua infância e que a prepara para a juventude e, posteriormente, para a vida adulta. Em *Escritas que curam: complexo racial e narrativa memorialista*, a pesquisadora e psicóloga Simone Rodrigues Neves analisa, sob a perspectiva da psicologia, as possíveis simbologias presentes no último sonho de Maria-Nova na favela, que posteriormente relacionarei com o conceito de pertencimento.

Pensando nas imagens arquetípicas que os sonhos carregam, Neves admite que tais arquétipos são “capazes de gerar transformações emocionais profundas e redimensionamento da própria vida” (NEVES, 2023, p. 149). Vó Rita, em todos os momentos em que surge na narrativa, aparece como uma figura materna que, sempre com muito carinho e esperança, acolhe a quem conseguir. Para Neves, a forma como Vó Rita se apresenta no sonho “remete ao arquétipo da força do materno ancestral. Ganha destaque na imagem onírica o seu ‘ventre coronário’ como fonte geradora da vida, visível através de sua pele iluminada e transparente, o que nos remete à dimensão espiritual da imagem” (NEVES, 2023, p. 150). E continua a análise reafirmando que:

No sonho, a alma de Vó Rita é revelada e é por meio do pulsar de seu coração que os homens, com todas as suas diversidades de cor, são gerados. A origem da humanidade surge assim do pulsar da amorosidade da alma maternal. No vocabulário mandê, Nimba significa o feminino enquanto alma, esse significado está presente na antiquíssima deusa da fertilidade Nimba, cultuada em rituais praticados pelos povos africanos Baga e Nalu. Segundo Paiva (2021), nos rituais, Nimba é representada por muitas cores, é uma deusa que gera, atua, coopera, compartilha e tece o destino da vida dos seres. Considerando a dimensão arquetípica do sonho, podemos pensar que Maria-Nova foi visitada em seu quarto pela alma feminina universal, já que o termo “avó” transmite uma forte referência afetiva da matriz ancestral. Podemos pensar que, simbolicamente, Vó Rita constela a imagem da Mama África fortemente identificada com a origem da humanidade, considerando os vários indícios já descobertos de que o *homo sapiens* surgiu naquele continente. Se nos aproximamos um pouco do nosso território, podemos inferir que a matriz africana constitui uma das marcas da nacionalidade brasileira, tais referências negras se atualizam nas imagens das Mães de Santo, nas tias da periferia, nas rainhas das congadas, entre tantas outras. (NEVES, 2023, p. 153)

A imagem da mãe África é um elemento muito presente na literatura negro-brasileira — uma mãe que sente a dor de seus filhos e sente saudades dos seus. Sobre isso, Carolina Maria de Jesus sempre divagava em seus pensamentos e, quando isso não era o bastante, escrevia e refletia: “Eu pensava que a África era a mãe dos pretos. Coitadinha da África que, chegando em casa, não encontrou seus filhos. Deve ter chorado muito” (JESUS, 2007, p. 65). A figura materna é um dos lugares mais seguros para se viver. Reconhecendo isso, Carolina de Jesus escreveu um poema em homenagem à sua mãe, que refletia intensamente seus sentimentos e sua consideração por uma das principais imagens de sua ancestralidade.

“Mãe é sempre mãe”

Se eu tivesse a minha mãe
 Oh que grande felicidade
 Foi a única mulher
 Que me amou com sinceridade
 Nas suas orações.
 Incluía-me no pensamento
 Para Deus cortar-me as aflições
 E livrar-me dos sofrimentos.
 Quando eu adoecia.
 Era imenso o seu estertor
 O olhar que me dirigia Revelava o seu amor.
 Mas, um dia ela sucumbiu
 Quem morre não volta mais
 Depois que ela partiu...
 Notei:
 Que falta a mãe nos faz
 Mamãe foi meu relicário
 O que me ensinou ainda lembro
 O dia do seu aniversário
 Vinte e cinco de dezembro.
 (JESUS, 1996, p. 67).

É na figura da mãe, da “alma feminina universal”, que Maria-Nova e sua comunidade vão se apegar e pertencer. Toda a generosidade e mutualidade extrapolam os sentimentos de exclusão e de não pertencimento trazidos pela miséria e pelo esquecimento. Na vida ancestral e maternal de Vó Rita, todos nascem, e é dada à menina a possibilidade de se encontrar “...com a força curativa de sua ancestralidade, presente nas imagens da fecundidade, solidariedade e criatividade, elementos essenciais para a sua trajetória pessoal e legado coletivo pautados em sua escrevivência” (NEVES, 2023, p. 153). Portanto, sendo a figura da mãe e das mulheres o lugar em que se pode encontrar o sentimento de pertença, é nessa universalidade feminina que a nação poderá ser reescrita.

3.3 A Nação

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2020, p. 7).

Em muitos momentos ao longo de *Becos da Memória*, nota-se a distância entre quem vive à margem da sociedade — ou seja, as pessoas que viviam na favela — e aquelas que possuíam alto poder aquisitivo, majoritariamente brancas. Esses momentos de contraste me fizeram refletir sobre os resultados que a desigualdade social pode gerar na vida de pessoas menos privilegiadas; ou melhor, fizeram-me refletir sobre os *porquês* — sim, no plural —, isto é, sobre as razões pelas quais algumas pessoas, dentro da nação, são preteridas em detrimento de outras.

Nessa perspectiva, propõe-se, neste capítulo, pensar sobre como a nação pode estar representada nas linhas da narrativa analisada neste trabalho. Para isso, revisitaremos alguns pontos de *Becos da Memória* e analisaremos, no que se refere à noção de nação, onde a população afro-brasileira se encaixa — ou não — no projeto nacional.

Cabo Armindo, descrito por Maria-Nova como um “brasileiro devoto”, fazia questão de demonstrar seu patriotismo e, em todas as datas cívicas, colocava o Hino Nacional na vitrola. Em todas as festividades que faziam menção à nação brasileira, ele se empenhava em comemorar. A festa junina, completamente bancada por ele, movimentava toda a favela. Ninguém ficava de fora: para participar da comemoração, vinham vizinhos de todas as partes da comunidade, desde os mais próximos até os mais distantes. Nas memórias da menina, há cada detalhe daquela festa tão importante para todos.

Cabo Armindo morava numa área privilegiada da favela. Sua casa ficava no centro de um terreno enorme. Armava-se a fogueira, dançava-se a quadrilha. Os assistentes ficavam no terreiro ou do lado de fora da cerca de arame, que ladeava o terreno da casa dele. A casa era abaixo do nível da rua (do beco), de modo que as pessoas cá de cima assistiam a tudo também (EVARISTO, 2017, p. 46).

Embora esses momentos de festa fossem bem recebidos pelos moradores da favela, aos olhos de Maria-Nova nada passava despercebido. Ela percebia o que as pessoas comentavam a respeito das celebrações e de Cabo Armindo. Algumas acreditavam que ele apenas organizava a festa, mas que quem realmente financiava tudo eram as pessoas ricas que moravam no bairro

nobre ao lado da favela. Para a menina, os ricos desse bairro custeavam todas as despesas da comemoração para que “os favelados não os importunassem” (EVARISTO, 2017, p. 47).

Havia outros bairros perto de favelas em que as casas eram constantemente arrombadas. Parece que havia mesmo um acordo tácito entre os favelados e seus vizinhos ricos. Vocês banquem a nossa festa junina, deem-nos as sobras de suas riquezas, oportunidades de trabalho para as nossas mulheres e filhas e, antes de tudo, deem-nos água, quando faltar aqui na favela. Respeitem nosso local, nunca venham com plano de desfavelamento, que nós também não arrombaremos a casa de vocês. Assim, a vida seguia aparentemente tranquila. E dois grupos tão diversos teciam, desta forma, uma política da boa vizinhança (EVARISTO, 2017, p. 47).

Parece, então, que a política da boa vizinhança baseava-se no trato de que os pobres não incomodassem os ricos, ou melhor, de que os pretos não incomodassem os brancos. Sobre isso, Mário Theodoro, após realizar estudos sobre características comuns às sociedades desiguais, observou que, em primeiro lugar, essas sociedades convivem com a desigualdade social de maneira persistente, dia após dia, e que são capazes de ver pessoas racialmente discriminadas — e, por consequência, prejudicadas — sem tomar qualquer atitude. Isso contribui para o esquecimento e para a não resolução do problema pelo Estado.

Em segundo lugar, o autor identificou que tais sociedades “produzem assimetrias em áreas diversas e importantes da dinâmica social” (THEODORO, 2022, p. 18). Nesse sentido, no âmbito do mercado de trabalho, da educação, da saúde e da distribuição espacial da população, essas assimetrias atuam como reforçadoras da desigualdade. De acordo com Theodoro, tais desigualdades se autoalimentam e se articulam em desfavor do grupo discriminado. Isso ocorre porque, em seu entendimento, a base de toda desigualdade social está estruturada no racismo; ou seja, o racismo atinge a sociedade como um todo, sendo determinante para a definição dos lugares sociais que os indivíduos ocupam.

Quando Maria-Nova observa a assimetria entre a favela e os bairros nobres, percebe-se que, no fundo, a “política da boa vizinhança”, estabelecida conscientemente, não passa de um reforço das desigualdades sociais, como se fosse uma forma de manter afastadas as pessoas que, de certa forma, não são desejáveis ou aceitáveis para a nação. Nessa direção, pensar nas inúmeras desigualdades vivenciadas pela menina e por sua comunidade ajuda a refletir sobre como tais dificuldades fazem parte de um projeto nacional que buscou, durante muitos anos, apagar a existência de milhares de pessoas do imaginário da nação.

Refletir sobre o projeto de nação que foi pensado para o Brasil — ou, mais precisamente, sobre o projeto de nação que não foi pensado para os negros brasileiros — é um dos pontos centrais desta pesquisa. A obra literária analisada neste estudo pode ilustrar, de forma dolorosa, a realidade de milhões de brasileiros que têm suas cidadanias mutiladas pela supressão de direitos básicos para a sobrevivência, em um lugar cujos moradores “não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida” (EVARISTO, 2017).

Os sonhos só dão para o almoço, para o jantar, nunca [...]. Hoje descobri a verdade do dizer daquele ditado. Sonho só alimenta até à hora do almoço, najanta, a gente precisa de ver o sonho acontecer. Tive tanto sonho no almoço de minha vida, na manhã de minha vida, no jantar, eu só tenho a fome, a desesperança...(EVARISTO, 2017, p. 51).

O fragmento acima expõe o sentimento de angústia da personagem Maria-Nova, a grande porta-voz da favela, cenário central onde o enredo se desenvolve. Sem esperança, sem o direito de pertencer a um lugar e sem as condições necessárias para a sobrevivência, os moradores são lançados à margem, submetidos à precariedade que marca as vidas negras retratadas na narrativa. Esse aspecto foi um dos pontos centrais que me conduziram à constatação que me faz refletir, mais profundamente, sobre a nação.

Para começar a pensar o conceito de nação, tomo como ponto de partida Benedict Anderson que, em *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, afirma que a condição nacional é um forte expoente do valor da legitimidade universal na vida política contemporânea. Nesse sentido, podemos considerar o quanto a condição nacional — aqui entendida como o pertencimento de um sujeito a um determinado contexto nacional — funciona como um elemento importante de legitimação política e social na modernidade.

A fim de oferecer uma definição operacional do conceito de nação, Anderson (1997) apresenta três paradoxos que, segundo ele, causam irritação entre os “teóricos do nacionalismo”: (1) a modernidade objetiva das nações aos olhos do historiador versus a sua antiguidade subjetiva aos olhos dos nacionalistas; (2) a universalidade da nacionalidade como conceito sociocultural — no mundo, todos podem, devem e hão de “ter” uma nacionalidade —; e, por fim, (3) o poder “político” dos nacionalismos versus sua pobreza, ou mesmo sua incoerência filosófica. Tal irritação decorre do fato de que, para Anderson, “o nacionalismo nunca gerou pensadores próprios”.

Após uma série de avaliações e reflexões sobre o que se pensou, ao longo da história, acerca da nação, o historiador chegou a uma definição formulada “no espírito antropológico”: trata-se de “uma comunidade política imaginada — e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (ANDERSON, 1997).

Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. [...]. Ela é limitada porque mesmo a maior delas, que agregue, digamos, um bilhão de habitantes, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações. [...]. Imagina-se a nação soberana porque o conceito nasceu em uma época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico de ordem divina (ANDERSON, 1997, p. 32, 33 e 34).

A nação, na perspectiva de Anderson, é imaginada como uma comunidade, principalmente por ser concebida, sempre, como uma “profunda camaradagem horizontal”. Em outras palavras, existe um pensamento harmônico, no fundamento dessas comunidades, que se inscreve no in-

consciente de seus membros. A grande questão levantada pelo autor, ao refletir sobre o pensamento imaginativo de irmandade que tais comunidades produzem, é: como essas construções simbólicas são capazes de gerar tantos sacrifícios descomunais de seus membros? Ao mencionar tais sacrifícios, Anderson refere-se a pessoas que estão dispostas a dar a vida pela comunidade.

A concepção de nacionalismo proposta pelo autor está alinhada com dois “grandes sistemas culturais” que o antecederam: a comunidade religiosa e o reino dinástico. Neste momento, não detalharei como Anderson concebe esses sistemas, mas é importante destacar que ambos compartilham uma compreensão de soberania que se sustenta por meio de símbolos.

Ao refletir sobre os diferentes símbolos que constroem uma nação, Stuart Hall — sociólogo jamaicano e importante intelectual dos estudos culturais — discute, em uma de suas obras mais reconhecidas, *Identidade cultural na pós-modernidade*, especialmente no capítulo “Culturas nacionais como comunidades imaginadas”, de que maneira as identidades nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização. A partir dessa proposta, o argumento central defendido por Hall (2009) é que as identidades nacionais não são características inatas, mas se formam e se transformam no interior dos sistemas de representação.

Isto é, só é possível compreender o que significa pertencer a uma nacionalidade devido a uma série de sistemas simbólicos que produzem essa comunidade imaginada. Ampliando o debate iniciado por Anderson, Hall reafirma que a nação é uma comunidade simbólica que constitui “uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas” (HALL, 2009, p. 49).

O grande feito desse pensamento nacional é criar uma série de padrões que envolvem desde a generalização do vernáculo até a homogeneização de toda uma cultura. Nesse sentido, sob o olhar para os “sujeitos fragmentados” — produto da modernidade — a cultura nacional, para Hall, constitui um dispositivo moderno, isto é, um discurso.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente ao seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2009, p. 51).

A produção dos sentidos que nos oferece uma certa identificação com a nossa nacionalidade enraíza-se em nosso imaginário por meio de narrativas. Essa constatação é fundamental, pois, tratando-se de uma pesquisa que estuda a literatura negro-brasileira de Conceição Evaristo, será possível observar como a autora utiliza a palavra literária para criar, inventar e estabelecer outra realidade em nosso inconsciente. Para fortalecer a argumentação aqui proposta, considerar especialmente quatro dos cinco elementos que Hall apresenta para analisar como é construída a narrativa nacional será basilar. Em primeiro lugar, isso permitirá iniciar a reflexão sobre o projeto malicioso da comunidade imaginada brasileira e, em seguida, avaliar como a literatura tem potência para insurgir-se contra essa série de narrativas hegemônicas.

O primeiro elemento apresentado pelo sociólogo é a narrativa da nação, contada e recontada nas obras literárias e nos relatos históricos. Nessa perspectiva, a formação canônica da literatura nacional cumpre papel central na consolidação da comunidade imaginada, pois é por meio dela que histórias, cenários e fatos históricos são retratados. O grande problema é que tais narrativas têm o poder de “simbolizar ou representar experiências partilhadas que dão sentido à nação” (HALL, 2009, p. 52). A questão central envolvendo essa representação das “experiências compartilhadas” está na homogeneização que exclui e violenta outras tantas experiências.

O segundo elemento é a ênfase nas origens, na continuidade, nas tradições e na temporalidade. Trata-se de um interesse em manter o *status quo*, que torna, segundo Hall, os elementos nacionais imutáveis apesar das vicissitudes da história, transformando-os em símbolos intocáveis. Esse pensamento, que busca adaptar os indivíduos à comunidade imaginada, evidencia o esforço da classe dominante em manter o controle das narrativas.

O terceiro elemento explicitado por Hall, com base no conceito de “tradição inventada” de Hobsbawm, é a invenção de costumes, que repete práticas ritualísticas e simbólicas destinadas a perpetuar a noção de identidade nacional. O quarto elemento, por sua vez, constitui-se na criação de um mito fundacional, responsável por elaborar uma história que localiza a origem da nação e do povo em um passado irreal. Considerando que esses elementos estão no cerne da construção discursiva que forja a nação, nesta pesquisa proponho-me a pensar a nacionalidade a partir dos modos discursivos que a consolidam, buscando demonstrar o quanto, no Brasil, sobretudo as questões de gênero e raça não apenas deixam de ser incluídas no projeto de nação, mas são ativamente excluídas dele.

Trazendo a discussão para o contexto brasileiro, Abdias do Nascimento, em *O Genocídio do Negro Brasileiro*, critica a consolidação do termo “democracia racial”, que “supostamente refletiria determinada relação concreta da dinâmica da sociedade brasileira” (NASCIMENTO, 2016, p. 35). A falácia da democracia racial, em múltiplos sentidos, recria a comunidade imaginada do Brasil de maneira a construir, na consciência dos indivíduos, a ideia de que brancos e negros vivem de forma igualitária, com as mesmas condições econômicas, sociais e culturais.

Devo observar de saída que este assunto de “democracia racial” está dotado, para o oficialismo brasileiro, das características intocáveis de verdadeiro tabu. Estamos tratando com uma questão fechada, terreno proibido sumamente perigoso. Ai daqueles que desfaziam as leis deste segredo! Pobres dos temerários que ousarem trazer o tema à reflexão ou mesmo à análise científica! Estarão chamando a atenção para uma realidade social que deve permanecer escondida, oculta (NASCIMENTO, 2016, p. 39).

O pensamento de Nascimento será fundamental para refletir, no âmbito da análise literária, sobre a formação da sociedade brasileira no período pós-colonial, especialmente no pós-abolição — período que, evidentemente, não pensou nem criou condições dignas de vida para os ex-

escravizados, que, mesmo diante da “liberdade”, encontravam-se presos a um sistema cíclico de pobreza e miséria. Tio Totó, o tio idoso de Maria-Nova, ao rememorar alguns momentos de sua vida, chega a uma reflexão dolorosa, revelando a impossibilidade de felicidade que historicamente marcou a experiência da pessoa negra.

Quando Tio Tóto se entendeu por gente, ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam todos na labuta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que ele já nascera na “Lei do Ventre Livre”. Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida, nem ele (EVARISTO, 2017, p.20).

Tio Totó, personagem criado por Evaristo, carrega, em diversos momentos da narrativa, um peso profundo — a dor da desesperança. Idoso, sem a esposa e sem os filhos, que partiram “antes do tempo cumprido”, encontra, diante das dores da vida, apenas uma solução para pôr fim à agonia que lhe apertava o peito: a morte, o lugar de sua “derradeira mudança”. A passagem acima ilustra o momento posterior à indignação do velho, que não se conformava com o desfalecimento; não queria mudar de novo, e novamente. “Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra” (EVARISTO, 2017, p. 18).

O personagem criado por Evaristo retrata, dentro da narrativa, a situação da população afro-brasileira, que não encontra um lugar ao qual pertença na nação. As constantes mudanças e deslocamentos são significativas para pensar como a comunidade imaginada brasileira, literalmente, não inclui a população negra, condenada a viver ciclicamente como não humana. Nessa perspectiva, a literatura de Evaristo toca o intocável, denunciando a inexistência da chamada democracia racial — a forma mascarada mais cruel de racismo. Como resolver um problema sem reconhecê-lo?

A repetição incessante dessa narrativa, como afirma Hall (2009), demonstra o esforço da classe dominante em se colocar como paradigma de tudo, negando a existência da exclusão social sofrida pelos negros, a fim de criar, no imaginário nacional, um discurso que somente a beneficia.

Desde os primeiros tempos da vida nacional aos dias de hoje, o privilégio de decidir tem ficado unicamente nas mãos dos propagadores e beneficiários do mito da “democracia racial”. Uma “democracia” cuja artificiosidade se expõe para quem quiser ver; só um dos elementos que a constituiriam detém todo o poder em todos os níveis político-econômico-sociais: o branco (NASCIMENTO, 2016, p. 40).

Nascimento nos ajuda a perceber como a comunidade imaginada brasileira, ao negar a democracia racial, evidencia que os brancos controlam os meios de disseminação de informações, o aparelho educacional e a formulação dos conceitos, das armas e dos valores do país. A estabilidade narrativa construída reflete-se em uma estabilidade prática, na vivência diária, que desesta-

biliza a população negra. Nessa perspectiva, a noção de nação aqui mobilizada servirá para analisar a literatura de Evaristo e como ela realiza uma leitura crítica do nosso processo étnico-racial por meio do discurso, desestabilizando o status quo nacional.

Ao refletir sobre as questões sociais que permeiam a história de pessoas negras no Brasil, Beatriz Nascimento observa que, após a abolição da escravatura, fomos integrados à nação, contudo sob a expectativa de “melhorar a raça”, seja por meio de casamentos ou de relações eventuais não oficializadas, “até o ponto da nação ficar cada vez mais moreninha” (NASCIMENTO, 2021, p. 65) e, com a ajuda dos imigrantes europeus, cada vez mais branca. Desse modo, a forma mais aceita de inserir pessoas negras na sociedade brasileira se daria pelo apagamento da raça ou por sua inserção em lugares subalternos da estrutura social.

Esse cenário de subalternidade pode ser observado na história de Ditinha, na qual é evidente o modo como a desigualdade social e racial molda a vida de pessoas sujeitas a esses problemas. Ao ilustrar a realidade de mulheres cuja função social é o trabalho de cuidado, Evaristo desempenha um papel fundamental: por meio da personagem, torna visível a discrepância entre a vida da patroa — mulher branca e rica — e a dos favelados. Ao demonstrar tal realidade, longe de reforçar olhares estigmatizantes sobre pessoas racializadas, a autora denuncia a ausência de negros em posições de relevo social e os desdobramentos dessa exclusão.

Com o pai debilitado e três filhos pequenos, Ditinha precisava fazer milagres com o pouco que recebia de sua patroa, dona Laura. Sempre antes de sair para trabalhar, preparava a comida dos seus e, ao chegar à casa da patroa, sentia uma grande dor no peito ao comparar o alimento de sua casa com o da de dona Laura. O alimento “não descia”, ainda que tentasse comer. Um sentimento de compaixão tomava conta da mulher, pois não deixava de pensar nos seus, que poderiam estar em casa com fome. A relação entre Ditinha e a patroa, portanto, constitui um ponto central que nos permite refletir sobre as desigualdades presentes na nação brasileira. “Ditinha olhou para a patroa e sentiu o ar de aprovação no rosto dela. Como D. Laura era bonita! Muito alta, loira, com os olhos da cor daquela pedra das joias. Ditinha gostava muito de D. Laura e D. Laura gostava muito do trabalho de Ditinha” (EVARISTO, 2017, p. 141).

Pressionada pela falta de dinheiro e pela miséria em que vivia, em determinado momento da narrativa, Ditinha rouba um broche de sua patroa. Após o episódio, pelas memórias de Maria-Nova, acompanhamos em detalhes os pensamentos da empregada doméstica: o medo, a culpa, o pavor diante da possibilidade de ser descoberta.

Narrativas como essa nos fazem perceber o quanto o Brasil ainda está distante de uma democracia racial. Em *Uma História Feita por Mãos Negras*, Beatriz Nascimento afirma que “mediante mecanismos seletivos, a sociedade brasileira reduz o espaço dedicado ao negro dentro da escala social” (NASCIMENTO, 2021, p. 65). Quando esse espaço se naturaliza na cultura, constrói-se o cenário ideal às classes dominantes. Ao mencionar a “nossa democracia racial”,

Nascimento provoca ao afirmar que, no imaginário brasileiro, os lugares de prestígio destinados aos negros parecem restringir-se ao samba e ao futebol. Assim, para justificar a suposta harmonia racial e de classes, basta mencionar Pelé ou alguns sambistas em boas condições financeiras.

Contudo, o pensamento de Beatriz nos leva, enquanto pessoas negras, a refletir sobre as inúmeras contradições que nos atravessam. A autora segue seu raciocínio questionando: “se somos parte integrante de uma democracia racial, por que nossas oportunidades sociais são mínimas em comparação com as dos brancos?” (NASCIMENTO, 2021, p. 66).

O argumento que sustenta a ideia de que a ausência de condições necessárias para a população negra no projeto nacional brasileiro é uma estratégia deliberada das elites baseia-se, sobretudo, na observação de que os atuais segmentos da classe média, oriundos, em grande parte, de grupos imigrantes, embora tenham chegado ao país em condições de extrema pobreza, conseguiram ascender socialmente — fato que, como pontua Theodoro, não ocorreu com a população negra. Pelo contrário: “aos negros restaram os piores postos de trabalho, o subemprego, os mais insalubres locais de moradia nas áreas periféricas e a falta de serviços públicos” (THEODORO, 2022, p. 19).

Desse modo, por meio da construção narrativa de *Becos da Memória*, temos acesso a uma realidade voltada à denúncia de inúmeras injustiças sociais que atingem diretamente a vida de pessoas negras — situações cotidianas alimentadas pela branquitude e pela escolha de quem deve viver e quem deve morrer. Reconhecendo o poder das narrativas para a constituição daquilo que se chama nação, a literatura de Evaristo convoca novos olhares para a realidade dos negros brasileiros. Sobre a escrita de autoras como Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo, essa força ancestral que possui o poder de reescrever a nação, Eduardo de Assis Duarte afirma que:

A narrativa de Conceição Evaristo filia-se, portanto, a esse veio afrodescendente que mescla história não-oficial, memória individual e coletiva com invenção literária, iniciado com a publicação de *Úrsula*, em 1859.⁵ O texto de Maria Firmina dos Reis, a exemplo da poesia satírica de seu contemporâneo Luiz Gama, destoa cabalmente do projeto literário romântico, empenhado na missão conservadora de unir o país assolado pelas recentes revoltas separatistas, através do reforço literário das narrativas e conceitos de nação e de identidade nacional. O texto de *Úrsula*, ao contrário das ficções de fundação comuns em seu tempo, recusa-se a propagar a ideologia de uma identidade nacional una e coesa, que apaga as diferenças e naturaliza hierarquias. Em vez disso, enfatiza a diferença étnica transformada em desigualdade social e subalternizada pelo escravismo. Ao colocar o negro como referência axiológica de seu texto, verdadeiro exemplo para personagens e leitores brancos; e ao inscrever senhores e escravos como “filhos de Deus” e “irmãos” perante os desígnios divinos, a escritora maranhense apropria-se da moral hegemônica para desmascarar o rebaixamento dos afrodescendentes (DUARTE, 2006, p. 307-308).

Para tanto, narrativas construídas a partir de um lugar, de um sujeito de enunciação que está intimamente familiarizado com a realidade étnico-racial a que os negros estão sujeitos constituem uma ferramenta eficaz que, tal como afirma Eduardo de Assis Duarte, desmascara todas as variadas formas de rebaixamento dos negros construídas pela história oficial. O compromisso, então, não é reforçar os olhares cheios de estereótipos aos quais os negros são submetidos nas

narrativas canônicas oficiais, mas sim não deixar esquecer todos os sofrimentos e também os momentos de resistência e força.

Schmidt (2000), ao tentar estabelecer uma relação entre literatura e identidade nacional, observou que, ainda no século XIX, um grupo privilegiado e empenhado buscou elaborar uma narrativa que atingisse certo grau simbólico e ideológico capaz de unificar culturalmente a nação que emergia. Nessa ótica, “Construir a nação significava constituir uma literatura própria, começando pela demarcação de sua história, conforme princípios de seleção e continuidade que pudessem sustentar um acervo de caráter eminentemente nacional” (SCHMIDT, 2000, p. 85).

Logo, a concepção de um Brasil como um Estado moderno, como uma nação formada em termos de um povo soberano, deu-se, de acordo com Schmidt (2000), de forma consciente e politicamente independente, estando intimamente ligada ao movimento literário romântico, cuja “destilação nacionalista foi um importante agente na luta pela coesão social e pela autonomia cultural” (SCHMIDT, 2000, p. 85).

Sendo assim, a importância da construção de uma literatura nacional se fez concomitantemente à construção da nação brasileira. Em um período em que a literatura se tornou um símbolo de valor da identidade de uma cultura que buscava ser coesa e una, nasceram as produções literárias que se instituíram como oficiais: o chamado cânone literário brasileiro. De acordo com a autora, a potência de conferir representatividade à narrativa nacional se sustentou por meio do silenciamento e do esquecimento de memórias subalternas, “recalcadas pela submissão à abstração das diferenças em nome do ‘caráter uniformizador e destrutivo da memória coletiva nacional’” (SCHMIDT, 2000, p. 85).

Por isso, ao pensar a nação — não apenas pelas linhas narrativas de *Becos da Memória*, mas também pela escrita de autoras comprometidas em trazer para o centro as histórias apagadas dos registros oficiais — reafirma-se que as mulheres, por meio da literatura, são capazes de reescrever a nação. Reescrever, porque o projeto de nação já existente demonstra que a comunidade imaginada para o território brasileiro não contempla — e historicamente nunca contemplou — os corpos negros, os corpos femininos e outras subjetividades apagadas do imaginário nacional. A esse respeito, a crítica literária Rita Terezinha Schmidt mostra-nos que:

outras narrativas do nacional que não só deixam visíveis as fronteiras internas da comunidade imaginada como prefiguram a questão identitária nos interstícios das diferenças sociais de gênero, classe e raça, reconceptualizando, assim, a nação como espaço heterogêneo, mais concreto e real, atravessado por tensões e diferenças. Pelo viés da ótica feminina, nacionalizar o nacional, o que soa aparentemente como um despropósito, significa, justamente, questionar a matriz ideológica do paradigma universalista que informou o princípio do nacionalismo brasileiro, responsável pela constelação hegemônica de forças políticas, sociais e culturais presentes na formação e no desenvolvimento da nação como narração (SCHMIDT, 2000, p.89).

Nesse contexto, pode-se dizer que a escrita de Conceição Evaristo rompe com os paradigmas universalistas e insere na nação múltiplas existências, com o auxílio do poder das memórias

e da ancestralidade. No posfácio da obra, Simone Pereira Schmidt reforça essa ideia ao analisar como o compromisso de “dar corpo aos moradores da favela” significa caminhar em sentido contrário aos padrões que são frequentemente associados às pessoas que vivem em situações subalternas. Para ela, esse ato é um gesto dialógico que envolve política e cultura, já que “permite ao leitor brasileiro, desamparado de uma tradição de representação das diferenças sociais e raciais em nossa cultura, aprender, como sugere Dalcastagnè (2008), ‘um pouco do que é ser negro no Brasil’” (SCHMIDT, 2017, p. 186).

Portanto, assumindo a posição de contadora e inventora de histórias, a partir de seu lugar de autoria, Evaristo, por meio da escrevivência e das memórias, reescreve a nação com sua percepção crítica sobre a realidade e nos ajuda a desfazermos-nos das visões repletas de preconceitos que buscam excluir aqueles que são vistos como subalternos.

3.3. Lá estava Maria-Nova de olhos, ouvidos e coração bem abertos: A memória espiralar como um lugar de acolhimento

Navegar é preciso, embarcar nas águas da memória, içar velas mar adentro, retomar o caminho, buscar a história emaranhada em direção à volta. Navegar não é preciso. A bússola indica a direção, mas é impotente diante da imprecisão do tempo. Recordar é mais impreciso ainda. Inventa-se, pois, uma história; preenche-se com a ficção o vácuo produzido não pelo esquecimento, mas pelo desconhecimento, pela ausência de elementos, de materiais e matérias que relatariam o evento histórico, que foi silenciado e que se precisa lembrar (EVARISTO, 2011, p. 27).

Pensar a memória é pensar o tempo, a partir do entendimento de que este constitui uma importante dimensão para a compreensão da experiência humana. Por um longo período, as tentativas de compreensão do conceito de cronologia foram realizadas pelas culturas ocidentais a partir da divisão entre passado, presente e futuro. A percepção linear do tempo, que expressa a sucessão dos acontecimentos, mostra-se problemática, pois tende a excluir a multiplicidade de experiências, produzindo, assim, a homogeneização das temporalidades. Nesse sentido, ignorar as diversas maneiras pelas quais o tempo é vivido e percebido significa ignorar as múltiplas formas de construção de saberes, culturas e experiências.

Nas temporalidades, esferas para além do tempo entendido como mera sucessividade são levadas em consideração, como as dimensões social, cultural e histórica. Levando em conta o amplo constructo teórico existente sobre tempo, temporalidade e memória, este capítulo se concentra em observar essas concepções sob uma perspectiva decolonial, a fim de compreender como a memória opera como um importante instrumento de criação, reinvenção e dilatação na literatura de Conceição Evaristo.

Antes de iniciar as reflexões acerca da força que as memórias conferem à fala de intelectuais negras, é preciso compreender que o silenciamento gerado pelo passado colonial ocasionou lapsos de memória decorrentes de um apagamento histórico. A esse respeito, em *Memórias de*

Plantação: episódios de racismo cotidiano, Grada Kilomba promove uma reflexão sobre a imagem da máscara de Anastácia, conhecida no imaginário nacional como uma mulher escravizada do século XVIII obrigada a usar uma máscara de ferro por recusar-se a ter relações com seu senhor. A partir desse signo, Kilomba observa como o instrumento de violência e trauma contribuiu para a consolidação da máscara como símbolo do silenciamento do sujeito negro.

Nesse sentido, segundo a autora, a máscara do silenciamento representa os efeitos do colonialismo e “simboliza políticas sádicas de conquista e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os outras/os” (KILOMBA, 2019, p. 33). Assim, as políticas de silenciamento implementadas ao longo do tempo foram responsáveis por dispersar e diluir nossas memórias, lançando-as ao mar do esquecimento. Contudo, em resistência a esse esforço de apagamento, surgem vozes e narrativas que reinscrevem nossas memórias a partir da conciliação entre passado, presente e futuro — harmonização possível apenas por meio da descolonização do pensamento.

Nesse contexto, ao estabelecer as inter-relações entre corpo, tempo, performance, memória e produção de saberes — especialmente aqueles que se manifestam pelas corporeidades — a poeta, dramaturga e acadêmica Leda Maria Martins defende que o conceito de tempo também pode ser expresso por manifestações corporais, performances da experiência do “corpo vivo”, que “em si mesmo, estabelece e apresenta uma noção cósmica, ontológica, teórica e também rotineira da apreensão e da compreensão temporais” (MARTINS, 2021, p. 22). Ao reconhecer que as inscrições do tempo não se dão apenas por vias discursivas, Martins se propõe a pensar a possibilidade de que, para algumas culturas, sobretudo africanas, o tempo se constitui no gesto, no movimento, na superfície da pele.

Nessa perspectiva, ao observar que as culturas e sociedades africanas são constituídas principalmente por meios orais — e, portanto, pela tradição e pela memória —, o estudo da memória aqui será conduzido pelo fio da ancestralidade, que situa o sujeito negro na história, recuperando sua identidade e valorizando sua produção de saberes. Assim, a imagem do tempo será observada, tal como propõe Leda Maria Martins, sob o signo da espiral: uma linha curva que, sem se fechar, gira em torno de um ponto, afastando-se dele de forma regular — um processo que não se encerra facilmente. Desse modo, a gênese do pensamento e do conceito de tempo para a autora, fugindo das concepções ocidentais, traduz-se da seguinte forma:

Espiralar é o que, no meu entendimento, melhor ilustra essa percepção, concepção e experiência[...]o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem (MARTINS, 2021, p. 23).

As divisões ocidentais da noção de tempo — passado, presente e futuro; ontem, hoje e amanhã — não serão necessariamente tratadas separadamente neste trabalho. Em consonância com o pensamento de Martins, o tempo e a memória serão considerados como espirais, que articulam e unem as temporalidades, dilatando, continuando e imbricando as instâncias passado-presente-futuro: é o “início, meio e o início”.

Encarar o tempo como um espiral é compreender a urgência do resgate da memória da pessoa negra como um sujeito fundamental para a construção da sociedade brasileira. Nesse sentido, em *O Quilombismo*, no capítulo “Memória: a antiguidade do saber negro-africano”, Abdias do Nascimento afirma que a memória do negro brasileiro é profundamente ferida pelo longo período de exploração, violência e dominação do passado colonial. Para Nascimento, há um esforço das narrativas hegemônicas em reafirmar que a memória dos afro-brasileiros tem início no tráfico negreiro e na escravização dos africanos, no século XV. Contudo, o autor afirma que esses mitos sobre a população negra não passam de fantasias — histórias criadas pelo poder dominante com o objetivo de introjetar no imaginário nacional uma história contada a partir de uma única perspectiva.

Desse modo, Abdias do Nascimento ratifica que a memória do negro brasileiro possui, sim, origens étnicas, históricas e culturais, vinculadas à imagem da África como uma nação positiva, rica, terra de ancestralidade. Entretanto, o resgate dessa memória é sempre um problema, visto que “o contato físico do afro-brasileiro com os seus irmãos no continente e na diáspora sempre foi impedido ou dificultado, entre outros obstáculos, pela carência de meios econômicos que permitissem ao negro se locomover e viajar para fora do país” (NASCIMENTO, 2016, p. 247).

Ainda que muitas barreiras sejam criadas para nos afastar das lembranças que nos constituem e identificam, nossa relação ancestral resiste e sobrevive, sobretudo em consequência do movimento e da ascensão de narrativas que reconhecem na memória um poderoso instrumento de evocação de existências e temporalidades. Conceição Evaristo, por meio de sua escrita, estabelece uma importante relação diaspórica com a nação africana, na tentativa de fazer viver, no imaginário da nação brasileira, esse tempo espiralar, que se dilata e se movimenta no passado-presente-futuro.

O mar vagueia sob os meus pensamentos.
A memória bravia lança o leme:
“Recordar é preciso”.
O movimento de vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente naufraga.
Mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.

(EVARISTO, 2008, p. 9)

Recordar é preciso — e é mesmo. Há um poder especial na memória, capaz de resgatar fragmentos e símbolos, dar continuidade e realizar a reconstrução de uma pluralidade cultural, histórica e étnica outrora perdida. A memória é força, porque, antes de ser palavra, ela é performance: está no corpo, inscrita na pele, indissociável do indivíduo. Conceição Evaristo, em sua tese intitulada *Poemas Malungos – Cânticos Irmãos*, resgata a importância da memória para as culturas ágrafas, denunciando a tendência das narrativas dominantes de desconsiderar o teor epistemológico desse poderoso instrumento.

Navegar nas águas da História é navegar nas águas da certeza (pelo menos é o que dizem os historiadores tradicionais). Navegar nas águas da memória é enfrentar as correntezas do mistério, do impreciso. Sendo a memória, nas tradições ágrafas, o meio de salvaguardar a tradição, abordar as culturas africanas e suas ramificações pela diáspora, em princípio, significa colocar em cena o papel e a função da memória no campo da tradição oral (EVARISTO, 2011, p. 51).

A história oficial é um reflexo do projeto narrativo que se deseja implantar no imaginário da nação; por esse motivo, muitas narrativas são deixadas de fora, pois não há interesse em permitir a simultaneidade de vivências. Existe uma supremacia branca que deseja ser o parâmetro. Reverter esse cenário é um trabalho árduo, construído a partir das correntes misteriosas da memória. Para Evaristo, se por um lado houve um “esquecimento” dos registros relacionados aos africanos e seus descendentes no país, por outro, a memória gera uma ficção “que passeia pelos interstícios dessa história e gesta também análises, críticas, movimentos e movimentações que forjam uma outra leitura histórica” (EVARISTO, 2011, p. 53).

Nessa perspectiva, apropriando-se da memória como um dos recursos de sua criação literária, Conceição Evaristo constrói *Becos da Memória* a partir das lembranças da protagonista, Maria-Nova. O título pode sugerir uma dupla possibilidade de análise: os becos da favela — preenchidos por personagens diversos, de vivências diversas, pessoas tristes, felizes, sábias, indivíduos que ocupam as margens da sociedade — e os becos da memória da própria menina, que relembra sua infância em um lugar de afeto, rememora as pessoas que fizeram parte de sua vida e que, segundo ela, se amontoaram dentro dela da mesma maneira como eram amontoados os barracos da favela onde vivia.

Procurando ressaltar o modo como Evaristo tenta resgatar as lembranças das pessoas simples que vivem em lugares marcados pela experiência dura da pobreza e da exclusão, a pesquisadora Maria Nazareth Soares Fonseca observa que a autora, na construção do romance, busca recuperar narrativas dos habitantes de uma favela, que, na perspectiva de Fonseca, são narrativas que se assemelham às vivências da própria vida de Conceição Evaristo. Essa tentativa de recuperar as experiências vividas pelos personagens por meio do recurso da escuta e, posteriormente, do

armazenamento na memória é um potente dispositivo contra o esquecimento dessas narrativas. Desse modo, nota-se que a construção de Maria-Nova como essa personagem que gosta de observar e ouvir histórias é fundamental para a reconstrução da vivência de um “coletivo” que há muito é esquecido.

É pela capacidade de ouvir histórias, de prestar bem atenção em tudo que seus olhos alcançam, que o acervo de memórias será salvo do esquecimento, pela decisão de guardar as histórias que ouvia, “as histórias que as mulheres, às vezes, contavam baixinho” (p. 44). É pelo registro das memórias silenciadas que os contornos do coletivo se reiteram.. (FONSECA, 2010, p. 23).

Em *Becos da Memória*, Evaristo explora a relação entre memória e contação de histórias. O interessante é que a oralidade presente na obra é uma das heranças ancestrais que auxiliam na construção das memórias que a menina Maria posteriormente irá narrar em um futuro próximo. A memória, então, torna-se um lugar de luta, onde as histórias e experiências vividas pelas comunidades negras podem ser valorizadas e lembradas. O olhar astuto de Maria-Nova lhe causava uma sensação estranha; a menina não tinha noção de como faria, mas “ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e as dos outros. Por isso ela ouvia tudo atentamente. Não perdia nada” (EVARISTO, 2017, p. 23).

Em determinado momento da história, percebe-se que apreciar e ouvir as histórias de sua comunidade era um dos passatempos preferidos da pequena Maria. As histórias que mais gostava de ouvir eram as de Tio Totó e as da tia Maria-Velha. Bondade, cujo nome sugere um adjetivo para suas qualidades, era tido por Maria como o grande contador de histórias daquela favela: “coisas que ele não contava para gente grande Maria-Nova sabia. As histórias tristes Bondade contava com lágrimas nos olhos; nas alegres, ele tinha no rosto e nas mãos a alegria de uma criança” (EVARISTO, **ano**, p. 37).

O amontoado de histórias que ouvia se armazenava nas memórias da menina; as narrativas de ontem, de hoje e do amanhã se mesclavam. Em meio a tantos episódios de violência, pobreza e miserabilidade, era possível perceber laços de amor e solidariedade, atos afetuosos que, de acordo com a menina, eram transmitidos principalmente por Bondade e Vó Rita.

Diante disso, observa-se que a estratégia de utilizar elementos da memória na composição narrativa é uma forma de suportar os processos dolorosos pelos quais os personagens estão passando, entre eles o desfavelamento. Nesse sentido, Amanda Crispim do Nascimento, em sua dissertação intitulada *Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães*, reflete sobre a escrita e as escrevivências de mulheres negras e sobre como grande parte dessas escritoras se utiliza da memória para deixar os estereótipos para trás, transformando essa escrita em uma ação coletiva de comprometimento, uma arma poderosa.

Neste sentido, percebemos na escrevivência afrofeminina um estilo marcado por simbologias, metalinguagens e intertextualidades, construindo uma poética de resistência – caracterizada por um movimento de cobrança e denúncia, por meio de uma revisão histórica e social e de afirmação de identidade, através da reconstrução de uma tradição (ancestralidade africana, religiosidade, cultura) e da reescrita da história. (NASCIMENTO, 2003, p. 68)

A reverberação das memórias de Maria-Nova, ao longo do romance, evidencia a necessidade de denúncia contra o esquecimento que aquela comunidade vive. Ouvindo as histórias de Bondade, a menina experienciava a transmissão de saberes que ela sabia que não encontraria nos livros. Ao escutar as memórias do homem, a menina se emocionava e ele, ao perceber, parava alguns instantes, tomava fôlego e continuava, “pois é sabido que Bondade vivia intensamente cada história que narrava, e Maria-Nova, cada história que escutava” (EVARISTO, 2017, p. 63). Nos momentos da narrativa em que Bondade se encontra com a menina, é possível perceber que, no processo de contação de histórias, ambos ficavam com o peito doído, sangrando. Mesmo sentindo remorso de contar tantas histórias tristes para Maria, ele continuava, pois a menina gostava de “pôr o dedo na ferida, não na ferida alheia, mas naquela que ela traz no peito” (EVARISTO, 2017, p. 63).

A dor — essa ferida que trazia no peito — não era qualquer ferida. Não era recente. Essa ferida foi herdada de Mãe Joana, de Maria-Velha, de Totó, do louco Luisão da Serra, da avó mansa, que tinha todo o lado direito do corpo esquecido, e do bisavô, que tinha visto os sinhôs venderem Ayaba, a rainha. O fio condutor da memória e da ancestralidade fazia Maria-Nova se conectar com os seus, sentir-se parte, sentir as dores, o peso, a saudade, o banzo.

De todos os elementos fundamentais que compõem a escrita de Conceição Evaristo, sem dúvidas, trazer elementos da ancestralidade das comunidades afro-brasileiras é o que a torna tão importante nesse cenário e contexto de escritura. O banzo, uma enfermidade crônica que tomava conta dos africanos escravizados assim que desembarcavam no Brasil, é representado na construção de diversos personagens de Evaristo, possivelmente como uma tentativa de demonstrar que os descendentes desses povos vivem e estão, em certa medida, ligados a eles pelo fio da memória, das histórias, no espiral que é o tempo. Um tempo que não é dividido entre o ontem, o hoje e o amanhã, mas um tempo vivido simultaneamente, que mescla vivências e percepções dos marcos temporais do passado, do presente e do futuro.

Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá, sempre ardia, doía, sangrava muito (EVARISTO, 2017, p. 63).

A concentração em trazer para a narrativa, detalhadamente, os sentimentos que a personagem principal vivenciava ao ouvir as lembranças dos mais velhos, de seus familiares e amigos, é uma perceptível preocupação de criação nas obras de autoria de Evaristo. No que diz respeito à

criação de personagens negras na literatura brasileira, de modo geral — em poucos momentos, arrisco dizer que em quase nenhum — essas foram descritas com profundidade psicológica. Essa preocupação em demonstrar Maria-Nova experimentar uma catarse todas as vezes que acessa suas memórias e as memórias dos seus é o que nos faz perceber a importância desse olhar atento, que se dedica a construir personagens reais.

Em um depoimento realizado em um encontro virtual, no ano de 2020, com a presença de alguns escritores, como Angela Dannemann, Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte, Fernanda Felisberto, Goya Lopes e Isabella Rosado Nunes, Evaristo relata um pouco de como pensa e quais são suas prioridades ao construir seus personagens. A autora afirma que, se fosse criar uma cena em que uma mulher escravizada queimasse o vestido de ir ao baile da senhora, às vésperas de uma importante festa na casa-grande, o seu maior foco, certamente, se concentraria na construção da mulher escravizada.

Da senhora, em poucas linhas, seriam construídos os sentimentos de frustração, de raiva, e o plano de castigo que seria imposto à outra mulher. O exercício de criação estaria concentrado na mulher escravizada. Quais os seus sustos e temores... Seria por um acaso a queima do vestido...Como essa mulher enfrentaria o castigo...Buscaria uma possibilidade de fuga? (EVARISTO, 2020, p. 27).

Acreditando na humanidade dos personagens, Conceição Evaristo afirmou, no trabalho realizado junto ao Itaú Social, intitulado *A escrivência e os seus subtextos*, que cria personagens humanas, e que, enquanto outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam esses personagens, ela procura retratar a humanidade até mesmo de um sujeito que está com uma arma na mão. Os dramas existenciais que fazem parte da vida de todos os seres humanos compõem os seres ficcionais que a autora cria, características que extrapolam a pobreza, a fome, a miséria e a cor da pele e que, de acordo com a autora, “são personagens ficcionalizados que se con(fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo con(fundido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença” (EVARISTO, 2020, p. 31).

Na obra em questão, a convivência de três gerações dentro do barracão em que Maria-Nova vivia era, de certa forma, um dos fatores que contribuíam para a transmissão dos saberes ancestrais da família. Para além de uma continuidade genética, para a nova geração representada pela menina, a convivência com os familiares mais velhos a fazia acessar um mundo que não lhe era completamente desconhecido.

Ao refletir sobre a eternidade de Deus, tio Totó divagava, em seus pensamentos, sobre como, em certa medida, o ser humano também é eterno. Esse pensamento lhe vinha todas as vezes que olhava para Maria e pensava: “a menina parecia ser uma continuação dele e de Maria-Velha. E o velho e a mulher se eternizavam por meio da menina” (EVARISTO, 2017, p. 92).

A relação entre ancestralidade e memória, no âmbito da literatura brasileira, manifesta-se de diversas maneiras, seja pela recuperação da história dos ancestrais — sobretudo daqueles que, em algum momento, foram esquecidos pelas narrativas oficiais —, seja pela conexão com as raízes, fenômeno possível, principalmente, pelas heranças culturais, que permitem aos indivíduos compreender melhor suas origens e seu lugar no mundo. Por fim, mas não menos importante, essas relações podem constituir fortes ferramentas de resistência contra variadas formas de opressão.

Nessa perspectiva, é evidente que as memórias e a conexão com o ancestral são utilizadas, ao longo da narrativa, para recuperar a história, as narrativas e a cultura afro-brasileira. Por meio do espiral do tempo — esse ciclo contínuo que entrelaça o ontem, o hoje e o amanhã —, Maria-Nova seguia sua vida como se fosse uma continuação da vida dos que já partiram. Tio Tatão dizia que as pessoas “morrem, mas não morrem, continuam nas outras” (EVARISTO, 2017, p. 111).

Nas palavras de tio Tatão havia um desejo profundo: o homem tinha sede de que a vida dos seus, dos mais jovens de sua família, se realizasse. E exortava Maria, a pequena, a procurar uma nova vida e a deixar explodir tudo aquilo que havia nela. Certa vez, tio Tatão disse, em tom de ordem, para a menina: “A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter ouvidos, os olhos e o coração abertos” (EVARISTO, 2017, p. 111). Entendendo que essa fala do tio da menina demonstra a consciência de que, pelo fio da ancestralidade, a vida dos que viveram ontem continua, nota-se a ciclicidade do tempo, que se move em um fluxo contínuo que permite — ou não — que os eventos se repitam.

Desenvolvido pela antropóloga e filósofa brasileira Leda Maria Martins, em sua obra *O Tempo Espiral: Estudo Sobre a Relação entre Tempo e Cultura* (2007), o conceito de tempo como espiral nos ajuda a compreender como o passado, o presente e o futuro se interconectam, influenciando-se mutuamente. Do mesmo modo, admite múltiplas experiências de tempo, respeitando a perspectiva da experiência de cada indivíduo.

Para a autora, o tempo espiralar desafia a noção linear de tempo, característica tão presente na modernidade ocidental, ao passo que valoriza a multiplicidade das experiências temporais. O tempo espiralar, por fim, considera o todo e abandona a centralidade em partes isoladas da história. Conceição Evaristo, entendendo o seu lugar de criação e liberdade poética, afirma que:

Se a fala do colonizador de ontem perpetua em expressões como descobrimento, conquista, selvagens, revelando uma história concebida por um olhar etnocêntrico e eurocêntrico, há um discurso poético, que imagina outra história, outro destino para os africanos que foram trazidos e escravizados nas Américas. Afirma-se a poética de uma memória recriada, reinventada e que busca refazer o caminho de volta à África, reencontrar os primeiros africanos chegados ao Brasil, construir heróis segundo outro entendimento da história e resgatar da tradição negroafricana um repertório de signos próprios para a sua poética. (EVARISTO, 2008, p. 2, grifos da autora).

Nesse sentido, a poesia, a oralidade, a contação de histórias e a grafia comprometida com a ancestralidade tornam-se esse lugar de memória e constituem, portanto, “um dos lugares de criação, de manutenção e de difusão de memória, de identidade. Tornam-se um lugar de transgressão ao apresentar fatos e interpretações novas a uma história que antes só trazia a marca, o selo do colonizador” (EVARISTO, 2010, p. 133).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória, faculdade tantas vezes negada aos escravos e seus descendentes (lembremos que eram considerados sem alma, portanto sem humanidade, consequentemente, sem memória – cadeias de subtrações a forjá-los pelo signo da falta), a memória, repetimos, será a mola impulsionadora dos textos das escritoras afro-brasileiras. Recuperação de reminiscências relegadas ao avesso do afresco histórico das representações brasileiras. (NASCIMENTO, 2006, p.78).

A literatura sempre representou, para a sociedade, uma forma de o ser humano se conectar com a sua história. Contudo, nota-se que as versões de uma mesma história foram transmitidas por anos, negando, dessa maneira, a presença e a importância de pessoas negras nas narrativas oficiais. É por esse motivo que uma literatura comprometida, que busca, acima de tudo, recuperar as memórias que foram negligenciadas, constitui uma contribuição muito relevante, pois tem o poder de erguer toda uma ancestralidade e torna-se, dessa forma, um lugar de memória, onde as vozes que há muito foram silenciadas podem, finalmente, ecoar suas histórias.

O ato de escrever, para os escritores negros brasileiros, é, assim, “apropriar-se de sua história e de sua cultura, reescrevê-la segundo a sua vivência, numa linguagem que possa ser libertadora. Esse é o grande desafio para o escritor afro-brasileiro. Ele escreve, se comunica, através de um sistema que veio aprisioná-lo também, enquanto código representativo de uma realização linguística da cultura hegemônica” (EVARISTO, 2010, p. 136-137).

Dito isso, os resultados obtidos com este trabalho revelam a força que narrativas como as de Evaristo podem ter e como elas possuem um certo poder de movimentar as estruturas sociais que desejam, acima de tudo, ter o controle sobre a forma como agimos e pensamos. Desse modo, no primeiro momento desta pesquisa, procurei realizar uma breve reflexão sobre a literatura negro-brasileira. Entendendo que Conceição Evaristo, além de escritora, é uma intelectual bastante engajada na luta antirracista, concentrei-me, sobretudo, em suas falas acerca do que seria, na prática, essa literatura produzida por pessoas, por mulheres negras.

Nessa perspectiva, a autora considera que a literatura negra é um lugar que abriga e difunde uma memória étnica, bem como um espaço revelador de uma série de elementos que servirão para

representar essa “poética de nossa afro-brasilidade”. Assim, de forma sucinta e evidente, a literatura negro-brasileira tem o compromisso de inserir mundos diversos nas narrativas e se preocupa não só em retratar personagens negros, mas também em considerar a subjetividade de seus autores, o que pode significar uma força que potencializa as escrevivências que buscam resistir e representam uma forma de aquilombamento.

Após refletirmos sobre quais seriam as definições mais aceitas dos conceitos de literatura negro-brasileira e negro-feminina, partimos para as reflexões centrais desta pesquisa: a partir de *Becos da Memória*, compreender e analisar como a tríade lugar, pertencimento e nação está representada nas linhas da narrativa. O interesse em pesquisar e estudar como essas três categorias aparecem na obra surge, em primeiro lugar, como uma proposta de diálogo com estudos anteriores que, ao analisarem *Becos da Memória*, concentravam-se, sobretudo, quase que unanimemente, em estudos sobre identidade e memória.

A primeira parte deste estudo, sobre o lugar, propõe analisar como os personagens da obra se relacionam com o espaço em que vivem. Nesse momento da pesquisa, percebeu-se que esse estudo era indispensável para um bom resultado, já que *Becos da Memória* é uma obra preenchida por descrições de lugares, becos e, sobretudo, da favela — o espaço principal no qual o enredo se desenrola. As lembranças de Maria-Nova eram compostas pelos signos dos becos, pelas torneiras públicas e por cada detalhe das moradias dos indivíduos que ali viviam. À medida que nós, leitores, temos acesso aos lugares armazenados na mente da menina, temos a possibilidade de acessar um mundo de vivências e possibilidades.

Os primeiros lugares que busquei analisar foram as torneiras públicas, pois a percepção da menina mudava de acordo com a torneira que visitava. Ao observar as diferenças entre a torneira de cima e a torneira de baixo, nota-se que esses locais tinham o poder de demonstrar, para Maria-Nova, as desigualdades sociais e raciais às quais ela e sua comunidade estavam expostas. Assim, tomando como referência os pensamentos de Milton Santos, foi possível perceber o quanto os espaços de maior prestígio na sociedade estão reservados a uma parcela privilegiada da população.

No desenrolar da narrativa, parece que Maria-Nova adquire a consciência de que, para ela e os seus, os piores lugares da sociedade estavam reservados. Percebe-se que a não romantização dos espaços nos quais o enredo ocorre funciona como instrumento de denúncia contra as opressões que atingem diretamente pessoas negras na sociedade brasileira. A exposição das situações ruins às quais os personagens estão sujeitos desperta em Maria-Nova o desejo de um futuro melhor; ou seja, ao observar atentamente a realidade em que vive, a menina não se conforma e, dessa forma, sonha com algo novo. Os estudos e análises sobre o lugar e sua representação na narrativa foram fundamentais para o próximo passo desta pesquisa: o estudo sobre o pertencimento.

A fundamentação deste capítulo partiu do pressuposto de que a escrita de Conceição Evaristo está interligada à ancestralidade, que se demonstra uma grande ferramenta de recuperação

da identidade e do sentimento de pertencimento. O que, em primeiro lugar, motivou os estudos sobre pertencimento foi certamente o cerne de toda a narrativa: o desfavelamento. O interesse em investigar se era possível identificar algum lugar ao qual aqueles indivíduos pudessem pertencer surgiu, principalmente, das ideias de bell hooks, que acredita que pertencer é encontrar o próprio lugar no mundo — realidade que parece distante daqueles moradores que, ao serem expulsos da favela e não tendo para onde ir, não pertenciam a nenhum lugar.

Ainda que as circunstâncias da narrativa e as denúncias feitas por Maria-Nova evidenciassem uma realidade que dificilmente mudaria, foi possível refletir, neste capítulo, sobre como a construção da narrativa cria algumas alternativas de pertencimento, como o afeto de Bondade, que conhecia cada barraco, cada pessoa, e mesmo sem ter um lar fixo, era acolhido por todos os moradores. Ali, no coração de cada um, Bondade encontrava um lugar ao qual podia pertencer.

De acordo com Grada Kilomba, o sentimento de não pertencimento é uma das estratégias do racismo e suas facetas. Ainda que ao longo da história percebamos elementos que impediam aqueles indivíduos de se sentirem pertencentes, a forma como cada personagem reagiu à notícia do desfavelamento e a percepção de Maria-Nova diante de todos aqueles acontecimentos foram cruciais para notarmos que, mesmo diante da pobreza e da exclusão social, nos lugares da memória e da ancestralidade — representada por Vó Rita — a menina sempre poderia pertencer.

Outrossim, após refletir sobre os efeitos da desigualdade social na vida dos moradores daquela favela, partimos, para pensar a nação, dos seguintes questionamentos: “Há um lugar na nação reservado às pessoas que estão às margens da sociedade?” e “Qual seria o projeto de nação pensado para as pessoas negras no Brasil?”. Estabelecendo um diálogo com Benedict Anderson sobre as comunidades imaginadas, o capítulo propõe uma reflexão sobre como as narrativas são importantes instrumentos sociais que têm o poder de moldar aquilo que chamamos de narrativas oficiais, responsáveis por transmitir e simbolizar, como afirma Stuart Hall, experiências compartilhadas que dão sentido à nação.

Na ausência de narrativas que incluam múltiplas vivências, considera-se que a escrita de mulheres como Evaristo rompe com o pensamento hegemônico e tem a possibilidade de reescrever a nação. As mulheres negras reescrevem a nação porque, por meio de sua escrita, denunciam as opressões às quais pessoas racializadas estão sujeitas cotidianamente.

Por fim, pensamos a memória como uma manifestação do tempo espiralar. Isso porque analisar *Becos da Memória* sem considerar a memória como elemento fundamental da narrativa é tarefa quase impossível. Nos estudos desenvolvidos neste capítulo, refletiu-se sobre como o silenciamento e o apagamento — consequências do passado colonial — causaram lapsos de memória que geraram anos de esquecimento.

Pensando a memória como esse tempo espiralar, que, de acordo com Leda Martins, compreende o tempo não como linearidade, conforme as teorias ocidentais propõem, mas como espirais que unem simultaneamente passado, presente e futuro, entende-se que ela é fundamental para que a protagonista resgate lembranças de pessoas com as quais conviveu na infância, transformando-as em elementos basilares da narrativa.

Portanto, a literatura, a oralidade e a contação de histórias podem, pelo fio condutor da memória, comprometer-se com a ancestralidade, transformando-se em um lugar de insurreição e transgressão, pois “a autoria de mulher negra coloca textos marcantes em um sistema anteriormente erigido, notadamente, pela autoria de homens e mulheres brancas” (EVARISTO, 2020, p. 37).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros de Conceição Evaristo

EVARISTO, Conceição. 2008. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

_____. **Escrevivências da afro-brasilidade: História e memória**. Revista Releitura. Belo Horizonte, n.23, novembro, 2008, p. 1-17

_____. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 132-142.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b. EVARISTO, Conceição. **Escrevivência e seus Subtextos**. In: DUARTE, Constância; Nunes, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte. p. 27-46.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: Uma poética de nossa afro-brasilidade**. Dissertação de Mestrado. RJ, 1996.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3.Ed. Rio de Janeiro. Pallas; 2016.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2022.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016. 2.ed.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. 2. ed.

EVARISTO, Conceição. **Vozes-mulheres**. In: Cadernos Negros 13. São Paulo: Quilombhoje, 1990. p. 32-33.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências**. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=2s>. Acesso 15 de maio de 2024.

EVARISTO, C. **Esse lugar também é nosso** —Revista PUCRS. Disponível em: <<https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>>. Acesso em: 25 dez. 2023. EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. Revista Palmares, v. 1, pág. 52–57, 2005.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ADICHIE, Chimamanda. **O Perigo da História Única**. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global 2009). Acesso em: 21 de set de 2019.

ALMEIDA, Mariléa. **Devir quilomba: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas**. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

ALMEIDA, Marileia. **Corporeidades negras em risco: o racismo acadêmico e seus afetos**. Humanidades & Invasão, Vol 7, 2020.

ALVES, Miriam. **A literatura negra feminina no Brasil—pensando a existência**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 1, n. 3, p. 181-190, 2011.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginas**. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

BENTO, Berenice. **Quem pode habitar o estado-nação?** Cadernos PAGU, 2018.

BHABHA, Homi. DisseminaNação In: **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

BARRETO, Raquel. **Enegrecendo o feminismo ou Feminizando a raça: narrativas de Libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em História social da cultura da PUC-Rio, 2005.

BAIRROS, Luiza. **Lembrando Lélia Gonzalez**. In: **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

BALIBAR, Etienne. **Raça, nação, classe: as identidades ambíguas**. Balibar, Immanuel Wallerstein. Tradução de Wanda Caldeira. São Paulo: Boitempo, 2021.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo – a experiência vivida**; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. **O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo**. 2006.

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 01, p. 229-236, 2000.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 2014.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022. (**cidade**)

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gaytri. **Quem Canta o Estado-nação?** Editora UnB, 2018. (**nao tem cidade?**)

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Tese de doutorado em Educação, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2005.

CURIEL, Ochy. **La nación heterosexual**: Analisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación. Impresal Ediciones, 2013.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Para não ser trapa no mundo: As mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 44, Brasília, jul./dez. 2014

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Belo Horizonte, 2012

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares; DE GODOY, Maria Carolina. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Editora UFMG, 2011. debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito)

DUARTE, Eduardo de Assis. **Escrivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica**. Duarte, CL, p. 74-94, 2020.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Riode Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 74-94.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FERREIRA, Amanda Crispim. **Escrivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães**, 2013.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura Negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?** In: SOUZA, Florentina; Lima, Maria Nazaré (Org.) Literatura afro-brasileira. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

_____. Literatura Negra: sentidos e ramificações. In: DUARTE, Eduardo de Assis e _____ (Org.). **Literatura e Afrodescendência no Brasil:** antologia crítica. Vol. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 245-278.

_____. **O mar onduloso da memória em Conceição Evaristo.** Via Atlântica, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 15–27, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista ciências sociais hoje, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Boitempo Editorial, 2021.

GILROY, Paul. **Entre campos:** nações, culturas eo fascínio da raça. Tradução de Célia Maria Marinho de Azevedo. São paulo: Annablume, 2007.

HOBBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780:** programa, mito e realidade. Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. São paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

HALL, Stuart. **El triángulo funesto: raza, etnia, nación.** Madrid: Traficantes de Sueños, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 2009.

HOOKS, bell. **Erguer a voz:** pensar como feminista, pensar como negra. Editora Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar.** Editora Elefante, 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Antologia pessoal.** José Carlos Sebe Bom Meihy (Org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. **Diário de Bitita.** Sacramento: Editora Bertolucci, 2007.

_____. **Quarto de despejo.** São Paulo: Ática, 2007

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação:** episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**; Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autentica, 2019.

MACHADO, Lízia Khênya de Campos Rosa et al. **Pelos Becos da memória: uma análise da autorrepresentação negro-feminina em Conceição Evaristo**. 2021.

MACHADO, Vanda. **Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2019

MARTINS, Leda Maria. **Orality da Memória: corpo, lugar da memória**. APUD: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.) Brasil afro-brasileiro / organizado por Maria Nazareth Soares Fonseca. _ 2ª edição, 1ª reimpressão _ Belo Horizonte, Autêntica, 2006, 65.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021.

MELATTI, Julio Cezar. **Por que a aldeia é redonda**. Informativo FUNAI, ano, v. 3, p. n0, 1974.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 1 impressão. 2a ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NASCIMENTO, Abdias (2016 [1978]). **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual: Possibilidades nos dias de destruição**. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana. Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: Relações Raciais, quilombolas e movimentos**; organização de Alex Ratts-1 ed. RJ: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. **Poéticas Afro-femininas**. In: CORREA, Regina Helena Machado Aquino (Orgs.). *Nem fruta nem flor*. Londrina: Edições Humanidades, 2006. p. 73-90

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

NEVES, Simone Rodrigues. Escritas que curam: complexo racial e narrativa memorialista. **Junguiana**, v. 41, n. 1, p. 141-154, 2023.

OLIVEIRA, Neuza Pereira de. **A reconstrução ficcional da favela em becos da memória, de Conceição Evaristo**. 2022.

PETROT, Paulo Petronilio. **Desobediências da crítica nas encruzilhadas literárias**. São Paulo: Verona, 2023.

PETROT, Paulo Petronilio. **Enegrecendo a crítica: por uma experiência do fora**. Muitas Vozes. Pota Grossa, 2023.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

QUEIROZ, Ana Maria Martins et al. **Geo-grafias insurgentes: corpo e espaço nos romances ponciá vicêncio e becos da memória de Conceição Evaristo**. 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

RISERIO, Antonio. **Em busca da nação**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2020.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**: Sobre conhecimentos, educações e pós-colonialismo. VIII Seminário Internacional. As redes educativas e as tecnologias: Movimentos Sociais e Educação. Junho/2015 94.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. Fósforo, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos, “**Início, meio, início: Conversa com Antônio Bispo dos Santos**”, *Indisciplinar*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 52–69, 2020. DOI: 10.35699/2525-3263.2020.26241.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Formação, transgressão e rupturas na literatura negro-brasileira escrita por mulheres**. Cerrados, Unb/Brasília, 2021

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001

SANTOS, Milton. **O lugar: encontrando o futuro**. RUA: Revista de urbanismo e arquitetura, v. 4, n. 1, 1996.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978. SANTOS, M. Espaço e Sociedade. Petrópolis: Vozes, 1979. SANTOS, M. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1982. SANTOS, M. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. SANTOS, M. Território globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994. SANTOS, M. A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996. SANTOS, M. O espaço do cidadão. **São Paulo: Nobel, 2000**

SEGATO, Rita. **La Nación y e sus outros; raza, etnicidad y diversidad religiosa em tiempos de políticas de la identidad** – 1ª ed.- Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

SERPA, Natália Regina Rocha. **Cartografia da memória: a percepção dos lugares e de identidades afrodescendentes nos romances Ponciá Vivêncio e Becos da Memória, de Conceição Evaristo.** 2014.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. **Na literatura, mulheres que reescrevem a nação.** In: Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto. Organização de Heloísa B. de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SODRE, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.** Rio de Janeiro. Mauad X, 2019.

SOUZA, Francisca Katrine de Carvalho et al. **A FAVELA EM PERSPECTIVA COMPARADA: A expressão do espaço nas obras Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus e Becos da Memória de Conceição Evaristo.** 2023.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira. Salvador: Centro de estudos afro-orientais,** 2006..

SOUZA, Santos Neusa. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TEODORO, Mário. **A sociedade desigual: racismo e branquitude na formação do Brasil .** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

TUAN, Yi-Fu. 1983. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência.** Tradução de Líviade Oliveira, São Paulo, Difel. (**ANO AQUI**)

WALLERSTEIN, Immanuel. **Raça, Nação, Classe.** Tradução Wanda aldeira Brant.- 1 ed. São Paulo: Bitempo, 2021.

WERNECK, Jurema. **Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo.** Revista da ABPN. V1. N1, 2010.